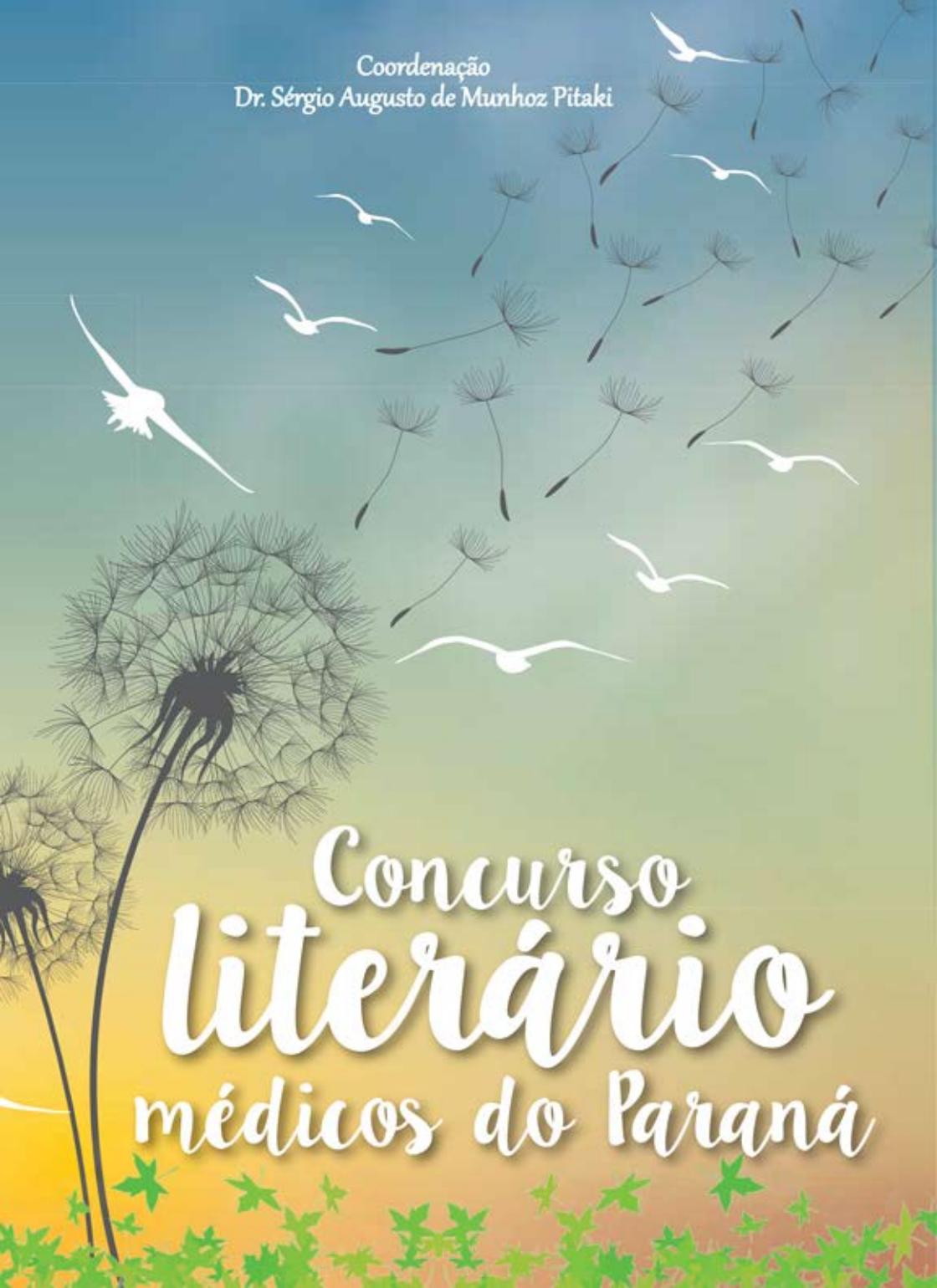


Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki



Concurso
literário
médicos do Paraná

SOBRAMES

Também é objetivo deste Concurso Literário divulgar a SOCIEDADE BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES, aonde muitos colegas, em todo o país, veiculam sua arte literária.

A SOBRAMES foi fundada em São Paulo no dia 23 de abril de 1965 pelo Dr. Eurico Branco Ribeiro, médico e eminente cirurgião, paranaense de Guarapuava, radicado na capital paulista. Entre os 18 sócios fundadores estava outro médico paranaense, o Dr. Gláucio Bandeira, o qual foi o primeiro presidente da entidade. Em 1984, a sociedade foi presidida pelo professor da UFPR, Dr. Ruy Noronha de Miranda e na gestão 2013-14 tive a grata satisfação de presidir a entidade nacional. Atualmente são 26 entidades regionais que congregam centenas de médicos escritores. Todos os anos são promovidos jornadas estaduais, um congresso nacional bianual, intercalado por uma jornada também nacional.

As atividades dos sobramistas vão muito além da literária. A amizade entre seus membros é uma característica fundamental para essa nova experiência. É certo que as letras fazem emergir uma faceta muito particular do médico, sem esquecer que no exercício profissional, o foco de todo nosso esforço é o paciente. São muitos os cientistas, os professores, os médicos generalistas ou ultra-especializados, que juntos alcançam o paroxismo literário em todas as suas formas.

Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Concurso

literário médicos do Paraná

Associação Médica do Paraná
Conselho Regional de Medicina do Paraná
Academia Paranaense de Medicina



Coordenação
Dr. Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

1ª Edição
Curitiba 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pitaki, Sérgio Augusto de Munhoz

Concurso Literário Médico do Paraná / Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki. -
Curitiba : 2015.

232 p.

ISBN 978-85-92804-02-2

1. Poesia

2. Contos

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais
forem os meios, sem a permissão, por escrito, do autor.



Coordenação e Edição:

Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki

Diagramação

Letícia Ferreira/Vicente Design

Capa

Letícia Ferreira/Vicente Design

Gráfica

Capital

Revisão

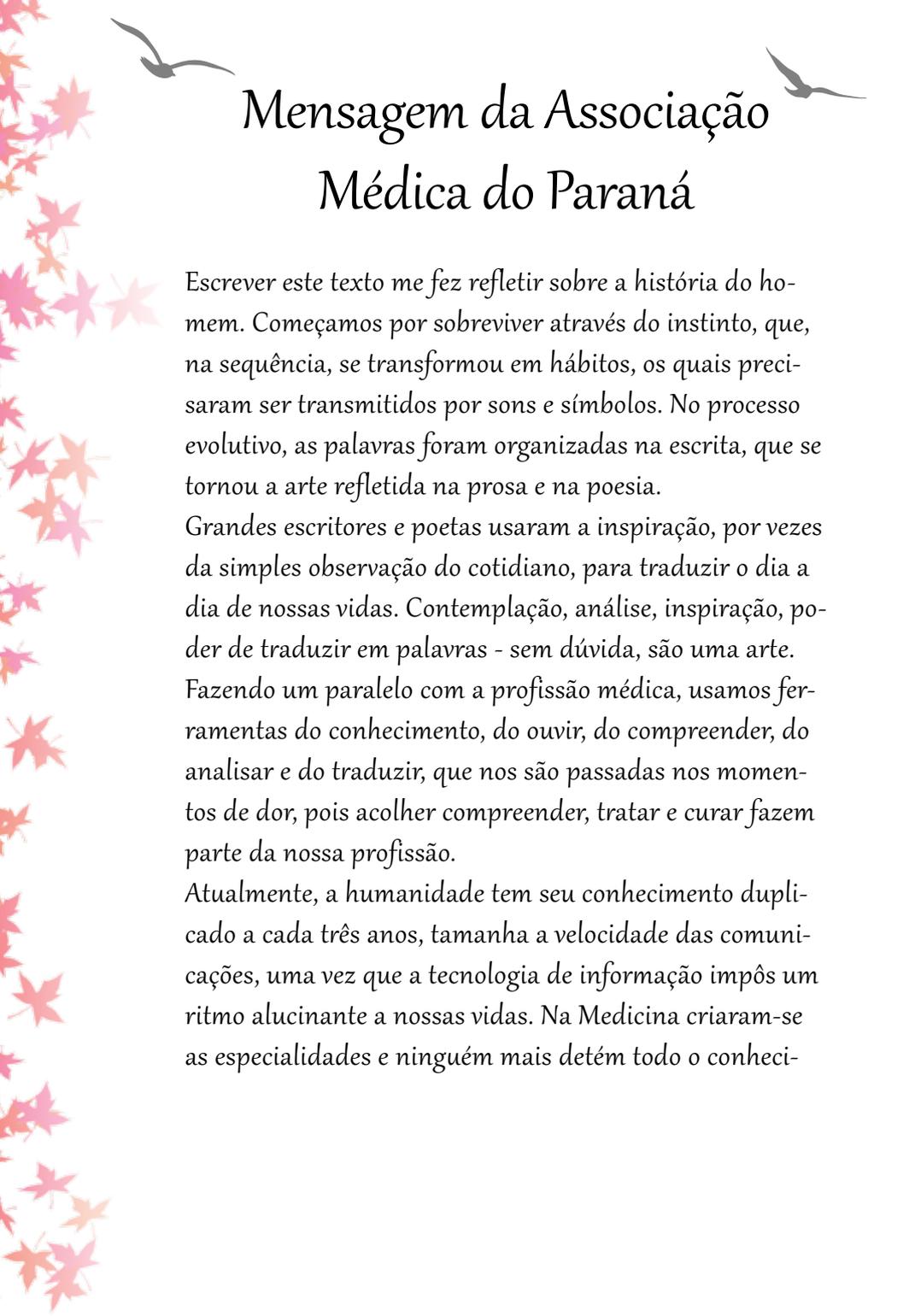
Caibar Pereira Magalhães Júnior

Realizadores





Prefácio



Mensagem da Associação Médica do Paraná

Escrever este texto me fez refletir sobre a história do homem. Começamos por sobreviver através do instinto, que, na sequência, se transformou em hábitos, os quais precisaram ser transmitidos por sons e símbolos. No processo evolutivo, as palavras foram organizadas na escrita, que se tornou a arte refletida na prosa e na poesia.

Grandes escritores e poetas usaram a inspiração, por vezes da simples observação do cotidiano, para traduzir o dia a dia de nossas vidas. Contemplação, análise, inspiração, poder de traduzir em palavras - sem dúvida, são uma arte.

Fazendo um paralelo com a profissão médica, usamos ferramentas do conhecimento, do ouvir, do compreender, do analisar e do traduzir, que nos são passadas nos momentos de dor, pois acolher, compreender, tratar e curar fazem parte da nossa profissão.

Atualmente, a humanidade tem seu conhecimento duplicado a cada três anos, tamanha a velocidade das comunicações, uma vez que a tecnologia de informação impôs um ritmo alucinante a nossas vidas. Na Medicina criaram-se as especialidades e ninguém mais detém todo o conheci-

mento. Apesar deste frenesi, paramos para ler, refletir e admirar a arte da escrita. O que seria de nós se não tivéssemos bases sólidas para desenvolver nossa ciência? Seria como um prédio construído sem base: e fatalmente cairia.

Medicina e arte, arte e Medicina.

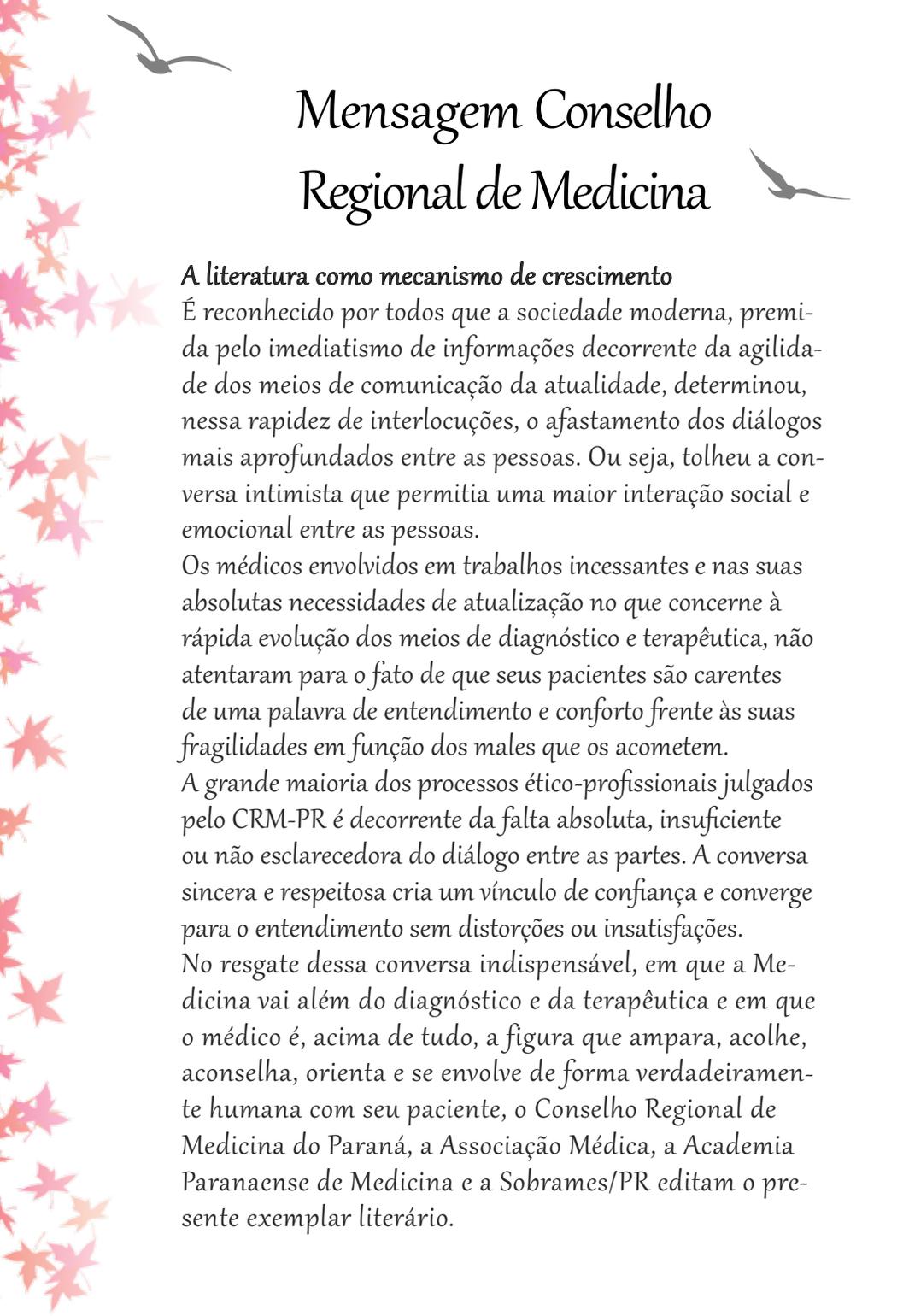
Medicina e escrita, escrita é a medicina.

Existem aqueles que, além de serem médicos, têm o dom de traduzir em palavras— em prosa e poesia — o fenômeno da vida. A eles, nosso reconhecimento. Para enaltecer e reconhecer a arte destes colegas, realizamos Concurso Literário Médico, envolvendo prosa e poesia, apresentadas páginas desta publicação.

Boa leitura.

Dr. Nerlan T. G. de Carvalho
Vice-Presidente e Presidente em exercício.





Mensagem Conselho Regional de Medicina

A literatura como mecanismo de crescimento

É reconhecido por todos que a sociedade moderna, premiada pelo imediatismo de informações decorrente da agilidade dos meios de comunicação da atualidade, determinou, nessa rapidez de interlocuções, o afastamento dos diálogos mais aprofundados entre as pessoas. Ou seja, tolheu a conversa intimista que permitia uma maior interação social e emocional entre as pessoas.

Os médicos envolvidos em trabalhos incessantes e nas suas absolutas necessidades de atualização no que concerne à rápida evolução dos meios de diagnóstico e terapêutica, não atentaram para o fato de que seus pacientes são carentes de uma palavra de entendimento e conforto frente às suas fragilidades em função dos males que os acometem.

A grande maioria dos processos ético-profissionais julgados pelo CRM-PR é decorrente da falta absoluta, insuficiente ou não esclarecedora do diálogo entre as partes. A conversa sincera e respeitosa cria um vínculo de confiança e converge para o entendimento sem distorções ou insatisfações.

No resgate dessa conversa indispensável, em que a Medicina vai além do diagnóstico e da terapêutica e em que o médico é, acima de tudo, a figura que ampara, acolhe, aconselha, orienta e se envolve de forma verdadeiramente humana com seu paciente, o Conselho Regional de Medicina do Paraná, a Associação Médica, a Academia Paranaense de Medicina e a Sobrames/PR editam o presente exemplar literário.

Perguntarão alguns – que sejam poucos, espero – por que textos literários direcionados a médicos?

Porque é na literatura antiga ou atual, nas suas palavras, nas suas essências e nas suas colocações, que levam às reflexões daquilo que é explícito ou induzido, que os médicos perceberão o quanto podem melhorar o seu vocabulário, ampliar seus conhecimentos sobre a intimidade e personalidade de alguns de seus pacientes, aperfeiçoar o entendimento de um olhar ou do gestual daquele que o procura em suas necessidades, nem sempre somente físicas. Também a resgatar a imagem de austeridade e de interesse do médico em escutar as queixas, mesmo aquelas que de imediato pareçam sem grande importância, mas que para o paciente são motivadoras de apreensão e insegurança.

Tentamos aqui o despertar do gosto pela literatura, instrumento indispensável ao aprimoramento dos sentimentos e comportamentos sociais e profissionais do bom médico.

Dr. Luiz Ernesto Pujol
Presidente do CRM-PR.





Mensagem da Academia Paranaense de Medicina

Palavra do Presidente da Academia Paranaense de Medicina

Fundada há 37 anos, a Academia Paranaense de Medicina teve, em suas várias diretorias, luminares da Medicina do nosso Estado, os quais muito zelaram e muito fizeram pelo engrandecimento de nossa entidade.

Conferências, palestras, cursos, intercâmbios, participação em congressos e conclaves, reuniões culturais e científicas, viagens sociocientíficas, etc. sempre foram foco da Academia, mas até o presente não tínhamos nenhum concurso de poesias e contos. Isto levou nosso brilhantíssimo confrade Sérgio Augusto de Munhoz Pitaki, Diretor de Relações Nacionais da Academia Paranaense de Medicina, a idealizar concurso estadual de contos e poesias, dando assim oportunidade a todos os médicos paranaenses de mostrarem os seus escritos.

Este concurso insere nossa Academia no rol daquelas sociedades que divulgam a cultura nacional, iniciativa esta que por certo se manterá por incontáveis anos.

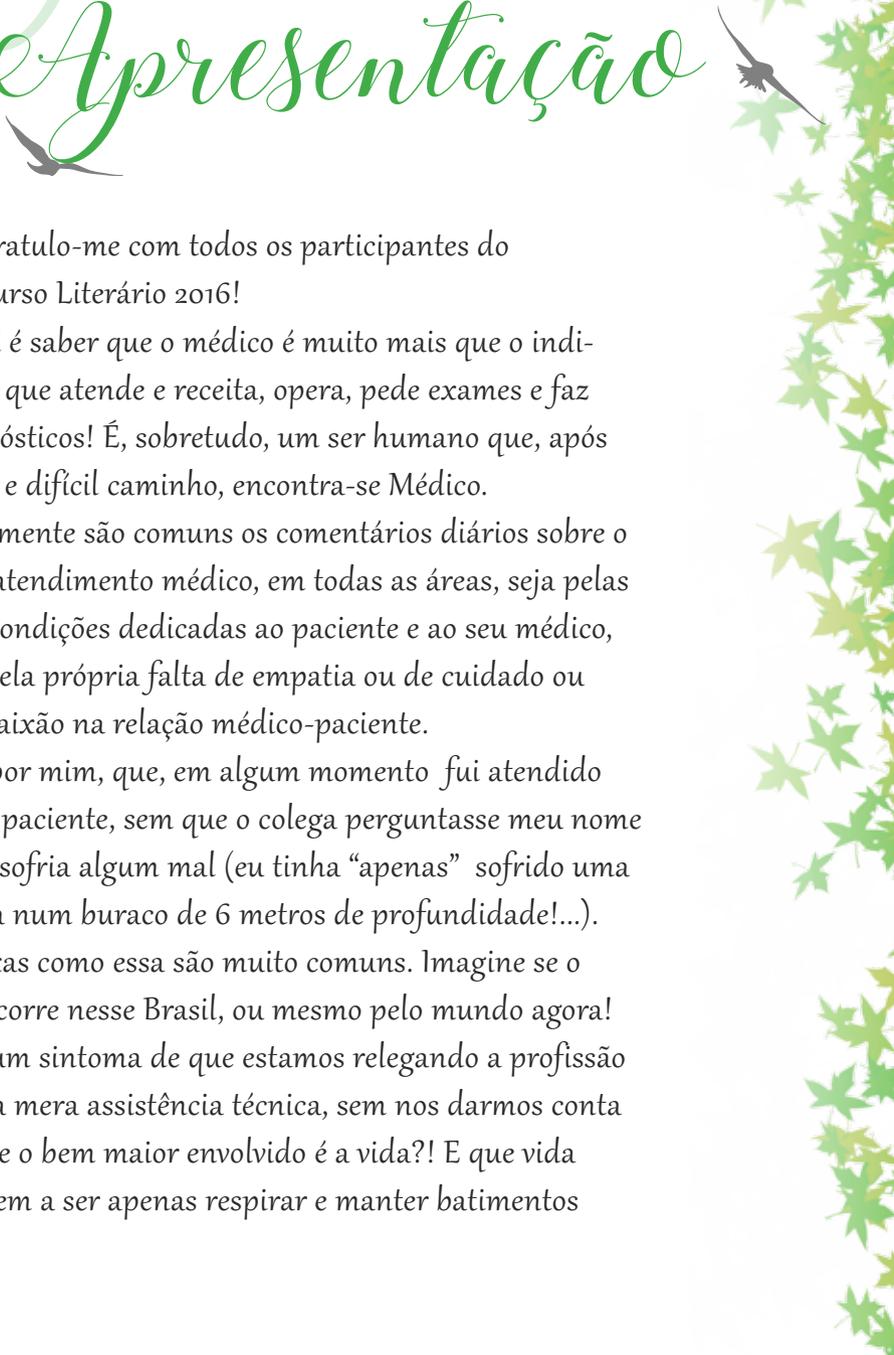
Dr. Aristides de Athayde Neto

Presidente da Academia Paranaense de Medicina



Apresentação

Apresentação



Congratulo-me com todos os participantes do
Concurso Literário 2016!

Crível é saber que o médico é muito mais que o indivíduo que atende e receita, opera, pede exames e faz diagnósticos! É, sobretudo, um ser humano que, após longo e difícil caminho, encontra-se Médico.

Atualmente são comuns os comentários diários sobre o mau atendimento médico, em todas as áreas, seja pelas más condições dedicadas ao paciente e ao seu médico, seja pela própria falta de empatia ou de cuidado ou compaixão na relação médico-paciente.

Falo por mim, que, em algum momento fui atendido como paciente, sem que o colega perguntasse meu nome ou se sofria algum mal (eu tinha “apenas” sofrido uma queda num buraco de 6 metros de profundidade!...).

Queixas como essa são muito comuns. Imagine se o que ocorre nesse Brasil, ou mesmo pelo mundo agora! Será um sintoma de que estamos relegando a profissão a uma mera assistência técnica, sem nos darmos conta de que o bem maior envolvido é a vida?! E que vida não vem a ser apenas respirar e manter batimentos



cardíacos, mas pensar, sentir, interagir, relacionar essas dimensões com qualidade?

O Prof. Dr. Dante Gallian da UNIFESP, num artigo brilhante, extremamente focado neste assunto, chamado “A (Re) humanização da Medicina”, resumiu esse desequilíbrio aflitivo e quase imponderável em pontos importantes, dentre os quais cita como fundamentais:

- Em sua origem a Medicina Ocidental era uma ciência essencialmente humanística.
- O médicoclássico é, antes de tudo, um filósofo; um conhecedor das leis da natureza e da alma humana.
- Nunca como hoje se faz tão necessária a reflexão histórico-filosófica para que se possa reumanizar a Medicina e as ciências da saúde em geral.

Neste diapasão, concordamos todos que houve uma mudança de paradigmas em relação ao conhecimento científico, principalmente nos últimos 100 anos, começando com as importantes descobertas dos séculos XVII e XVIII, como os primeiros passos para a Medicina científico-experimental. Sim, há diferença entre um Xamã que viaja pelos Andes e o plantonista da Unidade de Terapia Intensiva! Como há diferença entre aquele que faz acupuntura na sala dos fundos do salão de beleza e o médico que se dedica à acupuntura científica, associando os conhecimentos da Medicina Moderna com os conceitos milenares da Medicina Tradicional Chinesa.

Gallian, em seu artigo, ressalta os “milagres” da cura e de

diagnóstico realizados no século XX, quando a Medicina estava por atingir sua “idade de ouro” e passar a um estágio de “ciência exata”. Em outro trecho, afirma: “As causas das doenças, portanto, deveriam ser buscadas não apenas no órgão ou mesmo no organismo enfermo, mas também e principalmente no que há de essencialmente humano no homem: a alma; esse componente espiritual que distingue o homem dos outros organismos vivos do planeta.”

Dito isso de maneira concisa, porém contundente, resta aos médicos artistas, escritores, pintores, músicos e poetas buscarmos - através de nossa sensibilidade, insights, “revelações” e procura incessante – perscrutar a nossa própria alma e também a da nossa profissão que, apesar de atingir um ápice inimaginável há 50 anos, carece de um elo com seu objetivo precípua, o que é o ser humano.

O CONCURSO LITERÁRIO 2016 proporcionado pela Associação Médica do Paraná, pelo Conselho de Medicina do Paraná e pela Academia Paranaense de Medicina tem como desiderato primeiro resgatar nos médicos paranaenses este “algo mais”: o elo entre o técnico e o subjetivo. Buscar em todos nós a inspiração que nos faz pensar, sentir e agir, dando espaço aos questionamentos interiores de modo a permitir-lhes florescer a nosso favor. Há muitas situações em nossa profissão que podem ser debatidas e enfrentadas - poeticamente - como essas



abordadas em “Sou contra”:

Sou contra os estupradores, violentadores e a insana rebel-
dia;

Sou contra o mal-estar dos doentes na enfermaria;

Sou contra o roubo, o engodo e a covardia!

Sou contra a cárie, a tuberculose e a sangria;

Sou contra a fome, a miséria, a melancolia e ainda

Sou contra a ditadura da rima na poesia!

VIVA A PROSA! VIVA A POESIA! VIVA A MEDICINA!

DR. SÉRGIO AUGUSTO DE MUNHOZ PITAKI

**Diretor Cultural – AMP
Academia Paranaense de Medicina
Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Paraná**



Sumário

24 } Dr. Carlos Frederico Almeida Rodrigues
(Pseudônimo – Frederico Rodrigues)
Benu, o pássaro
Óbito materno

Dr. Valdir Furtado (Pseudônimo – Esopo) } 26
O marujo sonhador
Casa velha

30 } Dr. Luiz Antônio Sá (Pseudônimo – Gigio)
Batismo de Fogo
Chamado em domicílio

Dr. Cláudio Franck (Pseudônimo – Lucmee) } 35
Cuidado com as correntes
Les deux balcons

40 } Dr. Carlos Magno Guimarães
(Pseudônimo – C. Guimarães)
Sexta Santa

Dr. Lourimar de Moura Moreira } 41
(Pseudônimo – Antonio Moreira)
Febril

42 } Dr. Luiz Garcia (Pseudônimo – Garcia)
Meu bem

Acadêmica Milena Santana (UFPR) (Pseudônimo – Mila Alves) }
Sobre os vinte anos } 43
Renascer }

45 } Dr. Raphael Rodrigues (Pseudônimo – Raphael R.V.)
Subjetivo
Reações

Dra. Ana Flávia Filus Tinus (Pseudônimo – Les) }
Poeminha ciumento } 47
Enlace }

49 } Dr. João Batista Marchesini (Pseudônimo – De Joelhos)
Oração do cirurgião

Dr. Elvio Tuoto (Pseudônimo – Doktoro Esperanto) }
Três minicontos médicos } 51

54 } Dr. Carlos Homero Giacomini (Pseudônimo – Antônio Conceição)
A caveira colorida sincera

Dr. Deraldo Mancini (Pseudônimo – Conde Marcello) }
Champanhe e gratidão }
Médico da família } 57

66 Acadêmica Isadora Cavenago Fillus (Oeste do Paraná
– Francisco Beltrão) (Pseudônimo – Clarice)
Bagagem
Roda da Fortuna

Dr. Carlos Eduardo Merss (Pseudônimo –
Sebastian Oakriver)
Do pó ao pó

64

67 Dra. Jacemar Cristina Rocha da Costa
(Pseudônimo – Fluorescência)
Mar sem fim
Esplanada da vida

Dra. Deisy Brigid de Zorzi Dalke (Pseudôni-
mo – Joana Bishop)
Morte cerebral

69

70 Dra. Alanna Camargo (Pseudônimo –
Don'ana Jansen)
Colar de marfim

Dr. William Feres (Pseudônimo – Tchoim)
Um eterno Super-homem

72

75 Dr. Paulo H. Mai (Pseudônimo – Poumailloux)
Nós, Eu e os outros Nós

Dr. Cesar Machado (Pseudônimo – Étienne Dumont)
Derradeiro suspiro

79

82 { **Dra. Marta Ribeiro (Pseudônimos)**
Cheiro de Infância (Clarice Allende)
De vereda (Isabel Lispector)

**Dra. Victória Ampessan Damas (Pseudônimo –
Victoria Tremont)** } 86
Do mais lindo azul

90 { **Dr. Caio Cesar Silva de Castro (Pseudônimo –
Lawrence da Arábia)**
Variações sobre a pele
Pai de todas as dores

**Dr. Manuel Maria Ramirez y Anguita (Pseudônimo –
Ramirez y Anguita)** } 92
Colheita suave

93 { **Dr. Leotil José Zardo (Pseudônimo – Lezard J.)**
Brisas Mágicas

**Acadêmica Bruna Fernanda de Castro (Pseudônimo –
Fernanda Nerissa)** } 95
Verbo
Ensino meu, ensina-me

99 { **Dra. Tânia Hegler (Pseudônimo – Marisa)**
Nostalgia
Sussurro

Ruy Macedo (Pseudônimo – Rcmacedo)

Pensar e sorrir

101

104

Dra. Mailin Bragato (Pseudônimo – Lírio do Campo)

Dignidade médica

Num P.S. (Senhas e olhares)

Dr. Edu Giacomini (Pseudônimo – Eliud Jonathan)

Sobre o sonho e o mundo, ou O Discurso do Nada

Intercontinental

107

111

Dra. Juliana Santos (Pseudônimo – Maria Rosa)

Sonhos periféricos

Dra. Jeanine Berbel (Pseudônimo – Nina)

De amor & dor

Pesos e medidas

113

116

Dra. Jaqueline Doring Rodrigues (Pseudônimo – A Filha do Vento)

Sobre glória e compaixão

Dr. (Pseudônimo – Nego da Vó Margarida)

Para Geia

119

121 } **Dr. Edival Perrini (Pseudônimo – Treze Sampaio)**
Proa
Vértice

Dra. Adriana Utida (Pseudônimo – Adri Utida) }
Amo te amar } 122

124 } **Dra. Aline Dranka (Pseudônimo – Felicitologista)**
Felicitologia

Dr. Reginaldo Werneck Lopes (Pseudônimo – Juca Esculápio) }
Teus olhos } 126
...A difícil arte de amar

131 } **Dr. Jaber Farah (Pseudônimo – Cunha)**
Colega do Grupo Escolar
Dalva

Dra. Aline von Bathen (Pseudônimo – Netha Binovli) }
Política torcida no estádio } 134

136 } **Dr. André Guimarães (Pseudônimo – Dedé Guima)**
Uma flor chamada Dayane

138 } Dr. Daniel Alves de Mello (Pseudônimo – Lucas Vatie)
Ausência

Dr. Victor Silva (Pseudônimo - Emmanuel)
Prognóstico e prescrição } 139

141 } Acadêmica Aysla Rinaldo (Pseudônimo – Cecília Ibaz)
A primeira anamnese
Empatia terapêutica

Dr. Agostinho Bertoldi (Pseudônimo – Trentino_)
Oleiro } 144
Criança na rua

147 } Dra. Helena Lúcia Zidan Sória (Pseudônimo - Oestina)
Parabéns!
Psiu de novo!

Dr. Lorivaldo Minelli (Pseudônimo – Lauri)
Minha personagem } 151
Incertezas

157 } Dr. Aristides Schier Da Cruz (Pseudônimo –
A corrupção e a morte)
O menino e o pinto

158

Dr. Jorge Timi (Pseudônimo – Rafael André)

A Taberna

Porto Solidão

Dra. Neide Calixto (Pseudônimo – Nefertary)

Lugar de pedra dura entre cristais tão pura

161

163

Dra. Mariana Monclaro Puppi Cardoso

(Pseudônimo – Sarah Hakim)

Meu oposto Eu

Dra. Emily Moraes (Pseudônimo – E. Silva)

Adversidades

Três em um

164

170

Dr. Marcelo Gonzaga de Santana

Umás faltas, um câncer e recomendações para o futuro

Gabriela, Lia, Marte e um oftalmologista que não olha no olho

Dr. Clovis do Valle (Pseudônimo – Di-Ci)

Diálogo entre o ateu moribundo e o profeta

Minha vida de criança

177

181

Dra. Renata Pullig Lucio (Pseudônimo – Joanna Luci)

Saudade

Além desse plano

Dra. Meiri Janz (Pseudônimo – Jatobá)

O pulso

Aurora

183

184 } Dra. Ana Beatriz Damiani Ferreira
(Pseudônimo – Natanael Damiano)
Tertúlia

Dr. Maurício Norberto Friedrich (Pseudônimo – O Sonhador).
Felicidade } 187
Trovas em cascata

191 } Dr. Fábio Uesu (Pseudônimo – Anton)
Humilhação
Entrevista

Dr. Gilmar Mereb Chueire Calixto (Pseudônimo – Valdemor Oliveira)
Poesia em dúvida. Por quê? Será? } 194
Gazeta da Cidade: a poetisa partiu

198 } Dr. Rogério De Fraga (Pseudônimo – El Morya)
Dorme, Vecchio
O curador

Dr. César Lopes (Pseudônimo – César C. B. Lopes)
Águas passadas } 201
Os ventres do Amanhã

205 } Dra. Laoane Guimarães (Pseudônimo – Stacy Pucci)
Escolho servir

Dra. Eloisa Gabriela Linke (Pseudônimo – Ariadnis Tuhoj)
Eu odeio pobre } 207

209 } **Dra. Thalita Bento Talizin (Pseudônimo – Menina)**
Ao médico mestre

Dr. Matheus Kahakura (Pseudônimo – Mahler) }
Companheiro } 211
Oração de Formatura }

217 } **Dra. Luciana Ballardin (Pseudônimo – Caixinha de Música)**
Fantasmas

Dr. Aurélio Ribeiro (Pseudônimo – Sean Feign) }
Crônica do sacrifício o } 218

223 } **Dr. Milton Bocato (Pseudônimo – Bocato)**
Embriagado de poesia
O que sou eu?

Dr. Ribamar Leonildo Maroneze }
(Pseudônimo – Alfredo Mascarenhas) } 225
Os chatos }

228 } **Dra. Nicole Alessi (Pseudônimo – Col Stone)**
Medicina é...

Dr. Ivan José Cardoso Frey }
(Pseudônimo - Poema Veloz) } 230
Infarto }



Comissão julgadora

Comissão julgadora

Dr. Professor Roberto Antonio Carneiro, Md, Phd

Professor Livre Docente Da Fac.medicina Da Universidade Federal Do Rio De Janeiro

Fellow Em Reumatologia Da Cornel University -New York

Membro Da Academia Brasileira De Medicos Escritores

Membro Da Academia Paanaense De Medicina

Membro Da Academia Nacional De Medicina

Membro Da Academia Brasileira De Medicina De Reabilitação

Membro Do Circulo De Bandeirantes Da Pontificia Universidade Catolica De Curitiba

Membro Emerito Da Academia Brasileira De Reumatologia

Cidadão Honorario Da Cidade De Curitiba E Da Cidade Do Rio De Janeiro



Dr. Marcelo Salomão

Marcelo Lopes Salomão

Advogado com especialização na área da saúde – Direito Médico

Unicuritiba/ 2009 – 2011

Advogado da Associação Médica do Paraná

Membro da Comissão Organizadora do Concurso de Monografia do CRM/PR, de 2011 a 2016.



Dr. Wilmar Mendonça Guimarães (Crm 3.711).

Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 1973, com especialização em Pediatria e área de atuação em Neonatologia. Foi diretor da rede de bancos de sangue Hemepar (2003-2008) e presidente da Sociedade Paranaense de Pediatria (1996-1997). Ingressou como conselheiro no CRM-PR em 2003, ocupando desde junho de 2015 a vice-presidência. Amante das artes, tem na poesia instrumento permanente de celebração da vida.



Benu, o pássaro

Benu, o pássaro

Dr. Carlos Frederico Almeida Rodrigues
(Pseudônimo - **Frederico Rodrigues**)
e-mail: rodriguescfa@hotmail.com

Freepik



No princípio era o céu e a árvore, e o dia fez-se luz por sobre o horizonte. Benu, o pássaro, que fora feito para voar, voou para longe, para a imensidão do norte, para novas árvores e horizontes. Então, fez-se a noite do primeiro dia.

No amanhecer do segundo dia,

o pássaro ainda voava, fora feito para isso, mas sentiu saudade da sua árvore, que lhe era conhecida e voltou trazendo ramos das árvores do norte e construiu uma cama. Viu que isso era bom e fez-se a noite do segundo dia e ele adormeceu.

Amanheceu o terceiro dia e o pássaro voou, pois fora feito para isso, foi para o Sul, viu a ganância e o ódio, conheceu a devastação e a exploração, teve que lutar para sobreviver e foi-se o dia e a noite do terceiro dia.

Amanheceu o quarto dia e Benu não voava, embora tenha sido feito para tal. Acostumou-se a lutar e a sobreviver, tornou-se parte dos ventos do sul.

No quinto dia, ele retornou, com diversos galhos para sua árvore, galhos que acumulou na luta e que eram tão pesados que quase não o deixavam voar, embora

tivesse sido feito para isso. Encontrou sua cama e arrumou-a, viu que o vento norte insistia em desfazê-la e com o restante dos galhos acumulados construiu uma parede para proteger sua cama de Bóreas, que insistia em arrebatá-lo.

No sexto dia, protegido de Bóreas, entregou-se para Noto e acumulou tantos galhos que já não

voava, embora fosse feito para isso, levantou paredes, entrou em casa, construiu um teto e foi-se o dia e a noite do sexto dia.

No sétimo dia, o pássaro descansou. Tão saudoso de voar (lembrava vagamente do que era) que tentou olhar para o céu, mas o teto não deixou e fez-se, então, a noite eterna do sétimo dia.



Óbito materno

A janela,
parte o parto
da moça,
morena,
prenha,
pequena.
Mal chegou,
saíu serena.
Entrou e voou.
Sequer disse
qual a significatice
daquela aventurice,
nem se, da gaiola que se abrisse, a janela
era a de quem entrasse, ou de quem saísse.



O marujo sonhador

O marujo sonhador

Dr. Valdir Furtado (Pseudônimo – **Esopo**)
e-mail: vpfur@terra.com.br

A notícia correu como um raio, de boca em boca, por toda Esparta. A bela rainha Helena, esposa do rei Menelau, tinha desaparecido. Dentre as suspeitas pelo seu desaparecimento, falava-se da possibilidade de ela ter sido raptada pelo príncipe Paris, de Troia. O jovem príncipe tinha sido hóspede do palácio real e tinha despertado muito ciúme no monarca, que o tinha surpreendido várias vezes com olhares cobiçosos para sua esposa.

Helena, filha de Leda, era extraordinariamente bela, motivo de orgulho para seu truculento marido, bem mais velho do que ela. A fúria do rei Menelau ultrapassou as fronteiras de Esparta, chegando ao conhecimento de todos os outros reis da Grécia. Emissários correram pressurosos por todo o País, levando mensagens. A maioria dos monarcas concordou que a honra de Menelau deveria ser resgatada e só

a invasão e destruição de Troia seria o merecido castigo pela ousadia e desfaçatez do jovem príncipe.

Ulisses, rei de Ítaca, filho de Laertes, era um monarca sábio e amante da paz, longe da belicosidade da maioria dos reis. Mesmo assim, concordou com ideia da guerra contra Troia, uma vez que a honra de um rei tinha sido manchada e os outros, ofendidos. Convocou, pois, os jovens do reino para compor o exército que seria comandado por Menelau, na campanha contra a insolente Troia.

No exército de Ulisses, destacava-se um valoroso jovem, de nome Iannis, que desde logo demonstrou muita coragem no manejo da espada e na habilidade no tiro com arco. Ulisses, que era um hábil arqueiro, ficou entusiasmado com o rapaz e passou a tratá-lo com um filho, uma vez que o seu, Telêmaco, tinha ficado em Ítaca, com a mãe. Du-

rante a guerra o jovem destacou-se como um destemido guerreiro, tendo tomado parte em vários combates com excepcional perícia e valentia, não tendo sofrido mais do que pequenos ferimentos.

Como a história registrou, a guerra de Troia durou vários anos e nenhum dos contendores podia se julgar vencedor. Se os gregos venciam uma batalha, logo os troianos venciam outra e assim a vitória não sorria para nenhum dos lados. Ulisses, que era muito inteligente e estava ansioso por que a guerra terminasse para poder voltar para sua linda Penélope,

resolveu usar de um estratagemas. Escondeu vários navios em uma enseada longe de Troia, ordenou que os desmontassem e que a madeira fosse usada para a construção de um imenso cavalo, que poderia ser entregue a Troia, simulando com isso uma capitulação dos gregos.

O cavalo foi construído, sob a direção de Epeu, hábil artesão, com um compartimento onde alguns soldados poderiam se acomodar e uma portinhola muito bem disfarçada. Ulisses escolheu muito bem os homens para a missão e Iannis foi um deles. O cavalo foi levado até a porta e os troianos o trouxeram para dentro, em meio a uma grande festa. À noite, os soldados abriram a portinhola, saltaram, atacaram a guarda troiana e abriram os portões. O resto da história é bem conhecido, com o incêndio, o saque e a destruição da cidade.

Voltando para a Grécia, Ulisses e sua tripulação enfrentaram vários problemas. Ao passar por uma ilha próxima à Sicília, ficaram encantados com a beleza do lugar e resolveram ancorar. Encontra-



ram uma caverna, onde entraram sem saber que era a morada de Polifemo, um gigante ciclope, filho de Poseidon e da ninfa Teosa. Polifemo estava extremamente irado e com seu orgulho ferido por não ter conseguido o amor da bela Galateia. Investiu contra os gregos, devorando alguns. Como havia na ilha muitas parreiras, Ulisses teve a ideia de colher grande quantidade de uva e fazer vinho. Polifemo gostou do vinho, bebeu muito e ficou bêbado, caindo em profundo sono. Ulisses estava pensando em matar o monstro, mas Iannis ponderou que seria muito difícil, devido ao tamanho e força do gigante. Sugeriu então a Ulisses que o melhor seria cegá-lo para poderem fugir. Puseram a ponta de um galho no fogo e quando estava em brasa usaram-no para furar o olho do ciclope e escaparam. Poseidon, pai de Polifemo, provocou uma enorme onda para tentar matar os gregos, mas a deusa Atena, protetora deles, os defendeu.

Ulisses sabia que teria que passar por rochedos situados entre a ilha de Capri e a costa da Itália.

Segundo histórias contadas por marinheiros, nesses rochedos havia sereias que cantavam para enfeitar os marinheiros e assim atrair os navios, com destruição e morte. Ulisses tomou as precauções para passar por essa região perigosa. Mandou que o amarrassem ao mastro e os remadores e toda a tripulação tapassem bem os ouvidos com o betume usado para calafetar o navio. Iannis, contrariando a ordem do rei, deixou um ouvido livre para satisfazer sua curiosidade de ouvir o canto. Subitamente começou a ouvir o que parecia vir do céu, uma música maravilhosa, que fê-lo pensar que eram deusas cantando.

Enfeitiçado, acreditou que realmente havia uma sereia a chamá-lo para um encontro de amor e atirou-se ao mar.

Nunca mais se ouviu falar do valoroso jovem e ninguém soube se ele conseguiu nadar até o rochedo para o sonhado encontro com a sereia. Ulisses lamentou profundamente o desaparecimento do seu protegido. Homero, porém, não falou dele na Odisseia.



Casa velha

Planos e mais planos,
Sonhos enfim realizados;
Lá estava a casa suspirada
Pronta, enfim, que alegria!

Mudança, agito, desordem,
Tudo jogado, bem desarrumado,
O casal feliz a organizar
“Nosso ninho, nosso lugar”

Era o sol a penetrar pelas janelas,
Era o vento a assobiar nas noites
frias,
As crianças a brincar lá no quintal,
Sem tristeza, venturosa era a vida

Madrugada, um estalido repentino,
Mais outro, outro mais, que barulhão;
Já o cheiro de fumaça se sentia,
Desespero, gritos, um horror

Labaredas surgiram de repente
E o fogo tudo destruiu;
Nada se salvou, tudo perdido,
Que desgraça, era só o que diziam.

Muitos anos se passaram desde
então
E lá está o que restou daquela noite:
Casa velha, muito triste, em ruínas,
Tão só, abandonada, parece até
que chora.

Janelas quebradas, negras paredes,
O telhado quase todo desabou;
No meio dos escombros ainda está
Uma boneca de pano chamuscada.

Vêm os dias, amanhece e anoitece
Tanto faz a aurora ou o crepúsculo;
Para a velha casa é sempre noite,
Não há sorriso, só restou a solidão.



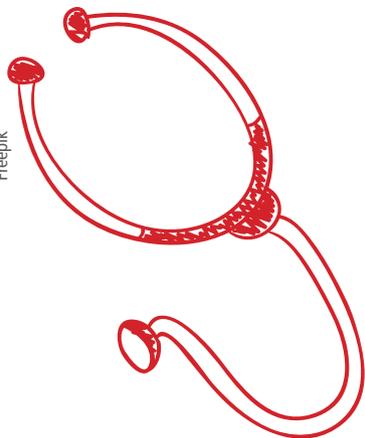
Batismo de fogo

(extraído do livro *Desafios de um médico no interior*)

Dr. Luiz Antônio Sá (Pseudônimo – **Gigio**)

e-mail: luizantoniosa@gmail.com

Freepik



Fevereiro de 1977. Sala de parto, quatro horas da madrugada. Começava ali minha carreira de obstetra.

A paciente deu entrada no hospital por volta das 23 horas da noite anterior, aos gritos. Lá estávamos nós três: eu, recém-saído da faculdade, já há dois meses como médico, a “enfermeira”, que até

uma semana atrás era auxiliar de cozinha e limpeza do hospital, e a parturiente, com 17 anos, entrando pela primeira vez em um hospital, sem saber exatamente o que estava acontecendo. Éramos três inexperientes para lidar com uma situação muito grave.

Desespero total. A cada grito e lamento da paciente, ficava sem saber exatamente o que fazer. E a cada ausculta com estetoscópio de Pinnard, ouvia e sentia o sofrimento fetal. A atendente estava atônita, sem saber se corria para me chamar no quarto a cada gemido da paciente — isto é, cada 15 minutos — ou se ficava ao lado da futura mãe.

Por volta das três horas, levantei-me de vez e passei a cuidar pessoalmente de tudo.

Após horas de sofrimento, o feto “coroou” e iniciou sua evolução para nascer. Nisso, fiz a epi-



siotomia. Lembro que atingi uma artéria anômala, de grosso calibre, e a paciente apresentou um grande sangramento. Foi algo ímpar, tanto que, ao longo de minha vivência na área médica, eu nunca mais vi uma artéria assim. Então, desfiz as duas voltas de cordão umbilical que circundavam o pescoço do recém-nato e olhei para sua face... Era praticamente um natimorto. Limpei um pouco do mecônio que o envolvia e o dei à enfermeira pedindo que ligasse o aspirador, planejando, nesse meio-tempo, estancar o sangue da mãe para imediatamente atendê-lo. Nisso, a atendente, em sua afobação, enfiou o próprio dedo na tomada ao ligar o aspirador, levando um choque e caindo no chão. Felizmente, apesar dos pesares, ela caiu com a criança sobre o peito.

Pronto. Lá estava eu sem saber o que fazer. A paciente estava se esvaindo em sangue e chorando muito. A criança, imóvel. A enfermeira, estendida no chão. E

eu ali, sozinho, sem saber a quem atender primeiro. Ai entrou a fé — pois rezei tudo o que sabia e um pouco mais — em conjunto com a improvisação. Rapidamente consegui pinçar a artéria que sangrava e corri até a criança para reanimá-la usando o que tinha (aspiração, respiração boca a boca e tudo o que era possível), até que a pequena esboçou um esforço de choro. Choro débil, mas choro, a ponto de começar a ficar rosadinha, de começar sua vida.

Quanto à enfermeira, não sabia exatamente como ela estava e passei a chacoalhá-la no meio dessa agitação toda para ver se recobrava a consciência. Alguns minutos depois, acordou grogue e sem saber onde estava, recuperando-se aos poucos. Por sorte, os quatro foram salvos (me incluo na conta).

Esse foi o meu batismo obstétrico, que deu início a tantos outros momentos difíceis pelos quais passei. Com a graça de Deus, as pacientes sobreviveram (e eu também).



Chamado em domicílio

(Conto extraído do livro *Desafios de um médico no Interior*)



Mês de janeiro. Chovia a cântaros há dias. Os rios e riachos transbordados e as estradas quase intransitáveis. Por volta de duas horas da tarde, fui procurado por um senhor pedindo para que eu atendesse sua sogra, uma senhora com idade em torno de 80 anos, um pouco obesa e portadora de hipertensão arterial sistêmica e Doença de Parkinson. Ela era minha paciente há anos, porém já fazia algum tempo que não a via, pois não estava vindo ao hospital. Não tive mais notícias dela até este dia.

A casa dessa paciente estava localizada na zona rural e ficava

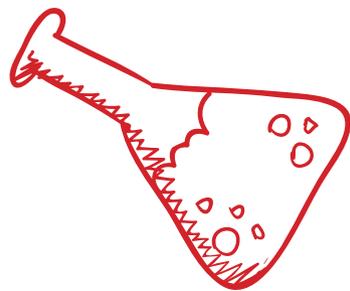
distante uns 20 km de Arabutã. Pedi à atendente do hospital para me acompanhar, pois, além de intérprete, muito me auxiliava nos atendimentos e levamos junto nossa caixa de atendimento, semelhante a uma caixa de ferramentas, que tinha de tudo um pouco das medicações mais comuns e que não podia faltar em nossos atendimentos distantes do hospital.

Fomos enfrentar a estrada. Lembro-me bem de que embarcamos em um Corcel azul. Em meio às deslizadas e derrapadas, o carro subiu bravamente a longa subida que saía de nossa vila. Por conta de nosso distrito estar situado no fundo de um vale, para qualquer lado que saíssemos de Arabutã uma longa subida nos esperava.

Ao estarmos próximos uns dois quilômetros da casa, paramos. O riacho que circundava a propriedade transbordou e levou consigo a ponte e uma pinguela que os moradores usavam para atravessá-lo.

Surgiu então a ideia de caminhar até a casa de um vizinho e emprestar uns cavalos para atravessar num lugar do riacho que dava vau. Assim fizemos. Conseguimos os cavalos e desajeitadamente nós três e mais a caixa de medicamentos atravessamos o antigo riacho, que a essa altura já era um rio. Molhados e com grande quantidade de barro em nossos sapatos e roupas, chegamos enfim à casa da paciente, a qual, mesmo acamada há dias, recebeu-nos com grande alegria.

Fui examiná-la e, com ajuda da intérprete, ela me contou que estava se sentindo muito fraca e desanimada. Pediu desculpas por não ter ido mais se consultar e explicou que não era por falta de vontade, mas porque sua filha e seu genro preferiam levá-la a um hospital mais perto, cujo caminho até havia um trecho de asfalto, que facilitava a ida para eles. Fiquei comovido com a sinceridade da minha paciente, pois ela olhava fixamente para mim, com seus lindos olhos verdes, como a pedir perdão de algo de que ninguém tinha culpa. Consolei-a e disse-lhe que estava



tudo bem, que compreendia tudo. Terminei de examiná-la e pedi à atendente para instalar um soro fisiológico com algumas vitaminas e administrar mais alguma medicação injetável.

Como era de praxe em todos os atendimentos, enquanto a atendente instalava o soro e fazia o restante das medicações, eu ia para fora da casa e ficava com os familiares vendo suas plantações, a criação de porcos e frangos, para dar um tempo e certificar-me de que o soro estava aplicado e correndo bem. Assim, caso algo não estivesse correto, ainda estávamos ali para atender, já que era a família, após bem orientada, que retirava a agulha ao fim do soro. Porém, por conta da forte chuva, nem havia saído da casa.

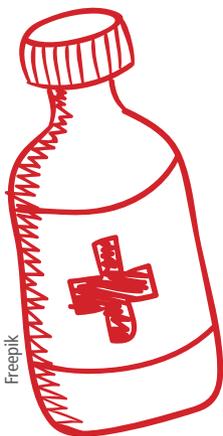
Nesse dia, não foi necessário tanto tempo. Mal a atendente

começou a preparar a medicação, já me chamou mais a filha, aos gritos, para que eu corresse até o quarto. Cheguei, a paciente deu um último olhar para mim... E faleceu. Tentei tudo o que podia naquele momento. Adrenalina, massagem cardíaca, uso do ambu, enfim, tudo o que tinha em mãos, mas nada adiantou. Ela falecera.

Não sabia o que dizer, o que explicar. Situação delicada, complicada e difícil. Fui fazer um atendimento, e não constatar um óbito. Fiquei extremamente triste e pensando em suas palavras de desculpas. Será que ela estava me

esperando para falar isso, sentir-se aliviada e morrer em paz? Essa dúvida até hoje me aflige.

A família acompanhou todos os esforços que tínhamos feito, compreendeu o ocorrido e nos apoiou. Mesmo assim, saí de lá tão aborrecido e perdido que nem sentia a chuva, que nunca cessava, cair sobre meu rosto. Chamei a atendente e o motorista, pegamos os cavalos e lentamente, com a noite chegando, atravessamos novamente o riacho no mesmo lugar e voltamos cabisbaixos para casa, embarreados e encharcados. Triste quadro.



Cuidado com as correntes

Cuidado com as correntes

Dr. Cláudio Franck (Pseudônimo – **Lucmee**)
e-mail: claudiolfanck@hotmail.com

Comem e bebem sem conversar. LucMee faz um sinal com a mão para a androdevotchka.

Ela vem em sua direção e senta-se ao seu lado. Então, ele fala baixinho ao seu ouvido:

- Sabe, você dança muito bem!
- Você acha? Obrigada!
- Você não me contou o seu nome ainda.

LucMee está empolgado por estar ao lado da mulher, que naquele instante julga ser o amor de sua vida.

- Você não me perguntou!
- Deve ser o nome de uma flor!

LucMee está romântico.

- Não, não é.

– Não importa, você é uma flor! — diz LucMee, completamente infantilizado e derretido por paixão. Em meio àquele clima de amor...

– Cheloveck! She’s a robot idiot! — Alex, o ultraviolento psicossocial, perde a paciência discursando em Nadsat.

– Isto não importa para mim! O importante é que ela esteja pronta para o amor... Ou melhor, programada para o meu amor!

- I know, man — concorda com desdém.

— Eu quero apenas essa essência que ela já possui! Não quero de forma alguma que com o tempo ela sofra mudanças! Para mim está bom assim.

— You just want the good old in-out in-out! — Alex acusa que os desejos de LucMee são apenas sexuais.

— Eu quero viver com ela para sempre.

— Idiot!

— Cale a boca! Pelo menos, eu não vivo com uma gangue de palhaços vestidos de super-heróis descoloridos! Não uso cabelo channel, batom e cílios postiços! E eu não tenho uma cobra jiboia como animal de estimação!

— What?

Alex não esperava esta reação, mas LucMee perde o controle por sua amada e questiona, irado:

— Isso tudo não é fático demais?

Dalí solta uma gargalhada. Alex fica perplexo!

LucMee recupera-se do nervosismo, olha para sua paixão e pergunta com carinho:

— Qual é o seu lindo nome, meu amor?

— Nástienka.

— Conocí a una mujer con ese nombre — Dalí interfere na hora, com voz de consternação em português.

— Coincidência!

— Cuando yo vivía en San Petersburgo.

— Nunca soube que você viveu na Rússia! — LucMee fica surpreso com a informação.

— Usted piensa! — Dalí respira fundo. — Crees que usted sabe todo sobre mi!

— Eu só...

— Yo era un soñador... Apasionado!

— Mas Gala não foi sua única paixão? — LucMee questiona e é bruscamente interrompido.

— Por qué usted siempre se vuelve sobre el mismo tema?

— Você sempre falou isto!

— No es porque el momento se convierte en eterno que es necesario repetir interminablemente! Hablando... Hablando... Hablando... Hablando! — Dalí, indignado com o questionamento sobre sua paixão por Gala, retorna ao tema tempo, diz que o momento se

eterniza, mas não é por isso que se deve revirá-lo incessantemente.

— Está bom! Quer contar ou não?

— Yo era um soñador! En realidad, El Soñador... — Dalí se denomina de O Soñador.

— Baboochka! He's a nightmare! — Alex diz que o velho é um pesadelo.

— Conocí una mujer maravillosa! Durante un año! Un año, amigos! — Dalí prossegue dramatizando a situação: — Yo estaba luchando por su amor... Pero ella amaba a outro hombre, que se había abandonado.

— Como é? A mulher amava um homem que a deixou, certo? E você lutou por seu amor durante um ano se passando por amigo? — LucMee resume a história em questionamentos para Dalí.

— Correctamente, astuto! Entonces un día ella decidió quedarse conmigo.

— Um ano depois ela quis ficar com você? Você é um conquistador de corações... — LucMee ridiculariza o tanto de tempo que levou para conquistá-la.

— Y eso día!

Todos estão em silêncio escutando.

Wagner toca ao piano e Nietzsche canta uma música de Reginaldo Rossi:

— Garçom, aqui nesta mesa de bar... A música retrata mais um amor dilacerado e difunde-se pelo restaurante, enquanto Dalí releva o desfecho comovente:

— Sobre la puente del Río Nieva, en invierno del infierno de la Rusia... Ella me abrazó! Entonces el hombre apareció! Y llamó el nombre de Nástienka...

— Ela ficou abraçada em você, não é, Dalí?

— Sí, sí, durante casi un minuto... Ella me dio un cálido beso! Un beso eterno, que duró unos pocos segundos...

Todos imaginam a cena do caloroso beijo. Escorre uma lágrima de Alex, que nunca amou.

— Ainda bem que ela ficou com você! — LucMee fala, aliviado.

— No, no! Ella me dio ese beso y se fue con el hombre para siempre...

— Não creio! Ela foi embora!

Mas, que descarada... — LucMee fica indignadíssimo. Alex dá um soco forte na mesa.

— The greatest covert of all time! — Alex, também indignado, considera Nástienka a mulher mais dissimulada de todos os tempos, e dá mais um soco na mesa espalhando restos de comida.

— Nossa, Dalí! Que história! — admira-se LucMee. — Você nunca contou isto?

— Sólo a un amigo que se sorprendio y dijo: “Meu Deus! Um minuto inteiro de felicidade! Afinal, não basta isso para encher a vida inteira de um homem?”

— Frase filosófica! Poderia ficar na história... Este seu amigo é conhecido? — LucMee fica curioso.

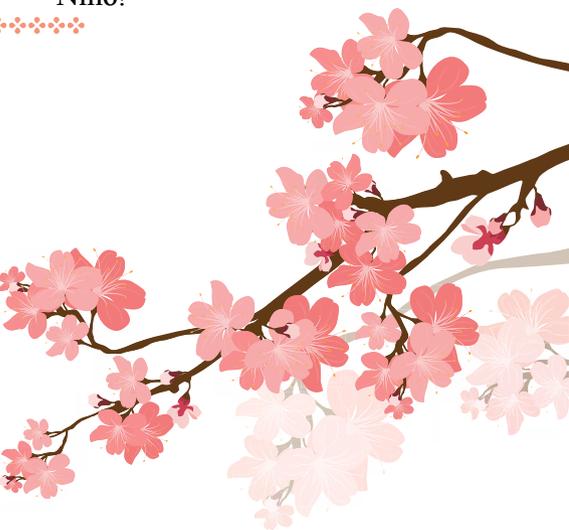
— Fiódor? Sí, es bien conocido.

— Não conheço!

— Fiódor Dostoievski...

— Não é possível! Você não pode conhecer o maior escritor de todos os tempos, que elevou o amor ao patamar da inexpressão, defendendo que, ao experienciá-lo, pelo mais ínfimo tempo que fosse, justificar-se-ia a existência.

— Cuidado con las corrientes, Niño!



Les deux balcons

Libido libertou-se em incômodas súplicas
Eterno retorno corrói suas incautas vítimas
Sábio sagaz surpreende-se por reconhecer
Dúvidas e certezas que impedem o viver

Emergem os árduos e hostis pensamentos
Usurpam e apreendem os seus sentimentos
Xifópago cerebral sórdido o persegue atroz
Blasfêmias que flagelam e mutilam algoz

Arrasta-se, ó verme sofrido e manipulado
Luta inglória com um cadáver eternizado
Cativa sua pena, porém sucumbe vergado

O herdado castigo que em ti foi aplicado
Nefasto lúgubre viver angustiado e sombrio
Somente nada permanece dentro deste vazio

Sexta Santa

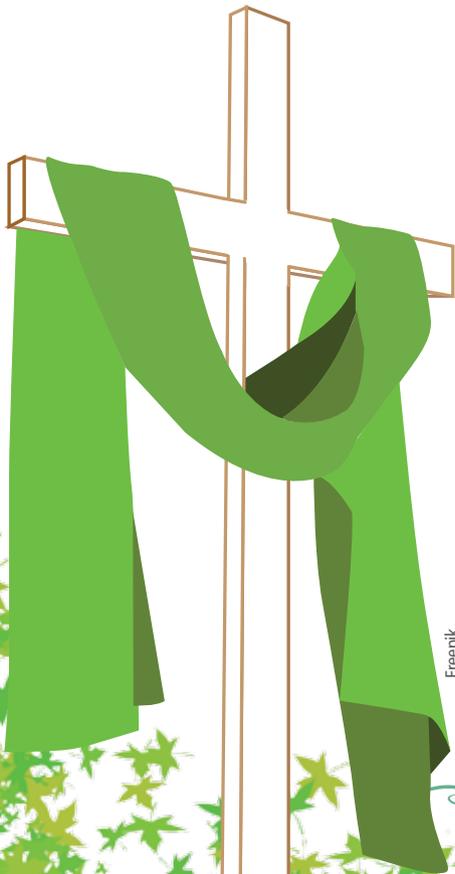
Dr. Carlos Magno Guimarães
(Pseudônimo – **C. Guimarães**)
e-mail: doutorcarlosmg@gmail.com

Trevas
De profundo abismo,
A despencar em lágrimas.

Dor insuportável
De dilacerado ventre
Que ontem deu à luz.

Escárnio e gargalhadas
Incompreendendo o mundo,
Velam a morte
Sem temer a vida

E às três da tarde,
Sobe ao céu
Transfigurada alma,
Resgatando meus pecados.



Freepik

Febre

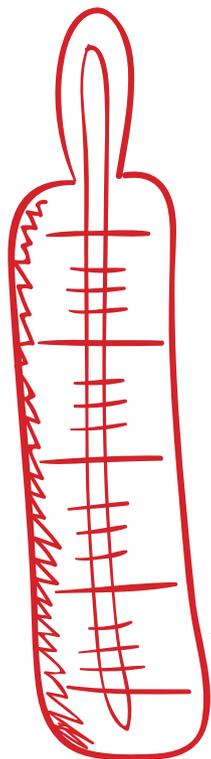
Dr. Lourimar de Moura Moreira
(Pseudônimo – **Antonio Moreira**).
e-mail: demmoreira@terra.com.br

Tristinho, tristinho!
Olhinhos brilhantes,
Rostinho vermelho
E pele escaldante!

Pensa que vai morrer!
Seu corpo está quente,
Mas sente frio
E não pode entender!

Vive a tremer,
Delira sozinho
E tem pulso a mil!

Assim,
Meu amor espera por você:
Febre, febre...



Freepik

Meu bem



Dr. Luiz Garcia (Pseudônimo – **Garcia**)

e-mail: lupagar77@hotmail.com

Meu bem
Minha força é fraca
Não conhece ansiedade
Como alguém que só exige outro alguém que só exija
Ausência de exigência
Meu caminhar é lento
Não procura, só acha
Não taxa, nem destarracha
Não atira, nem alcança
Nem gato, nem onça
Apenas faz aliança
Com o que nos planejou
Fique ao meu lado ciente
Que as sombras de nossas mentes
Nunca foram indiferentes
Ao ventre do nosso amor
Mas se me abraças com punhos de aço
Me perderás no espaço
E a cada passo que nos sobrou.



Sobre os vinte anos

Sobre os vinte anos

Acadêmica Milena Santana UFPR
(Pseudônimo – **Mila Alves**)
e-mail: milena.sc94@gmail.com

Ainda ontem era menina
Ainda é, quem sabe?
Talvez não com o mesmo sorriso inocente
Talvez com o coração descrente
Que com o passar das primaveras descobre
Que o mundo não é cor-de-rosa
Que o tempo não volta
Que a vida não é poesia, é prosa
Que precisa seguir sem escolta...
Que a solidão não é o pior dos males
Mas a ingratidão dilacera
E revolta.
Ah, menina... Mulher!
Que a amargura dos anos
Que o egoísmo do mundo
Não lhe tire o brilho dos olhos
Não acabe com o gosto dos sonhos...
E que assim siga
Com uma ponta de esperança
Com o rosto de adulto, com o coração de uma criança
Ah! Menina...



Freepik

Renascer

Para mim, só mais um dia de plantão. Assistir uma cirurgia aqui, auxiliar outra ali e ir embora para dar conta do mar de matéria da prova de sexta-feira. Para ele, o dia que decidiria o rumo da sua vida. Tudo tranquilo no centro cirúrgico até às 14 horas, quando a central de transplantes tem um fígado compatível. Era a terceira tentativa em anos: esperança!

Começa a cirurgia. Paciente instável, com ascite (quase 20 litros drenados), pressão arterial que oscilava muito em questão de minutos.

“Adrenalina, noradrelina, x miligramas por quilo”.

“Vamos parar por uns minutos pra ver se o paciente se recupera”.

“Bradicardia, fique de olho!”

“Se ele sobreviver, pode dar uma espada do Highlander pra ele”.

Cinco horas depois, minhas pernas já estavam dormentes daquela cirurgia que parecia inter-

minável, mas que detinha toda a minha atenção.

“Vamos fazer a reperfusão (retorno sanguíneo ao órgão), que Deus nos ajude!”, disse o médico, que parecia reconhecer que seus esforços podiam ser limitados, reconhecendo a pequenez da Medicina, diante de casos complicados. Silêncio na sala. Nada. Nada de o órgão ficar “rosado” como se esperava. Eu torcia, todos torciam... Sentimentos que oscilavam entre angústia e esperança. Alguns minutos depois, como mágica, um fígado “morto” ganhou cor. “Reperfundiu”. Alívio na sala. Uma visão espetacular daquilo que parecia um milagre. Eu, como acadêmica e assistindo a um transplante pela primeira vez, não tinha nem palavras para descrever aquilo. Esperança, gratidão, alegria... Um misto de sentimentos que não dá pra explicar. É, Medicina, às vezes te odeio por quase um segundo, depois te amo mais.

Subjetivo Subjetivo

Dr. Raphael Rodrigues (Pseudônimo – **Raphael R.v.**)
e-mail: raphaelrodrigues159@hotmail.com

Multidão de fantasmas sentimentos
Santos da disposição e do abatimento
Sinto-os no corpo, alma e pensamento
Insensíveis à matemática a meus lamentos

Suas vozes só audíveis no silêncio
Fazem-se altas quando a razão dispenso
E qual razão, se somos são só de fachada
A luta que nos fere é por nós também amada

Inconstante como toda pobre alma
Por um instante, me envolvo em nova aura
Sem mais palavras, aprecio minha biótica natureza
A de ser vivo e sentir-se vivo com certeza!



Freepik

Reações

Se o fardo é pesado, logo de manhã
Me lembro que ainda tenho muitos amanhã
Tijolo por tijolo se levanta uma muralha
De peito em peito a revolução se espalha

Um trovão na noite o silêncio assassina
Pela janela vejo vento e densa bruma
O que ontem me assustava, hoje me ensina
A semente só nasce porque a chuva se consuma

Passei por muitas terras, muitos cenários...
Jamais ouvi o mesmo canto dos mesmos canários
Já assumi diversos papéis, assim aprendi
Não usar mapas: meu peito diz pra onde ir



Freepik.com

Poeminha ciumento

Poeminha ciumento

Dra. Ana Flávia Filus Tinus (Pseudônimo – Les)
e-mail: anafaviatinos@yahoo.com.br

Tenho ciúmes
Do não cigarro que está na sua boca

Tenho ciúmes
Das músicas que afagam seus ouvidos na minha
ausência

Tenho ciúmes
Das comidas que estão na sua frente
E que não acompanham minha presença

Tenho ciúmes
Do meu ciúmes silencioso
Que anseia em te prender

Só não tenho ciúmes do cigarro
Ah! Você não fuma, meu amor!



Freepik

Enlace

Ela é como eu
Perdida entre palavras e pensamentos
Entende, reflete

Ela me abraça no frio
Tira risadas da dor
Traz leveza à rotina

Ela segura minha mão
E então?

Então me permito permanecer assim
Entre seus dedos
Preparada para negar o beijo

Oração do cirurgião

Dr. João Batista Marchesini (Pseudônimo – De Joelhos)
e-mail: jbmarchesini@gmail.com

A profissão médica é tão encantadora, tão envolvente, tão absorvente que o profissional da Medicina a vive de forma integral e intensa ao ponto de esquecer o universo que o cerca.

Focado na profissão, corre o risco de embriagar-se em suas próprias fantasias e não raramente tem ímpetos divinos de onipotência, de onisciência, de infalibilidade e de ser dono da vida e da morte.

O culto ao ego é um pecado capital na profissão médica. É o ópio do cirurgião.

O cirurgião, em particular, tem certas características peculiares que o expõem com frequência ao erro. A terapêutica agressiva e o imediatismo dos resultados o impelem a supervalorizar-se. Quantas e quantas vezes a natureza se encarrega de corrigir os erros e somente

o médico e Deus ficam sabendo da real verdade.

Será somente obra da natureza?

Será a mão divina que protege o médico e o paciente?

Enfim, só Deus é infalível.

Mais de meio século de Medicina ensinou-me a pedir ajuda principalmente a Deus nos momentos em que muitos semelhantes dependem de mim.

Por isso, a cada ato cirúrgico, antes de empunhar o bisturi, peço ao bom Deus que cuide de mim e do meu paciente.

Assim eu oro:

Em nome do Pai, o grande Criador do Universo, o todo poderoso em quem nos inspiramos.

Em nome de seu Filho, que veio à Terra e curou e que também foi médico.

Em nome do Espírito Santo,

que está sempre em nós, quando dedicamos o nosso mais puro amor ao próximo.

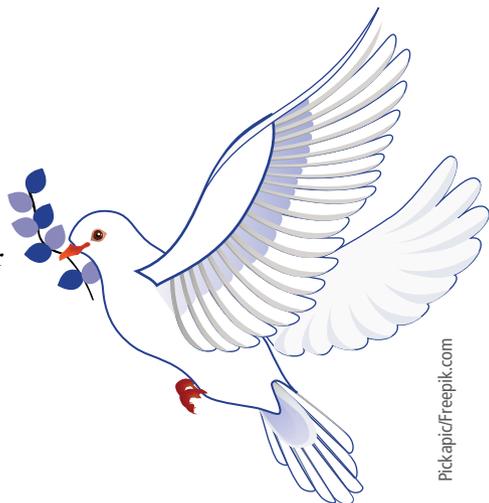
Faça de mim, Senhor, o mais humilde dos homens, quando me olharem como Todo Poderoso, dono da vida e da morte.

Faça de mim, Senhor, o mais equilibrado de todos, nas horas das grandes decisões, quando meus semelhantes dependerem de mim.

Faça de mim, Senhor, o mais sábio, quando lembrar de tudo que estudei possa reverter para o bem do meu próximo.

Faça de mim, Senhor, o mais paciente, para ouvir os meus pacientes, para poder confortá-los e compreendê-los.

Dá-me, Senhor, mãos firmes e precisas para extirpar o mal e, como um artista, reconstruir os organis-



Pickapic/FreePik.com

mos mutilados dos sofrendores.

Dá-me, Senhor, olhos aguçados para enxergar todos os males que afligem aquele que está inerte a mercê de minhas mãos.

Dá-me, Senhor, lucidez para discernir o que é bom para os meus doentes e para evitar prejudicá-los.

Nunca me deixe, Senhor, cair na embriaguez do poder, da glória e da fama e esquecer o mais simples: que sou somente um médico.

Antes de começar a errar, Senhor, faça-me parar.

Três minicontos médicos

Três minicontos médicos

Dr. Elvio Tuoto (Pseudônimo – **Doktoro Esperanto**)
e-mail: elviotuoto@gmail.com

Depressão

Durante a consulta, o paciente cabisbaixo e inseguro diz ao médico:

— Doutor, estou muito triste, desanimado e sem vontade de viver. Não estou aguentando mais esse sofrimento. Por favor, me ajude!

— Não desanime, seja forte. — respondeu o médico — Você está com depressão, mas vai melhorar. Antes de qualquer tratamento,

eu recomendo-lhe ir ao circo que acaba de chegar à cidade.

— Ao circo, doutor? — questionou o choroso paciente.

— Sim. — disse o médico — Esse circo possui um palhaço incrivelmente engraçado que se chama Alegria. É impossível continuar triste depois de assistir a um espetáculo do palhaço Alegria.

— Mas, doutor, — retruca o paciente — eu sou o palhaço Alegria.



Caixãozinho de defunto

Eliseu tinha quatro anos de idade quando começou a frequentar o Ambulatório de Psiquiatria. Era um caso grave de psicose infantil com muitos delírios e alucinações.

Sua única distração era arrastar pelo chão uma caixa preta retangu-

lar atada a um barbante.

Ele dizia que era um caixãozinho de defunto e que ele estava lá dentro.

Hoje, o Eliseu está com 34 anos de idade e melhorou. Ainda tem delírios e alucinações, só que agora

ele carrega uma caixa verde de papelão, embaixo do braço, e dentro

dela, uma camisa do Palmeiras, seu time do coração.



Professores de Medicina

Caminhando com a esposa, o veterano médico encontrava inúmeros conhecidos ao longo do trajeto.

— Tenha um bom dia, doutor.

— Quem é esse simpático velho? — perguntou-lhe a esposa.

— Foi meu professor de Medicina. — respondeu o médico.

— Bom dia, doutor.

— E esse quem é? — perguntou-lhe novamente a esposa.

— Também foi meu professor de

Medicina.

— Olá, doutor, que manhã agradável, não é?

— E essa senhora? — Não me vá dizer que foi sua professora de Medicina, pois eu a conheço e sei que ela foi sua paciente durante muitos anos. E acho que aqueles dois senhores que o cumprimentaram também foram seus pacientes.

— Pois é, querida, os meus pacientes foram os meus melhores professores de Medicina.



Alfredinho

Dr. Alfredo estava com 90 anos de idade. Amava a cardiologia. Trabalhou até os 82 anos.

Dizia sempre aos amigos e familiares que, apesar da idade, estava completamente lúcido. Porém, ele sabia que isso não era verdade.

Passou a ter “uns sonhos muitoMreais”. Sabia que eram alucina-

ções, comuns nos idosos.

Há poucos dias, no jardim de sua casa, “conversou” com Willem Einthoven. Até elogiou o alemão pelas incalculáveis vidas que a invenção do eletrocardiógrafo ajudou a salvar.

Mas, havia algo nas suas alucinações que o intrigava: por que

“sonhava” com ilustres personagens da Medicina? Já tinha “conversado” com William Osler, Claude Bernard, Thomas Sydenham e até com um senhor de turbante que ele suspeitava ser o persa Avicena.

Então, numa tarde fria de inverno, adormeceu na sala de estar e surgiu à sua frente um homem magro, ainda jovem, que lhe falou:

— É você mesmo, Alfredinho?

Fazia mais de 70 anos que não o chamavam assim. Alfredinho era como seus colegas de faculdade o conheciam.

— O senhor me conhece? — perguntou o velho médico.

— Claro que sim, Alfredinho. Passamos muito tempo juntos no primeiro ano da faculdade de Medicina. Eu o ajudei nas aulas de anatomia.

— Mas não me recordo do senhor, professor.

— Eu não fui exatamente seu professor. Eu era o Sem Cabeça.

Ao ouvir isso, o Dr. Alfredo emudeceu. Já recuperado, exclamou:

— Meu Deus! O senhor era o Sem Cabeça, o cadáver que dis-



secávamos nas aulas práticas de anatomia.

— Sou eu mesmo, Alfredinho, só que agora recuperei minha cabeça e meu nome. Chamo-me João Maria dos Santos, com muito orgulho.

O velho médico não conseguia controlar as emoções e chorou. Agradeceu ao Sem Cabeça, ou melhor, ao João Maria, por tudo o que ele lhe ensinou. Pediu desculpas pelas brincadeiras que ele e os colegas costumavam fazer com os cadáveres da sala de dissecação.

João Maria, o Sem Cabeça, também chorou. Ele foi um cadáver desconhecido, um indigente alcoólatra, que havia cumprido uma missão divina. Ainda chorando, se despediu:

— Até mais ver, Alfredinho!

A caveira colorida sincera

Dr. Carlos Homero Giacomini (Pseudônimo – **Antônio Conceição**).
e-mail: chgiacomini@uol.com.br



Freepik

Já vi muita gente sofrer porque fica lidando com a morte sem a fé completa que gostaria de ter. Fé em quê?

Em meio a um emaranhado de dúvidas, um desejo, uma quase certeza, uma esperança de que a morte não seja o fim.

Mas oscilam, desde o medo do desconhecido, que vez ou outra prefeririam trocar pela certeza do nada, até a quase certeza sobre a existência de algo que, noutras vezes, prefeririam trocar pela fé no desconhecido.

Ninguém sabe o que é, mas alguns ficam tentando definir ao menos aquilo que não gostariam que fosse. Talvez só procedam assim porque têm um jeito de levar a vida mais dominados por seus complexos, um jeito mais triste e

desconfiado.

Outros, nos bons momentos, arranham a convicção de que toda a metafísica sobre a morte pudesse ser vencida pelos versos de um poeta com seu cachorro enroscado nas pernas, pela conversa ou pelo silêncio de um grupo de amigos reunidos, pela algazarra de uma turma de crianças em festa.

Mesmo assim, a promessa da eterna repetição dessas coisas não pareceria aterradora? Promessa de reencontrar os que amaram em vida, perspectiva de uma ordem livre de toda a injustiça, de um mundo sem doenças, enfim, de felicidades plenas, mas que, enquadradas na moldura do tempo-espaço infinitos, prenunciam-se extenuantes em sua recorrência sem fim.

E lá, para além do tempo-espaço, da matéria e da psique, do amor e de todas as emoções, da pessoa e do pensamento, no seio do Mistério onde tudo se transforma em partículas elementares, em fundamentos, chispas, raios, parte da parte da parte ainda não concebida, lá onde não é possível sustentar raciocínios — supondo-se que fossem necessários — nas categorias que moldam a metafísica da morte como os humanos a concebem, seja no Ocidente ou no Oriente, naqueles recônditos onde se poderia encontrar que a própria vida não passa de uma criação da mente, de um arranjo de ondas sobre o substrato da não realidade, do não tempo, do não espaço, uma outra-coisa-que-não-se-sabe-como-chamar, porque seja como for que a chamemos, incontinenti, assumirá ares diversos renovadamente inomináveis, coisa outra, que não se enquadra no aqui engendrado, só concebível sob categorias que não se logra conceber; lá - é razoável supor? - é um mistério profundo e medonho para os que a

vida deprimida acompanha todos os dias num constante pensar escuro; é talvez mais risonho para outros que, à beira da morte, podem apenas acreditar, embora não saibam bem no quê, embalados pela esperança da paz, do conforto e do abraço, substância que seu espírito leve os conduziu a desfrutar também em vida; sem desconsiderar os desesperados, tanto na vida quanto na hora da morte, dos quais não se pode dizer que sejam menos lúcidos.

São da ciência e da fé as tentativas de narrar o que sucede (Eternidade, Absoluto, Inefável, Indizível, Totalidade, Inominável, Nada), de buscar saber algo difícil de acreditar? É da liberdade o desfrute da vida livre da metafísica da morte, na rendição ao mistério como possibilidade única nas vitórias ou derrotas quaisquer, essas duas desconhecidas e prováveis impostoras da Jornada? Buscar acreditar em algo difícil de saber?

E a humanidade como artífice de tentativas de dignas narrativas, belas como a Saga: bilhões de

astronautas a decolarem sucessivamente, como chispas, raios, do viaduto da estrada dos trens, plataforma de lançamento de foguetes, numa reta inclinada ascendente infinita que ninguém sabe aonde vai dar. Esse poderia ser o poema.

De fato iremos todos pra fita, abraçaremos o capeta, abotoaremos o paletó, bateremos as botas, vestiremos a casaca de madeira, empacotaremos, esticaremos as canelas, entregaremos a alma ao diabo, bateremos a caçoleta. Quase sempre sem prestar atenção? Como se por aí andássemos num eterno ensaio para uma estreia sempre adiável?

Essa poderia ser a prosa.

Tenho um amigo com os pés na terra que me deu de presente de aniversário uma caveira muito colorida. Ele acha que posso me tornar um bom amigo dela. E me recomendou que a leve comigo e que conversemos.

— Dona caveira, por que razão meu amigo me disse que eu deveria carregá-la sempre comigo?

— Talvez por ser um homem desperto.

— Homens despertos recomendam que se carreguem caveiras?

— Homens despertos sabem que as caveiras existem...e que os ossos que foram meus esperam pelos teus.

— A lembrança do sono eterno para que se mantenham despertos?

— ...ou a presença da morte como estímulo para que suas vidas não tardem a começar.

— Entendi. - e fui levantando do banco onde estávamos.

— Pois então, esta é a minha missão de caveira.

— Então vamos nessa, pois somos aqueles que vão morrer! — disse, enquanto apanhava minha companheira do banco. E lembrei de completar:

— Aliás, eu vou, porque, teoricamente, você já era.

— Quem sabe. Mas você, o que faz da vida? — perguntou a caveira com um sorriso.

— Caminho, respondi. E retomei meus passos, com mais urgência, com minha caveira colorida sincera sorridente nos braços.

Champanhe e gratidão

Champanhe e gratidão

Dr. Deraldo Mancini (Pseudônimo – **Conde Marcello**)

e-mail - deraldomancini@hotmail.com

Quando terminei o curso de Medicina, fiz residência em Pediatria no Hospital Infantil Menino Jesus, na Rua dos Ingleses (Morro dos Ingleses), em São Paulo. Queria ser pediatra, e o hospital tinha todas as condições para me transformar num bom profissional - boa estrutura física, bom laboratório, serviço de RX, além de um corpo clínico com excelentes médicos, dirigidos pelo Professor Osvaldo Cruz, dono de uma invejável cultura médica. Extremamente atualizado, lia as revistas mais importantes dos Estados Unidos e da Europa e nada escapava à sua perspicácia. Sumidade.

Entre os pediatras com os quais convivi naquela época, lembro-me dos doutores Zucolotto, Marcondes, Zerillo. Garanhani, Antonio Foronda, Alexandre Médiçi da Silveira (Otorrino). A Maria Vitória



Martin, que administrou um curso sobre Cardiologia Infantil, o Professor José Pinus (renomado cirurgião infantil) e outros de cujos nomes não me recordo, mas que permanecem em minha lembrança pelas lições que me proporcionaram.

Numa calma tarde de sábado eu estava de plantão, que transcorria tranquilo, quando à porta do consultório surge um senhor forte, alto, negro, com um ferimento cortante na região frontal (uns três cm) e que sangrava moderadamente. Pedi-me que lhe desse alguns pontos no local. Expliquei-lhe que atendíamos apenas crianças (consultas) e coloquei uma ambulância à sua disposição para transportá-lo para um Pronto Socorro. Recusou e insistiu, educadamente, quase em prantos, para que eu “fizesse o serviço”.

Convencido, pedi à enfermeira o material de sutura que ela me trouxe rapidamente, mas sem o anestésico. Estava, explicou-me, num determinado armário a que somente os cirurgiões tinham acesso. Coisas de serviço público. Confesso que fiquei aliviado, mas o paciente não se deu por vencido:

— Faz a seco, doutor, sem anestesia, que eu aguento. — disse-me.

Fui, mais uma vez, convencido pela sua palavra calma e confiante. Mãos à obra!

Cada vez que eu introduzia a

agulha de sutura em sua pele, ele permanecia impassível, com um lenço entre os dentes para aliviar a dor, disse-me depois.

—“Vai em frente, doutor!”

Tudo, felizmente, terminou bem e lá se foi ele, feliz para o Bixiga, onde morava, descendo as escadarias bem em frente ao Hospital, que davam acesso à Rua Treze de Maio.

Dias depois me chamam à recepção. Alguém queria me ver. Lá estava ele! Trazia uma bem embalada garrafa em vistoso papel colorido e um largo sorriso. “Vim agradecer ao doutorzinho e desejar Feliz Natal”. Estávamos em dezembro.

Era - jamais me esqueci - um champanhe Peterlongo. De lá para cá (isso foi em 1965) muitos natais se passaram e muitos champanhes tomei, mas o doce e inigualável sabor daquela bebida e o exemplo de gratidão daquele homem simples e corajoso permanecem até hoje em minha memória



O médico da família

Os mais velhos hão de se lembrar do médico da família, pessoa de absoluta confiança que entrava em nossos lares sem pedir licença. Era médico, amigo, confidente. Neste quesito só perdia para o pároco da freguesia.

Morávamos em bairro afastado da cidade e ainda criança lembro-me de suas frequentes visitas à nossa casa. Cuidava das verminoses das crianças, da enxaqueca da mamãe e da bronquite de minha velha “nona”. Ensinava à minha irmã adolescente medidas para evitar as espinhas. Quando os negócios não iam bem, a gastrite de meu pai se manifestava e lá vinha o doutor sempre disposto e bem-humorado. Nunca soube seu nome. Todos o chamávamos apenas de doutor. Usava óculos, cabelos já grisalhos e cultivava uma desajeitada barbicha. Depois da consulta, o obrigatório cafezinho e o bolo caseiro, jamais rejeitados. Era, como dizíamos, “Deus no céu e o Doutor na terra”.

Com o tempo e com aparecimento das especializações em todas as áreas da Medicina, os médicos da família foram perdendo espaço. Dor

de ouvido? O bambambam é o otorrinolaringologista. Abdome doloroso, empachamento? Procure o gastroenterologista. Infecção na bexiga ou pedra no rim passou a ser da competência do Urologista e assim por diante. Dava prestígio e *status* comentar com os amigos no clube, no trabalho ou no cabeleireiro que se consultara com uma dessas sumidades.

Aqueles extraordinários e dedicados profissionais praticamente desapareceram. Alguns teimosos e obstinados ainda se arriscam na difícil e mal-remunerada arte da clínica geral, mas já sem o carisma e a confiança que inspiravam em outros tempos.

Desses abnegados e competentes profissionais da arte de Hipócrates só restou a lembrança. Lembrança de suas figuras heroicas com as inseparáveis maletas, onde levavam o aparelho de pressão, o termômetro, alguns medicamentos de emergência e uma grande, uma imensa dose de carinho, de amor, humanismo e compreensão pelos seus clientes.

Bagagem

Bagagem

Acadêmica Isadora Cavenago Fillus (Pseudônimo – **Clarice**)
Faculdade de Medicina Oeste do Paraná – Campus Francisco Beltrão
e-mail: isadora.fillus@hotmail.com

O que se leva dessa vida é o que se deixa
Memória acessa e palavras cravadas
Páginas escritas e viradas
O arrepio ao mexer nas longas madeixas

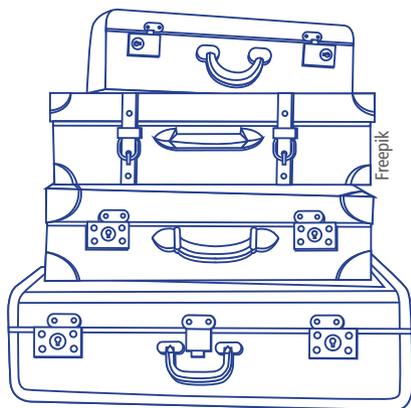
O que se leva dessa vida é o que se desapareça
A árvore que se planta para outro
Os filhos que se cria solto
A ajuda pedida que não se nega

O que se leva dessa vida é o que se marca
Caminhos de lágrimas em rosto pálido
Ruborizar das faces em beijo cálido
O adeus anunciado em breve carta

O que se leva dessa vida é o que se ensina
Os primeiros passos na estreia do espetáculo
Conseguir levantar dos tombos de cada ato
O fio de esperança no fechar da cortina

O que se leva dessa vida é o que se constrói
Legados transcritos em cada coração
Laços eternos de interdoação
Em um dividir de almas que não dói

O que se leva dessa vida é o que se fala
Por versos em rima soante
Em declarações ditas à amante
Com olhar que grita quando se cala



Roda da Fortuna

“Há pessoas que nos fazem voar. A gente se encontra com elas e leva um bruto susto. Primeiro, porque o vento começa a soprar dentro da gente, e lá de cantos escondidos de nossas montanhas e florestas internas, aves selvagens começam a bater asas, e a gente não sabia que tais entidades mágicas moravam dentro de nós, e elas nos surpreendem, nós nos descobrimos mais selvagens, mais bonitos, mais leves, com uma vontade incrível de subir até as alturas, saltando, saltando de penhascos, pendurados numa asa delta (acho que o nome disto é fé).” (Rubem Alves).

Não sou boa jogadora. Junto todas as minhas fichas e as aposto sempre tudo em uma coisa só, enquanto o resto do mundo some. Essa jogada traz intensidade em toda nova amizade, novo trabalho, novo *hobbie* ou novo amor, mas me deixa inteiramente alheia ao restante e me torno perigosa: nunca se sabe quando vou mudar minhas fichas de lugar. Mas sempre tem alguém disposto a entrar no jogo, quem sabe para me entregar um prêmio que me faça não querer mais apostar.

No cassino Ártemis conheci um homem atraente que roubava a atenção por onde passava, além de suspiros e olhares de cobiça. Mas além de tudo enchia o ambiente com sua alma, que se espalhava entre todos nós de forma leve e envolvente, quase como uma armadilha. E eu caí nela.

Andava entre as máquinas e mesas admirando de longe cada gesto seu, com sua forma de rir e fazer todos rirem, ou o dançar das linhas de expressão em seu rosto ao ficar zangado, nas quais eu me perdia em encanto.

Nas noites de sábado jogávamos na mesma mesa. De frente um para o outro seu olhar cortava minha respiração enquanto respondia com um meio sorriso. Esses nossos momentos de flerte duravam por horas, mas ao fim do jogo ele levantava-se e se juntava a seus amigos para ir embora, enquanto eu observava de longe seu distanciamento. Cada passo que ele dava era como sopros de realidade sobre o frágil castelo de cartas que tinha construído para nós dois em minha mente. Teria eu imaginado tudo?

Passava a semana vivendo aquele homem a cada minuto, pensando em tudo o que nem vivi e construindo lembranças para ter o que recordar. A imagem de seu rosto era meu amanhecer e anoitecer e a vontade de estar perto criava em mim abismos imensos, nos quais eu me jogava sem saber se teria volta. A saudade parecia surgir em intervalos de tempo cada vez menores, que o ponteiro do relógio nem conseguia ter precisão suficiente para compassar, mas meu coração sim.

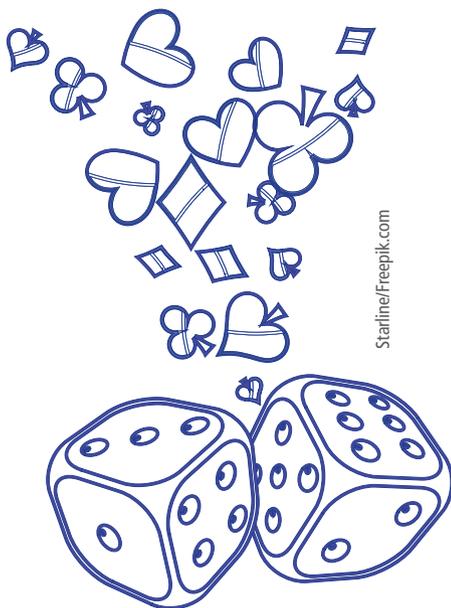
Um sentimento que não pede

rótulos nem classificações, só é. Não tinha necessidade de definições, aprovações ou promessas, estávamos envoltos em um carinho puro que se explicava por si só, sem o molde de nada existido anteriormente. Ao menos assim o era em minhas memórias.

Em um sábado seguinte, quando cheguei ao Ártemis notei um silêncio intimidador, nenhum tilintar de moedas ou ruir de roletas. Ninguém na casa. Passos em minha direção se intercalaram com o barulho da minha respiração, até poder ver o rosto que me acalma e acelera ao mesmo tempo. Sem dizer uma palavra, segurou minha mão e me puxou para ele, enquanto sentia o mundo parar conforme me enterrava em seu abraço, onde descobri que perder-se também é caminho para se encontrar.

Totalmente segura e entregue pude sentir sua alma perto da minha, enquanto seu coração marcava o tempo que não podia ser mensurado por uma máquina. Mas de repente perdi-me em meus pensamentos que questionavam o que estava acontecendo, para onde

iríamos e se poderíamos estar ali. Não sabia o que fazer, e em uma súbita frequência frenética fui tomada pelo medo e o empurrei com força tentando me afastar. Mas, como se lesse cada pensamento que tive, me segurou ainda mais forte contra ele enquanto sorria para mim quase rindo da situação. Lentamente aproximou-se do meu ouvido e murmurou calmamente: de tanto observá-la, conheço cada jogada sua, então não adianta querer mudar suas fichas, sou eu quem dá as cartas esta noite.



Starline/FreePik.com

Do pó ao pó

Dr. Carlos Eduardo Merss (Pseudônimo – **Sebastian Oakriver**)
e-mail: mdmors@outlook.com

Andara por ali há alguns anos. Vários, quando neonato. O solo não mudara. O gramado, quase do mesmo verde, tornara-se um pouco mais pálido, talvez. Ou talvez seus olhos houvessem perdido a cor. As árvores, ainda mais imponentes do que antes, margeavam-lhe o caminho até a saída. Com as mãos nos bolsos e o passo ligeiro, rumava ao portão, fitando a calçada debaixo de si. Mordendo os lábios, ergueu os olhos e observou os muros que, no horizonte e para os dois lados, sumiam de vista sem que ele encontrasse nem mais um caminho para fora dali. Suspirando, levou as mãos às correntes que mantinham trancada a enorme e tão promissora saída. Girou sobre os calcanhares, recostando-se nas grades enquanto mantinha-se a segurá-las, os punhos atrás de si.

Parecia que um galho havia sido quebrado. Caído de uma árvore, talvez. No fundo, ele tinha certeza que não. Há poucos instantes, acordara ali, atordoado e aturdido, sem saber o que acontecera. Ou fingia não saber. Os poucos postes, espaçados, eram como pequenas lâmparinas em meio à neblina acinzentada que, conforme o tique-taquear dos ponteiros, adensava-se cada vez mais, fechando-se em torno dele.

Não via estrelas e, aparentemente, a lua cheia da noite anterior havia simplesmente evaporado. Regressou pelo mesmo caminho, as mesmas árvores, a mesma calçada. Suas pernas, cada vez mais pesadas, moviam-se como um borrão na noite silenciosa. Era outono e as folhas, realmente, começavam a cair. Ao ouvir mais um chiado,

entretanto, perguntou-se se elas também se esmagavam sozinhas contra o chão. Fora encontrado. Era sua hora.

O gramado que, acreditava, poucos minutos atrás era brilhoso e vívido, tornara-se o lodo que se acumula em uma poça de esgoto. Voltou os olhos para o céu, mais uma vez procurando a Lua. Estariam os galhos das árvores mais retorcid... Começou a correr, interrompendo o pensamento repentinamente. Nem sequer sabia o porquê, se sentira um leve sopro em seu pescoço ou se ouvira um barulho atrás de si. Ou os dois. Poderia ser a queimação, na nuca, que lhe avisava quando alguém o observava pelas costas. Talvez.

Se importava? Cria que não. A cada segundo, mil pensamentos brotavam-lhe à mente. Seguindo-o de perto, uma respiração pesada que, áspera e chiante, parecia antiga. Mumificada. Corria como se sua vida dependesse disso, até que saiu da calçada. E dependia. A vida. Ou não mais. Não se preocupava em desviar das lápides ou contornar os jazigos, mas saltava e pisava

sobre eles, as manchas de lama denunciando sua passagem.

Seu arfar, ardido na garganta, embaçava-lhe os óculos conforme se condensava no ar frio da noite. O vento... havia vento? Se sim, mais nem um sinal dele. Nada. O ar se estagnara e, naquela situação, Edmund começava a sentir calor. Muito calor. Como o inferno.

Já não sabia mais o motivo de sua maratona, mas não ousaria parar. Jamais. Não que fosse grande coisa, mas ainda tinha muito o que fazer na Terra. Se é que ainda estava na Terra.

Seus olhos percorriam todos os detalhes, lendo os nomes e as datas de cada túmulo; a visão periférica captando as sombras que tentavam alcançá-lo pelos dois lados, a todo custo.

Uma maldita raiz brotara-lhe diante dos pés e, em um ato desesperado, tentou saltá-la no último instante. Como se a gravidade aumentasse mil vezes naquele momento, não conseguira descolar os pés do chão.

Exausto, desistindo da luta, ignorou o lábio que sangrava, apoiando as mãos no solo que,

duro e gelado, sob seu corpo, parecia pedra. Esticando os braços, tentou se levantar. Olhando para cima, viu-se em um buraco. Uma cova. Suas margens não se diferenciavam do céu escuro. De pé, olhou para baixo mais uma vez.

Estreitou os olhos e não se surpreendeu com o que vira. De vez por todas, colou as pálpebras. Cedendo ao próprio peso, deixou-se cair de joelhos. A batida contra a pedra ecoava de forma ensurdece-

dora pelas paredes de sua prisão. A dor da queda, nada quando comparada ao que estava por vir. Era o destino, afinal. Cristalino e óbvio, debaixo de seu nariz. O dia atual, do qual sempre se esquecia, gravado na pedra. Dezoito de novembro de mil novecentos e sessenta e sete. Ali começara, ali terminaria. Saíra da mãe, à mãe retornaria.

Em seu sono eterno, jamais se esqueceria da última imagem diante de seus olhos.



Star sem fim

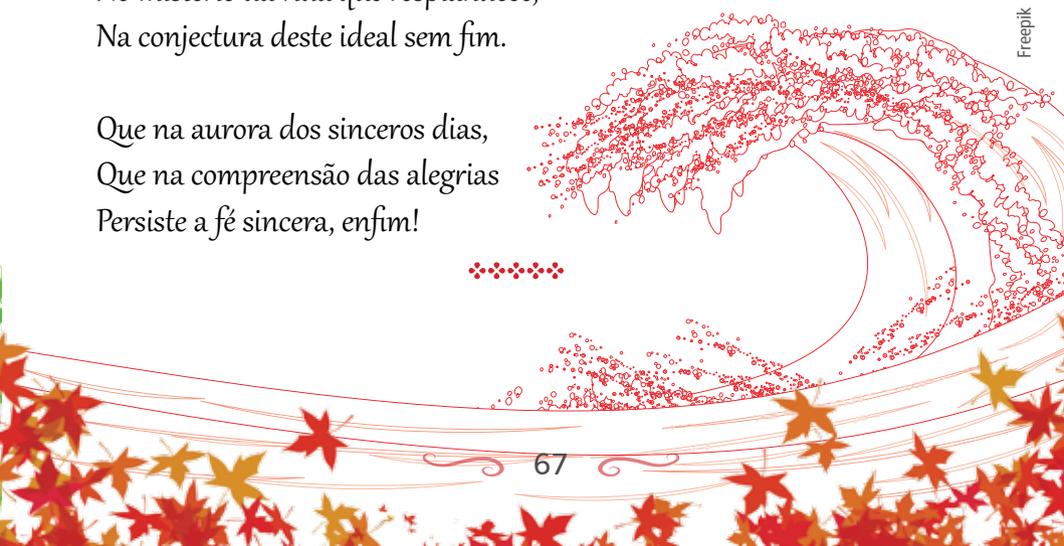
Dr. Jacemar Cristina Rocha Da Costa
(Pseudônimo – **Fluorescência**)
e-mail: jacosta@sms.curitiba.pr.gov.br

Onde há a interface do agradável
Na paz inebriante do Firmamento,
No olhar sublime inexplicável,
Na face oculta do sentimento.

Onde reina a boa vontade inexorável
No ritmo da natureza neste mundo,
Na sinergia luminosa toda amável,
No suave amor imensamente fecundo.

Pois o mar sem fim de ideias aparece
No mistério da vida que resplandece,
Na conjectura deste ideal sem fim.

Que na aurora dos sinceros dias,
Que na compreensão das alegrias
Persiste a fé sincera, enfim!



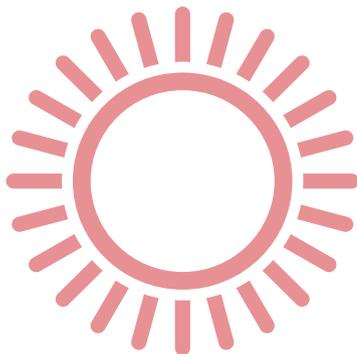
Esplanada da vida

Na esplanada da vida
Sob os raios da esperança,
Na beleza sempre comovida
Sob o olhar de uma criança.

Há uma estrela que brilha,
No encanto do que se vê.
Há uma luz que se eterniza
No mistério do que se crê.

Naquilo que se compartilha,
Na água que se humilha
Com o ar que nos fortalece

Com o Sol que nos energiza,
Com o fogo que nos diviniza
No amor que jamais desfalece!



Morte Cerebral

Morte cerebral

⎵ Dra. Deisy Brigid de Zorzi Dalke
(Pseudônimo – **Joana Bishop**)
e-mail: deisydezorzi@hotmail.com

Escolha difícil,
não sei se vou ou se fico
Pré-frontal indeciso...
Medo do desconhecido:
amígdala, colabore;
hipocampo, lembre-me!
Enxergo, mas não vejo.
Será o colículo superior?
Escuto, mas não reconheço
Que afasia...
Ventilo, mas não puxo o ar
O sangue circula, mas o coração não bate
Falamos comigo, mas não respondo,
tampouco entendo.
Escolha difícil,
não sei se vou ou se fico.
Encéfalo ausente...

Colar de marfim

Colar de marfim

Dra. Alanna Camargo (Pseudônimo –
Don'ana Jansen)
e-mail: alannacamargo@hotmail.com

Uma noite, sentei a Beleza em meus joelhos. – E
achei-a amarga. – E injuriei-a.
Rimbaud

Tiraram-lhe o riso logo pequena. Um safanão enquanto corria entre os pés de jabuticabas verdes e miúdas, caiu atordoada enlaçando seus próprios, descalços. Naquele tempo não havia raio X, o pai levantou-a do chão ameaçando uma segunda pancada. Era um senhor firme, acostumado a tratar cavalos, a quem devia um respeito tonto e ilimitado. Jurema passou duas semanas sem poder falar, comendo com dificuldade. A vizinha benzedeira amarrou em torno de sua cabeça um lenço bordô fedendo mofo: “Não é bom gargalhar, criança!” Sempre riu de forma seca, apática como a jabuticabeira rapelada.

Por qualquer bobagem, Jurema

ficava sem graça. O peão da fazenda vizinha vinha à cerca com a mão direita dentro da calça, ela sentia as bochechas ardidadas. Gaguejava ouvindo o homem elogiar seus seios em desponete, então agradecia sem levantar os olhos. Celerino roçava com as coxas no arrasta-pé, dizia ao ouvido: Gosto quando esfrega. Ela perdia seu olhar no horizonte, enrijecendo os lábios, morrendo de fora para dentro. Domingo à tarde chamou-a na cerca: “Venha, Jurema, ver os bezerrinhos que acabaram de nascer.” Ele segurava meia melancia e ofereceu seu garfo após limpar na camisa, muito gentil. Sozinhos na cozinha dos fundos, ela pensou se o pai aceitaria Celerino como seu esposo, depois sonhou

com o primeiro beijo. O primeiro beijo foi no pescoço, depois na boca com gosto de fruta encarnada, depois em um lugar que Jurema sequer teve tempo de pensar se queria ou não. Nove luas minguantes depois, a barriga crescida trazia de uma vez dois menininhos. Passados três anos, um primo encontrou Celerino no norte, onde já tinha nova família. Interior era assim.

O sorriso, perdeu numa besteira: desacostumada com a cidade agitada, atravessando no meio da rua. No meio da rua! Onde já se viu?! Um acidente feio, foi o ônibus quem atropelou. (Mas não houve dolo, o pobre motorista desviava de uma bicicleta. Ah, essas malditas bicicletas! Sempre atrapalhando a fluidez dos belos automóveis que trafegam por Curitiba.) Boca murcha, dente-de-leão deflorado, os caninos que restaram para moldura. O incisivo inferior esquerdo e inútil, que voaria com um assoprão e foi arrancado no fim das contas. Perguntaram os

solidários: “Está morrendo? Está morrendo?”. A boca inundada de sangue, vergonha e o resto dos ossos: “Cuspo ou engulo? Cuspo ou engulo?” Discreta, tragou sua vermelhidão e respondeu vampiresca com um aceno de cabeça que não se definiu como horizontal ou vertical. Jurema era só vertigem constante, fragmentos de dentes que expeliu um a um, com a experiência de uma boa comedora de melancias. Os incisivos superiores, prendeu a um colar que carregava sobre as clavículas, mãe de si. Este jamais foi roubado, visto que tinha valor nenhum.



Um eterno super homem... Um eterno Super- homem...

Dr. William Feres (Pseudônimo – **Tchoim**)
e-mail: wferes@hotmail.com

A enfermeira, muito ansiosa, entra no Pronto-Socorro e quase gritando diz: “Doutor José, favor ir com urgência ao quarto 322, a paciente está tendo uma crise epiléptica!!!”.

“Doutor José, favor ir urgente ao Pronto-Socorro, criança atropelada, parece que é muito grave!!!”.

“Doutor José, urgente no Centro Cirúrgico, parturiente entrou pela emergência o enfermeiro da ambulância avisou e acha que o bebê está em sofrimento fetal!!!”.

Já são 2 horas da manhã, parece que agora acalmou, Dr. José vai ao quarto dos médicos descansar um pouquinho, afinal de contas, desde às 7 da manhã vem trabalhando sem parar...

Logo cedo passou no hospital, passou visita nos 12 leitos onde estão internados seus pacientes, logo em seguida foi correndo para o consultório e mais uma vez chegou atrasado...

Atendeu até 12:40, correndo, teve que ir ver um paciente internado que não estava bem, já havia passado das 13:30, não deu tempo de almoçar nem ver seus dois filhinhos antes de irem à escola, passou bem rápido na lanchonete e, no caminho do consultório, foi engolindo, como deu, um pão com queijo e um refri...

Mais uma vez atendeu até às 19:15 e hoje tinha plantão...então saiu direto do consultório e foi direto para o hospital. Deverá sair

às 7h do plantão, passar visita nos seus 12 pacientes e em seguida correr para o consultório. Com muita sorte, se der tudo certo, depois de 36 horas de trabalho, vai dar tempo para ver sua querida esposa e seus adoráveis filhinhos.

Ufa!!! Quem é esse profissional? Irmão do Super Man? Um extraterrestre?

NÃO! Esse é a rotina de um médico qualquer, um José ou uma Maria, um João, que tem que ser sempre simpático, estar de bom humor, fazer de tudo para não atrasar nas consultas, ter todos os remédios na cabeça, ter uma excelente memória, fazer todos diagnósticos, salvar vidas, nunca demonstrar cansaço. muito menos *stress*, nunca poder reclamar de nada e, como se não bastasse, ainda ser um ótimo marido e um excelente pai...

No meio de tudo isso é obrigado ainda a atender a vários telefonemas, responder a todos “what-sapp”, pois, se assim não for, seus pacientes vão ficar muito irritados e ansiosos e ainda rotulá-los de in-

diferente, relapso, ou algum outro adjetivo qualquer e provavelmente vão pensar seriamente em trocar de médico...

Meu amado doutor, queremos parabenizá-lo! Você realmente é um herói! Nossa oração é que você jamais desista, que nunca se acostume com o sofrimento e que, mesmo cansado, Deus sempre renove suas forças, que a Sabedoria do Alto guie seus atos e suas decisões e que, durante todos os procedimentos cirúrgicos, você sempre se lembre de entregar suas mãos ao Grande Criador.

Que sempre sobre tempo para amar sua esposa, que seus filhos possam admirá-lo e sempre se orgulhar de você.

Que a prosperidade seja fruto do seu amor pela profissão, pela honestidade de suas palavras e pela retidão do teu caráter.

Que jamais nos esqueçamos de orar por você todos os dias e que sejamos tolerantes com seus atrasos...

Por último, queremos desejar que, em sua velhice, caso necessite,

venha encontrar um colega que trate de você com muito amor, dedicação e carinho, assim como ao longo de sua vida você tratou os seus pacientes.

...e que em sua lápide alguém lembre de colocar: “Aqui jaz alguém que sempre nos tratou com muito amor...parecido com Jesus”



Vector Open Stock

Nós, eu e os outros nós

Dr. Paulo H. Mai (Pseudônimo – **Poumailloux**)
e-mail: paulo_mai_mais@hotmail.com

Sabe aquelas coisas difíceis,
mas difíceis mesmo,
tipo...
ao olhar qualquer coisa, vê-la com simplicidade?

Não aquelas imbecilidades infantis que os santos praticam:
vestir-se simples, comer simples.
Não é dessa simplicidade que eu falo!

Simplicidade:
encarar as coisas diretamente,
sem medo.
Encarar a nós mesmos, diretamente, sem medo.
Encararmos-nos sem transgredirmos nossa própria imagem

Dizer que mentimos, quando o fizemos
e jamais esconder de nós mesmos ou disso fugirmos.

Você já experimentou viver consigo mesmo?

Você é uma coisa viva!

E conviver com coisas vivas não é fácil,
inclusive com a coisa viva que é você.

Nisso

você

jamais

poderá

depende

de ninguém.

Aqui só existe você

e suas relações com os outros
com o mundo.

Nada mais.

Isso é desesperador!

É,

deu pra sacar que o responsável pelo mundo e por você é só você?

Tudo que você pensa, sente, faz é você.

Agora larga essa autocompaixão,

que, na real, é mera mentira.

Mentimos que não tem nada a ver conosco. Mas tem!
A culpa não é dos outros.

Então eu olho pra tudo que se passa no mundo
e nada é exterior
e nada é interior.

Tudo é uno.

E este uno está em constante transformação,
movimento.

E o movimento de dentro se expressa fora
e o movimento de fora se expressa dentro
e no fim tudo é um só.

Mas minha mente não é livre pra observar o movimento.
Não sei escutar meu próprio ser
nem o som de um córrego,
muito menos da chuva
ou o vento entre as folhas.

Não posso escutar-me, pois meus ouvidos estão presos,
atrelados a valores,

filosofias,

fé,

juízos,

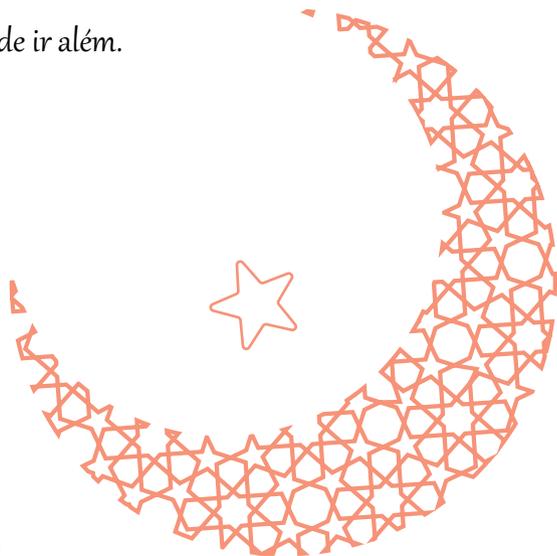
opiniões.

Para me ver, necessito simplicidade.
Simplicidade sem essas ideias complexas,
sem conceitos do passado dominando todo meu presente e redigindo
meu futuro.

Cada um de nós aduba suas próprias projeções:
a imagem de quem pensamos ser
a imagem de quem deveríamos ser
a imagem de quem gostaríamos de ser
a imagem que não nos permite ver a nós mesmos.

É difícil olharmos para nós mesmos
com simplicidade
sem algemas
e vermos quem realmente somos.

Dói,
mas é a única maneira de ir além.



Derradeiro suspiro Derradeiro suspiro

Dr. Cesar Machado (Pseudônimo – *Étienne Dumont*)
e-mail: cesarmach76@yahoo.com.br

Por alguns instantes, a lucidez voltava. Subitamente, tudo se desvanecia...

Mesmo entre esses lapsos de acuidade mental, foi possível a Emílio sentir, pela última vez, o prazer da visão efêmera do pôr do sol...

Homem dedicado e responsável, sempre foi exemplar em tudo, no decorrer dos seus setenta e sete anos de idade: na profissão, na família e mesmo com os amigos, aos quais nunca deixava de atender, sempre disponível e com ótimo estado de espírito.

E novamente a cognição falhava...

Já não podia manter firmemente a razão, tão valorizada por si mesmo ao longo de toda a vida. O ar parecia não entrar mais adequadamente em seus pulmões há horas, fazendo com que seu raciocínio não funcionasse mais da maneira atilada como de costume.

E sobrevinham mais alguns instantes de clareza mental.

— É, que bom seria se existisse o que chamam de reencarnação... ao menos teria mais tempo! — pensava consigo mesmo. — Não seria ruim um recomeço...

Foi quando percebeu o lusco-fusco... uma mistura de tons, entre o laranja e o vermelho, trazendo o fim do dia e o início da escuridão...

E um misto de emoção e, ao mesmo tempo, de contenção, tomou conta de si. É claro, homem racional que sempre buscou ser, não poderia deixar invadir-se por um estado total de contemplação, por mais belo e esplêndido que fosse o cenário por ele vislumbrado, da janela daquele quarto de hospital um tanto sem cores, sem vida, frio e impessoal, no qual se encontrava há alguns dias...

— Sim! — balbuciou Emílio. — O sol já se foi!

E uma tristeza súbita invadiu de maneira profunda o seu ser. Lembrou os sonhos não atingidos...os desejos não atendidos...e no exato momento em que a escuridão prevalecia no lado oposto de sua janela, lutando e esforçando-se para inalar alguns átomos extras de oxigênio, pensava no sono como uma fuga de toda aquela situação, tão difícil de se vivenciar.

Desde a infância ouvira dizer que o sono é a morte temporária. Alheia-se do mundo, perde-se a consciência, para retornar após certa passagem de tempo...

Naquele instante, dormir era tudo que Emílio gostaria. Morrer, porém não morrer....

Ele sabia, contudo, que a sua morte estava próxima. Havia recém descoberto um câncer em estágio avançado, com metástases em diversos órgãos e regiões de seu corpo. Sabia que seu fim era certo, entretanto ainda tinha dificuldade em aceitar sua situação terminal. Já lhe haviam dito que estava em negação da própria condição. A finitude da vida humana era, para

ele, algo ainda aterrorizante. E o que Emílio queria, na realidade, era apenas viver a morte sem morrer...e acordar sabendo que tudo não passava apenas de um sonho.

Talvez naquele momento tenha conseguido, em um rompante de lucidez, aceitar que o início da noite era o começo de sua entrada na obscuridade da morte... pelo menos, devido ao seu posicionamento descrente, esse era o caminho para o qual suas convicções o levavam.

Homem estudado, amante dos livros e de questões filosóficas, desde que descobriu a gravidade de sua doença, teve a dialética da morte humana como um tema constante em seus pensamentos.

— Morro e desapareço? Ou morro e não desapareço? O que será que me espera após a morte? Ou nada me espera? — refletia intimamente.

Sabia de relatos de pessoas que haviam passado por experiências chamadas “transcendentais” ou “de quase morte”: vivenciavam uma situação crítica em relação à própria condição humana, seja uma doen-

ça ou um acidente grave; tinham a sensação de sair do próprio corpo em estado de flutuação; muitos passavam por um túnel de luz; encontravam entes queridos e familiares que haviam morrido, e retornavam com reminiscências daquelas vivências, aparentemente inspiradoras e renovadoras para si mesmas. Mas seria tudo aquilo verdade? Até então, a ciência nada ainda conseguira provar.

— O ceticismo cartesiano e a criticidade em excesso parecem, às vezes, atrapalhar a tranquilidade da alma... — pensava Emílio.

Nesta fase final de sua vida, porém, o que mais o incomodava eram os sonhos que havia deixado para trás. E ainda naquela oscilação de raciocínio, sua mente foi invadida por uma série de questões:

— Por que não fiz? Por que não fui? Por que desisti? Ah! Se pudesse ainda gritar ao mundo, aos jovens... Vivam! Realizem! Não se permitam tolher os desejos e os sonhos mais sinceros! Tudo indica que a vida é curta para ficar se lamentando...

E, em um átimo de segundo, lembrou-se do estado avançado

de sua doença. É, ao que parece, ironicamente, a morte cura os arrependimentos...

E sua mente foi novamente se desvanecendo.

Conseguiu ainda, entretanto, com um breve movimento lateral da cabeça, admirar pela última vez aqueles a quem mais se dedicou ao longo desta vida: sua esposa e seus filhos. Os semblantes tristes eram inevitáveis, é claro. Entendia perfeitamente o sofrimento pelo qual passavam. Em função de sua idade, ele mesmo já havia acompanhado a morte de pessoas amadas.

Todavia, agora ele, a menos de um passo da morte, em seus instantes finais, justamente por estar cercado pelas pessoas a quem mais amou, viu um raro sentimento de pacificação íntima tomar conta de si. Sabia, sem dúvida alguma, que estava partindo com dignidade.

Nesse momento, porém, em estado de obnubilação mental, debilidade extrema e com o olhar já distante, Emílio se cansa, finalmente se entrega, dando o derradeiro suspiro.

Cheiro de infância

Cheiro de infância

↳ Dra. Marta Ribeiro (Pseudônimo – **Clarice Allende**)
e-mail: martabeatrizledraribeiro@yahoo.com.br

Tenho saudades dos natais de minha infância.

O gosto natalino nunca mais foi o mesmo, embora eu ainda goste de gostar do Natal.

Dezembros de pura alegria.

Belém Novo.

Até no nome encanta!

Reunião de família na casa da vó Gilda e do vô Mariano.

Avó de conto de fadas: doce, meiga, gordinha e carinhosa,

– Os netos sempre têm razão!

Pura sabedoria da velhinha querida e muito amada.

E as guloseimas da vovó?

Bolachas natalinas,

Cuecas viradas,

Melado ...,

Almoço italiano com vinho e Minuano,

Queijo parmesão ralado na hora.

O equivalente ao que hoje eu compro em saquinhos para um mês.

Radici amarguinho da horta.

E lá, todas os netos:

De Brusque, Maurício Cardoso, Alegrete, Porto Alegre.

Nove dormiam lado a lado no chão da sala.

Os demais por perto.

Algazarra não faltava.

A busca pela árvore natalina perfeita e a barba de bode para o presépio,
tradição!

E ficava tão lindo!

Tia Beatriz, a tia mais nova, ajudava e atiçava o fervo da criançada.

Até hoje ela brilha de alegria e disposição.

Conto ainda das idas ao sítio do vô Mariano.

Italiano brabo, de cara séria, carrancudo, rigoroso pai.

Avô? Avô.

Íamos de jipe solavancando,

Contando as casinhas de João de Barro nos postes da estrada.

E a aventura prosseguia.

Lá era pé de laranja, pêssego ou uva,

Cada qual em sua época.

Laranja-céu? Baciadas.

E ainda ajudávamos a vovó a vender o que sobrava na sua quitandinha
de garagem.

Da imensa piscina de minha memória infantil, 3 metros de realidade!

Durante o ano servia de laguinho para os patos,

E no verão era a nossa vez.

Braços infantis escovavam alegremente os escondidos azulejos azuis.

Aguardar encher ...

Era uma tortura que levava o dia inteirinho

Mas a festa estava garantida no dia seguinte.

Como não lembrar do Mustangue?

Boxer amigo de crianças.

E o dia de fazer sabão?

E as melancias?

E a missa sagrada dos domingos?

E as histórias dos adultos contadas na mesa de refeições?

A canastra real, no depois.

Tantas lembranças... Tantas saudades...!

Prima Danda, muito especial...!

Desse tempo, nada melhor posso pensar.

Nada mudaria.

Reviveria!

Se um dia a felicidade pudesse ser representada num período de vida,
esse certamente seria o meu.



De vereda

(Pseudônimo – Isabel Lispector)

Sucumbi de vereda

Pela poesia do Grande Sertão.

De lá não quero mais sair.

Quero ver o que não se apercebe com Diadorim,

Quero viver perigosamente com Riobaldo,

Quero morrer de encantamento.

Bem que Vinícius me avisou,

A Rosa é a mais formosa.

Guimarães é!

Sucumbi de pronto!

Ao verso da prosa,

À prosa do verso.

Absorvo, saboreio, degusto,

Prolongo o prazer.

Deixa-me aqui.

Aqui sinto.

Aqui vivo.

Não me incomoda... Deixa!

Aqui é um mundo que não se acaba.

Puro sertão.

Aqui tem “tristeza que alegre”,

Aqui é “perigoso viver”,

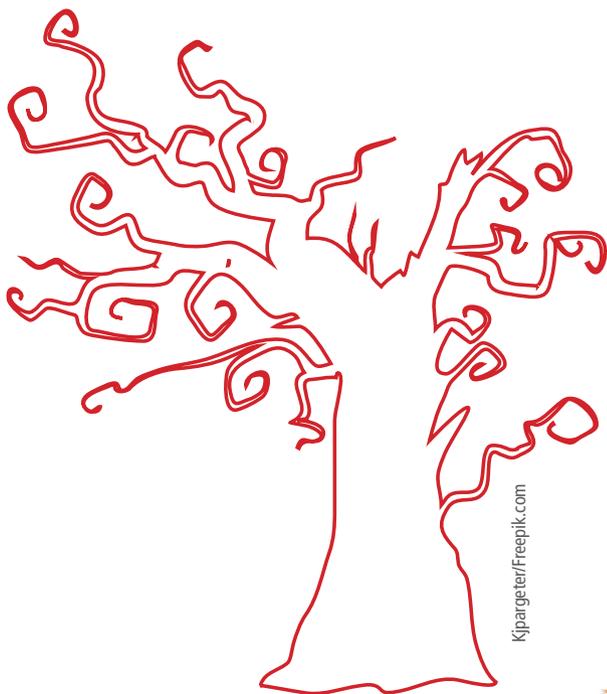
Aqui o “pensamento é mais forte”.

Deixa-me aqui.

Aqui quero viver

De tão puro prazer.

Até hoje ao escutar a balada dos relógios musicais ... tam tam tam tam-
bém lembro o cheiro da casa de minha vó!



Do mais lindo azul Do mais lindo azul

Victória Ampessan Damas (Pseudônimo –
Victoria Tremont)
e-mail: victoriadamas@hotmail.com

Azul profundo, as linhas esbranquiçadas da espuma contrastavam com o denso mar, imponente e tranquilo ao mesmo tempo. O sol se despedia do horizonte, pouco ainda se via deste enquanto era tragado pela água. Algumas rochas ao fundo se rebelavam contra as ondas e formavam um forte natural contra qualquer monopólio de força ou arrogância — algo para se pensar, talvez todos precisássemos das rochas nos acordando sobre os limites da ingênua supremacia, assim como do vento, que impulsionava a maré.

Tons alaranjados e raios rosados acompanhavam o distanciamento do sol enquanto outro azul profundo, ora competindo, ora em sinergia com o oceano, mais reflexivo surgia na paisagem. Algumas estrelas já eram visíveis e o velho homem sentado em sua varanda

apenas aguardava o domínio da noite. Dizem que uma vida não é feita de períodos totalmente felizes, mas de instantes prósperos frente a desventuras. Igual à fênix, era imortal pelo fato — um tanto paradoxal — de morrer e ter a oportunidade de renascer de suas cinzas.

Triste não ter dado tanto valor ao que tinha como agora. Por que agora? Agora não é tarde demais? Será que viveríamos de outra forma se hoje fosse o único dia? Claro. Porém, quem sabe o segredo da vida não seja exatamente não pensarmos assim. Se aquele velho homem percebesse todos os dias o que tinha nas mãos, talvez algum momento como aquele se perdesse. Era uma esperança. Ele precisa de momentos para pensar em tudo e aqueles em que nada passava em sua mente. Ele amou alguém, contudo precisava de momentos

sozinhos. Ele tinha a paisagem, mas não podia usá-la como uma ideia sua, no momento em que quisesse; deveria surgir do nada como uma inspiração além de tudo, além do controle e do planejamento.

Não foi assim que ele imaginou estar hoje observando o céu, o mar e qualquer sinal de vida ao seu redor. Ele não queria estar sozinho; ao mesmo tempo, ele não mudaria um passo sequer de sua trajetória. Aquela era a palheta de cores mais perfeita, mais linda. O homem nunca olhara direito, sua esposa é quem dizia sobre a beleza do que estava à frente. Era com ela que ele queria estar hoje, não deu, não foi o que ele planejou. Por anos sozinho, jamais abandonado, o amor não abandona e nem sua esposa o abandonou. Ela não teve culpa, acho que ninguém teve, a vida é assim, não pede licença, somente acontece e há uma possibilidade de até se divertir com as reviravoltas que traz. A esposa não está mais aqui, ele está.

Mas hoje é diferente de todos os dias, ele tem certeza de que é o último dia. Por quê? Porque nada

está do formato que planejou, nada nem próximo do que ele já considerou. “E se ela não estiver mais aqui? Ela vai estar, obviamente. Eu vou primeiro”. Aquele homem não gostou nada de sua premissa ser a primeira promessa quebrada, como se, ao falar seus planos, a vida acatasse de bom grado instantaneamente. “Estaremos com nossos filhos, nossos netos!”, não foi bem assim, eles tinham que estar em outro lugar e nunca pareceu tão certo, nem nos sonhos.

“Não me importa se for um hospital, um asilo, a rua...”. Para ele, não fazia diferença mesmo, entretanto valeu a pena mudar de direção. Naquela casa, não. Naquela casa, sim. A casa que eles construíram, que eles arrumaram, a casa deles, a vista mais linda. Parecia que ela estava ali, sentada ao lado dele, descrevendo cada luz, cada nuance a mais que surgia aos olhos. Não era ele pensando, era ela, ou, quem sabe, fosse mesmo ele, uma versão mais conectada com um universo absurdamente mais longínquo do que a humanidade já considerou.

Não era para ser ali, daquele jeito, naquele dia; não era, mas foi, ainda bem. De todos os livros, de todos os autores, aquele fim soou melhor e o tom de surpresa — que o homem tanto odiava — foi um detalhe hoje insubstituível. Quando planejaría aquela reflexão, aquele segundo precioso intransferível e impensável?

Uma vida inteira repleta de histórias, aprendizados, orgulho e amor; nada disso se esvairia com o ar como arquitetava. Não acabaria assim, seria improvável um poder tão grande para dissipar conquistas exatamente por serem imaterializáveis. “Será que eu errei em tudo? Não. Acertei bastante e, tão importante quanto, hoje vou me orgulhar dos erros que me trouxeram a este lugar neste instante”. Talvez ele pudesse ter feito mais, ter feito outras coisas... Que os próximos façam, não é essa a roda da vida? Sempre teremos do que nos arrepender e contraditoriamente continuaremos errando, caso contrário, seria presumível uma perda total do sentido de estarmos aqui.

“Se tudo acontecesse como eu

queria... O elogiável é não ter ocorrido, agora eu entendo”. E a noite já havia caído, o olhar se fixou no azul mais denso, que se transformava rapidamente em negro. Uma noite negra, linda demais, nem um pouco planejada por ele. As estrelas cintilavam e a Lua aparecia timidamente ao fundo. As ondas estavam mais revoltas e as pedras aumentavam a altivez.

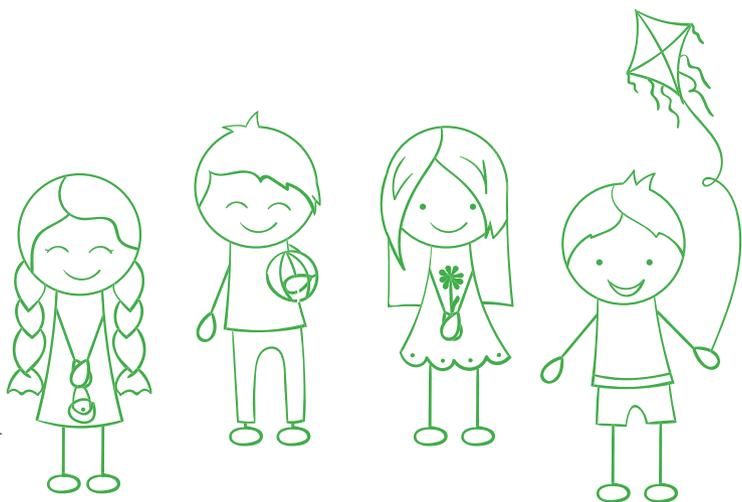
“Eu era importante para os outros, na minha cabeça. Antes. Agora, sou importante para o universo, mas não diferente das estrelas, da Lua, e do Sol, que desapareceu mesmo que alguém se opusesse. O segredo é que eles sempre voltam, mesmo que somente na lembrança de uma pessoa que notou que havia algo lá. É assim que vou terminar meus dias, com uma inédita e, a partir de hoje, indispensável crença na imprescindibilidade de a humanidade persistir, graças e apesar de eu ter vindo. Com o olhar de Ulisses e o de Penélope sobre o mar simultânea e excentricamente calmo e revoltado, percebo que cumpro minha missão e, triste pelo fim, sinto-me certo de estar em casa,

que valeu a pena vir”.

Antes de cerrar os olhos, ele pode ver a vista mais linda. Desviando a visão do mar, esbelto por natureza, o velho homem encontrou um porta-retratos com toda a sua família, com sua esposa. As lembranças inundaram a varanda,

uma profunda paz o cercou, maior em extensão e profundidade do que um oceano, era amor. E ele pôde fechar os olhos sabendo que, de todas as palhetas de cores, de todos os azuis que o mar e o céu pudessem espelhar, aquela era a paisagem mais linda do mundo.

Freepik



Variações sobre a pele

Dr. Caio Cesar Silva de Castro (Pseudônimo – **Lawrence da Arábia**)
caio.castro@pucpr.br

O soneto que me rodeia,
A pele que em tudo me rodeia
nunca permitem desplantes de monta.
Quando agredida, expõe, alardeia,
ressentida, sempre apresenta a conta.

A cútis em poema devaneia,
e fantasia que nada lhe afronta,
basta um toque em desguarnecida ameia,
desmorona, desprotegida, tonta.

Até então incólume, a tez permeia
às intempéries do mar, areia,
um desígnio que a natureza apronta.

Quando todo o tegumento incendeia,
a mesma que entorpece pavoneia,
Fênix, surge regenerada, pronta.

Um quarto de soneto
Meu traçado curvo é zosteriforme
Minha reta segue as linhas de Blashcko
Minha quimera é toda uniforme e
de ideias concretas nasce um mosaico



Pai de todas as dores

Cara escara
Que me acaricia
Chegada chaga
Que me aconchega
Prezada praga
Que me apraz

Camarada cancro
Que me acarinha
Estimado estigma
Que me estabelece
Querido queloide
Que me queda

Colheita suave

Dr. Manuel Maria Ramirez y Anguita

(Pseudônimo – **Ramirez y Anguita**)

e-mail: ramirezyanguita@msn.com

Que amadureça o amor, como se a rica messe
de luz fosse, afinal, a última colheita,
e que seja o seu gozo a bênção que se aceita,
como é, para quem morre, a derradeira prece!

Que se coroe de sol, tal como amadurece,
na haste nervosa e fina, a espiga mais perfeita,
e se possa colher o bem com que se enfeita,
como a flor sorve a luz do dia que fenece!

Que se adorne, por fim, de eterna juventude,
tal como se renova a messe pretendida
na fecundez do chão, abençoado e rude!

E na recordação da hora bem vivida,
se descubra esse encanto, essa feliz virtude:
que um pouco de amor vale o que não vale a vida!

Brisas mágicas

Brisas mágicas

Dr. Leotil José Zardo (Pseudônimo – **Lezard J.**)
e-mail: zardo@arnet.com.br



Freepik

Vi-me subindo as suaves encostas dos campos verdes do André. Lá a visão é longínqua, é terna e suave e a brisa é mágica. Ela te acaricia a pele, te move suavemente os cabelos, te toca ternamente os lábios e te faz transcender em divagantes lembranças e ternos sonhos.

Subia determinadamente naquele deslumbre deliciando-me com a visão, quando inesperadamente avistei uma menina vindo em minha direção. Vinha num vestido branco longo e solto, tinha cabelos compridos esvoaçantes escorrendo pelos ombros e pela face e, embaixo deles, uma radiante alegria. Olhos claros, luminosos. Parou diante de mim, sorriu com muita ternura, afastou os cabelos da face e continuou seu caminho de forma alegre, saltitante, deter-

minada.

Fiquei admirando-a e de repente vi flutuando uma figura alada de cor branca e com atitude protetora que a acompanhava. Fiquei atônito, imóvel e receoso com a visão daquela imagem surreal. Dei alguns passos para traz e joguei-me no chão.

A figura alada, num sopro, estava sobre mim. Envolveu-me, erguendo-me e colocando-me no caminho de volta, disse ternamente: - Fique tranquilo, sabemos quem você é. Continue em sua jornada.

Continuei caminhando até chegar ao topo do morro do André e lá, sozinho, surpreso e envolto por emoções, procurei por uma lápide naquele cemitério silencioso. Quando a encontrei, ajoelhei-me

diante dela, em sua frente, me pus a rezar e chorei por um bom tempo. Ao fim da prece, agora mais sereno e em voz baixa, falei:

— Aceite essas minhas lágrimas, já que as tuas, as tenho dentro de mim carinhosamente guardadas, pois sei o quanto sofrestes durante a tua longa vida .

Demorei para me recompor mas aos poucos voltei ao caminho, agora descida, leve e ufano, orgulhoso e emocionado, andando pelos caminhos tortuosamente desenhados no

chão daquele campo verde.

Novamente encontrei a menina radiante com seu anjo. Olhou profundamente nos meus olhos, mais uma vez sorriu e me disse:

— Não tenhas compaixão nem tristeza. Minhas lágrimas que ainda guardas foram, todas elas, derramadas sempre por amor ou por emoção, nunca por sofrimento.

E foram, menina e anjo, e a brisa mágica voltou a soprar suavemente nos conduzindo, cada um, ao seu destino.



Verbo

Acadêmica Bruna Fernanda de Castro
(Pseudônimo – **Fernanda Nerissa**)
e-mail: bruna.fer.castro@hotmail.com

Sinto algo inundar minhas entranhas
Estou aqui sozinho no mais profundo do meu eu
Estou a te esperar
Já é tarde
Madrugada
Eu quero conversar
Posso ouvir-te me chamando
Senta aqui, vem escutar
Tenho tanto para te contar
Deixa-me começar

Olho para o céu
Talvez um azul, ou um cinza corriqueiro
Talvez as estrelas, ou o nevoeiro
Não importa. És tudo o que vejo

Olho para o mar, olho para a areia
E tua presença é que me permeia

Olho para as rochas mortas e surradas pelas ondas
Não importa mais. Eu já sei que me sondas.

E eu estou aqui
O dia em que me chamaste
Num ímpeto eu fui, corri para ti
Não parei para pensar se deveria ou não
Apenas gritei: “Eis-me aqui!”

Inexperiente eu tentei
Ousei ser o que acreditava que queria ser
Oh! Quão pequeno sou
Não fazia ideia do que me formou

Pisquei os olhos e fui transladado
Olhei à minha volta e...
Não me reconheci, havia sido transformado

Hoje não sei mais se sou quem sou
O meu querer se esvaneceu
Deixei-o ir embora quando chegaste
E meu mundo estremeceu

Se sou o que sou
É porque tu és
És o verbo e o advérbio de um tão pequeno sujeito
Que não imaginara ser um dia amado desse jeito.



Ensino meu, ensina-me

Ensina-me

Tenho sede de conhecimento

Ensina-me

Quero ensinar também

Transmite-me o teu ofício

Mostra-me teus artificios

Não ensines apenas a técnica

Não quero apenas reproduzir o que fazes

Quero aprender a criar

Quero escolher minhas ferramentas

Mostra-me como,

Dá a mim a oportunidade de escolher

A oportunidade de ser

A oportunidade de fazer

Talvez eu faça o melhor

Talvez eu encha o teu peito de orgulho

Ou talvez eu não faça

Talvez eu não consiga alcançar aquilo que esperas de mim

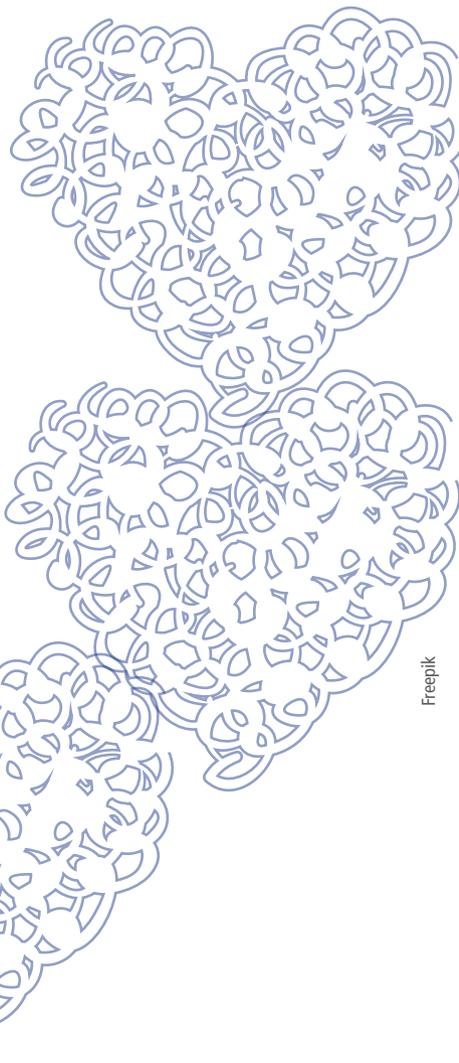
Talvez eu não siga o teu ofício

Talvez tudo pareça em vão

Mas, acredita: não será.

Tuas palavras,
Teus gestos mais descompromissados
Aquela conversa informal
Aquele aperto de mão
Sim, tudo fez parte
Tudo se tornou ingrediente
Da receita da minha personalidade
Das minhas conquistas
Dos meus novos sonhos
Da minha vida

Ensina-me
Aquilo que te formou
Ensina-me aquilo que és
E farás parte daquilo que sou



Freepik

Sostalgia

↳ Dra. Tânia Hegler (Pseudônimo – **Marisa**)
e-mail: taniahegler5@gmail.com

-Vi muito nascer e vi muito morrer. Sempre fez parte destes meus quarenta anos de Medicina. Vivi muitas vezes num limbo, entre poder salvar, ou não poder. Entre a vida que volta, ou a morte que vence.

Particpei de várias fases. Desde ser médica de pequenos e muito pequenos, até adolescentes em busca de uma identidade. Crianças que foram abandonadas num frio hospital, por pais que se esqueciam delas, ou fingiam que elas nunca tinham existido. Largavam lá. Não sei como conseguiam. Não tenho a menor ideia de que técnica usavam para livrar suas consciências.

Vivi muitos momentos incríveis! Entre choros de alegria e lágrimas de dor. Abracei muitas “vítimas sem merecer e vítimas que nunca mereceram”. Vareei

noites. Uma, duas seguidas. Podia ser qualquer madrugada, Natal ou *Révellion*. Quando encarava uma eminência de morte, surgia uma adrenalina que não se encontra em *bungee jumping* nenhum. Só queria salvar!

A boca ficava seca, um suor que molhava meu avental e uma esperança que inundava sempre meu coração: ah, ela vai sair disso!

Diferia, eu vi. Desnutrição grave, vi também. Meningococo matar em seis horas uma linda loirinha de quatro anos, saudável e feliz, eu vi! Sarampo que matava em setenta e duas horas. Vi. Estupro em um bebê de oito meses, isso eu queria nunca ter visto. Leucemia descoberta num exame de sangue, bem ali na minha frente, nunca quis ver. Mas vi.

Voltava para minha casa, só precisando ver que havia vida e esperança no meu lar. Nunca vou esquecer de nada! Nem dos lindos bebês, que sorriam ao serem examinados, e que, marcaram seu olhar no meu, nem das cartinhas de amor e agradecimento que guardo num lugar especial, do meu cérebro e da minha alma.



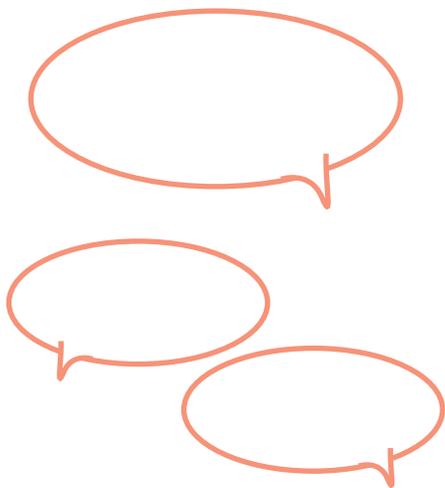
Sussurro

Não entendi o que você disse ao sussurrar. Pensei que a gente pudesse se entender só pelo olhar. Quando imaginei nosso encontro, apostei na doçura do silêncio.

Não pretendia que nenhuma frase fosse dita enquanto nossos lábios estivessem para se unir. Queria que a ausência das palavras dessa vez ao roçar dos nossos corpos, ao balanço da nossa respiração.

Ao suspirar profundo, de um momento que pudesse marcar, indelével, duas almas em busca de alguma sensação derradeira de despedida.

Que fosse a última, sem nem ter tido a primeira. Mas que, de tão intensa, tivesse o poder de marcar duas vidas, como se fosse possível ser o resumo de uma grande história nunca existida.



Pensar e sorrir

Pensar e sorrir

Dr. Ruy Macedo (Pseudônimo – **Rcmacedo**)
e-mail: ruy.macedo1951@gmail.com



Já me dou conta de que se passaram mais de trinta e cinco anos de formado. Nesse período em nossa profissão na qual passamos por momentos de difíceis, sejam de resolução, comunicação, aceitação, contestação ou até mesmo revolta, desgosto e críticas... mas também por vezes nos é permitido apreciar e até mesmo ser protagonistas de situações que no momento podem até mesmo provocar algum tipo de constrangimento, mas certamente depois vão proporcionar em nossas lembranças sorrisos, trazendo-nos boas e divertidas recordações.

Certa feita, numa segunda feira pela manhã, sala de espera lotada (como toda segunda-feira pela manhã), muita gente agitada, todos falando ao mesmo tempo, tentando enlouquecer a secretária... Normal, nada fora do comum. Mesmo

com a experiência de alguns anos de convivência com essa situação, ainda ocorre certa agitação, algum desequilíbrio momentâneo. Respiramos fundo, contamos até dez e aos poucos vamos conseguindo colocar alguma ordem para que possamos iniciar a semana de trabalho.

Feito isso, ao chamar uma das pacientes, com aproximadamente uns sessentas e tantos anos, muito bem vestida, cabelo impecavelmente penteado, discretamente, mas muito bem maquiada, coberta de joias, certamente não seriam bijuterias... Daquelas senhoras de alta linhagem, educação primorosa, mas que não vão nem para o jardim de sua própria casa sem estarem impecavelmente bem produzidas... Ao iniciar seu cadastro, foi constatada a falta de algum





documento. A senhora, inabalável, se dirigiu ao jovem que a acompanhava, aparentando uns vinte e dois anos no máximo, aparência de surfista loiro, bem bronzeadado, cabelos revoltos, tatuagens nos braços, vestindo bermudão e camiseta de grife, enfim, um belo jovem, capaz de fazer algumas adolescentes suspirarem...

— Fulano, vai até o carro buscar a minha bolsa, anda rápido, que precisamos terminar minha ficha pois, e depois de consultar ainda tenho muita coisa para fazer.

Imediatamente o rapaz largou a revista que estava folheando e rapidamente se levantou e foi atender à solicitação, sem demonstrar nenhum tipo de descontentamento ou mau humor, normalmente presentes nessa idade e situação. Foi notado que isso provocou certo ar de espanto, respeito e admira-

ção na maior parte dos presentes, inclusive na minha secretária, que, diante disso não poupou elogios dirigidos à senhora pela situação, pouco comum em nossos dias, parabenizando-a.

— Que beleza, gostaria de conseguir com meu filho a mesma educação que a consegui com o seu! Meus parabéns. Que belo exemplo.

Imediatamente, a distinta senhora, olhando-a fixamente, com a maior calma, respondeu:-

— Minha senhora, não se trata de meu filho, e sim de meu marido. Ele sabe muito bem que, se não dançar no ritmo que eu toco, não vai ter nenhuma mordomia, se é que a senhora me entende!!!

Diante disso, ruborizada e sem palavras, engoliu seco, só lhe restando concluir a ficha cadastral da paciente certamente com uma pontada de inveja...



Outra situação semelhante aconteceu comigo, quando estava atendendo a um senhor de aproximadamente uns 80 anos. Após um processo de intoxicação alimentar, estava sendo submetida a uma hidratação com medicação intravenosa, tendo ao seu lado uma bela jovem de aproximadamente uns 25 anos, loira, cabelos cacheados, compridos e bem cuidados, bronzeada, vestindo uma saída de praia rendada e transparente, revelando

muito bom gosto. Ela segurava uma das mãos do senhor, ficando a outra mão sobre sua cabeça, calmamente lhe dando apoio e conforto e muito carinho.

Ao ver esta situação aproximei-me e comentei:

— Como eu gostaria que minhas filhas fossem assim.

Ele rapidamente me respondeu:

— Que filha nada, doutor, esta é a minha esposa! Fez-me pensar... Quem não gostaria?



Freepik

Dignidade médica Dignidade médica

Dr. Mailin Bragato (Pseudônimo – **Lírio do Campo**)
e-mail: mailinbragatto@gmail.com

A cada paciente, um mergulho!
E eu revejo todo o orgulho
Das crenças que se impõem
Entre o foco do problema
E a solução do dilema,
Burocrata e castrador,
Limitante de atitudes,
Limitando construções
De projetos e virtudes,
Num crescente assustador.
Que se tomem grandes doses
E overdoses de consciência e de indignação!
E que venha a inflorescência
Nos ditames das canetas
Que constroem nos papéis
O futuro da nação.
Porque os braços já se cansam
E os bolsos já se esvaem...
E o nosso olhar de espanto,
A cada canto que caem,

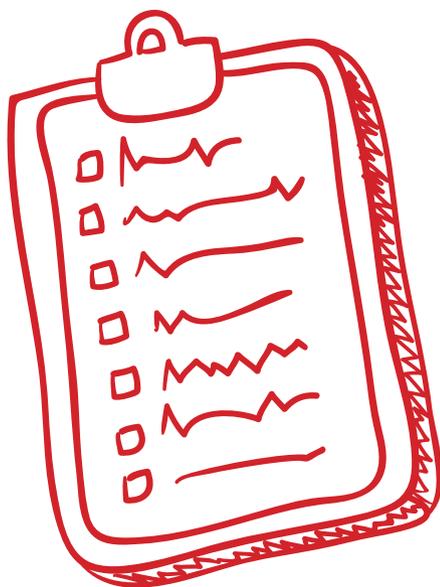
Pessoas sem direção,
Sem sendo de liberdade,
Que invadem e agridem tanto...
Ignorando a verdade!
Que o amor e a maestria
De um olhar com igualdade
Ditem os rumos da conquista da nossa dignidade.



Num P.S. (senhas e olhares)

Entre a sombra e a caneta
Entram sonhos milenares
Deflagrando mil humores
Indo em busca de seus pares.
Despertando a tinta corre
E se move, nos andares
Entre fichas, corredores
A caneta e os malabares.
São artistas que se trombam
Entre tantos passos ágeis,
Distribuindo sem cobiça
Sem cansaço, sem preguiça,
Acalento em braços frágeis.
Não são braços musculosos
Que seguram as canetas
Não são olhos desatentos
Que percebem o porvir

A arte de ser e servir
Neste canto me sustenta
E entre senhas e olhares
Julgamentos e dizeres...
O lamento nestes mares
Do oceano de viver
Nesta noite, nestes ares
Que a caneta tenha a meta
De elevar os patamares
No destino do saber.



Freepik

Sobre o sonho e o mundo, Sobre o sonho e o mundo, ou o discurso do nada ou o discurso do nada

Dr. Edu Giacomini (Pseudônimo – **Eliud Jonathan**)
e-mail: edu.giacomini@gmail.com

Pela perspectiva do sonho é outra coisa. Atravesso o cruzamento de olhos fechados e os carros todos pararam ou mudaram de caminho. Na esquina, imediatamente sei o nome da rua. Chove quando é necessário, e sempre há uma figueira ou um bar em Hanói. Entramos em lojas procurando vestidos, na mesma noite haverá um encontro. A vendedora diz: não ia conseguir ser rica, então decidi pelo menos ser feliz. Compramos um vestido verde. Tudo é verde em Hanói. Em casa, olhamos a cidade que chega pelas luzes instáveis, brisa de suave vertigem e mornidão, e pelas janelas sem vidros ou cortinas. Tudo cheira a erva-doce, ou malva, ou cidreira, ou poejo. Não há pobreza em Hanói, não há o mundo.

Mas basta uma mosca caminhando sobre a orelha, a batida

na porta, o telefone tocando ou um prato que cai, e tudo já é outra coisa. Tudo é o outro lado.

Fora do sonho, o cheiro comum dos perfumes é o álcool. Escondido como a terra invisível sobre o basalto onde cresce o musgo, secretamente alojada no espaço atômico das fissuras ásperas, minimizada a puro grão de poeira, nada antes ou depois da exata necessidade. Da mínima coisa, a vida mínima. A diminuta nota lavanda que acerta a cabeça, o próprio musgo pegado no corpo — a suspensão da perfumaria improvável, não sem o cheiro líquido do álcool. Ia dizer “necessário”.

Quase não sei continuar sem repetir. Deste lado é sempre musgo, terra, basalto, e depois basalto, basalto, musgo e terra. Do outro, é sempre verde e não há o mundo, lembra? Deste, minúscula e impro-

vável vida. Ia dizer invisível. Viver é repetir, repetir e repetir os fragmentos cotidianos: clareiras no estômago, gotas de chuva que pairam sobre as pálpebras, gatos atropelados às duas da tarde, algodão doce nos domingos e as hipotenusas das ruas - o caminho mais longo. A repetição é a única organização possível para o caos, ou a tentativa de. Por isso o verbo, que não é senão a repetição quase iconográfica de elementos que tentam pescar a ideia, sem nunca, nunca conseguirem, a palavra nasce amalgamada ao erro. Porque uma coisa é uma coisa, nunca outra. Cada coisa é em si a falta das outras possibilidades, a desistência involuntária de todo o resto. Desdobrar-se não é senão um movimento em torno do eixo e a realidade, um labirinto de espelhos que abriga seres dispostos à ilusão.

Entre os dois lados, a muralha movediça que, se sustenta os passos do homem, é por pouco tempo. Se afunda, não toca, não sente, não principia, não pesa, alcança a adimensionalidade da linha que conjuga e divide dois quadrados, a geometria perfeita da inexistência de tudo o que virá depois. Mas o

que liga o sonho ao que a mosca desperta, ou à porta? A ideia. Aquilo que nasce e some num átimo porque pulsa em urgência escolher um lado, a brevidade trêmula de um grilo insuportavelmente preso na concha da mão, prestes a pular ou ser esmagado. Entre Hanói e a pedra, está a ideia, uma coisa assintomática, nua e transparente, iminente como a bolha de sabão pousada no espinho. Quando o tempo se distrai e se esquece de badalar o segundo ou seu indivisível, e por coincidência vejo lâmpadas amarelas suspensas entre árvores ou o menino Bogdan Mihailescu tocando Chopin, chega a ideia, e então o torpor que levaria ao abismo se um carro não buzinasse ou uma criança não chamasse pela mãe, mas o mundo sempre avisa, num resgate que não entendo se é de redenção ou posse. Então, entre a Praça Treze e a Rua Rimbaud, vai seguindo a menina de meias amarelas, e sem ainda que o relógio se alinhe no ângulo rasamente noturno, as luzes inventam um dia fajuto, organizado e monótono — não feio — a cada cem ladrilhos. Qualquer coisa entre o meio-fio

e o esgoto, mais se parece com o começo do inverno, às seis da tarde, e qualquer coisa entre a saída do curso normal e os quintais das casas pobres impõe, em acidez e líquido, o cheiro das mimosas. Mais próximo da Rua Rimbaud do que da Praça Treze, a menina de meias amarelas tira do bolso uma caixa de fósforos. Dentro da caixa, um filme

russo em preto e branco. Dentro do filme, uma menina que soluça e se cala até o fim do dia. Qualquer coisa entre, mais se parece. Mas não é, nunca é. Não deste lado, lembra?

Em Hanói não, lá é outra coisa. Frases começam com um ponto e bilhetes terminam em linhas vazias. No mundo, quando se dorme é Hanói. Em Hanói é nada.



Intercontinental

enfrentaríamos o tiroteio

e cavaríamos com as próprias unhas nossa trincheira,

e nos montes de terra plantaríamos flores

e pés de morango.

Era aos 17, quando podíamos ir ali vomitar e,

ao erguer a cabeça,

a única espécie entre a vespa e o camaleão do deserto era o ar quente

que

aos goles

enchia os pulmões.

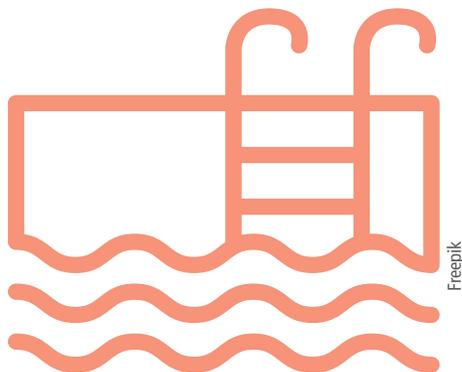
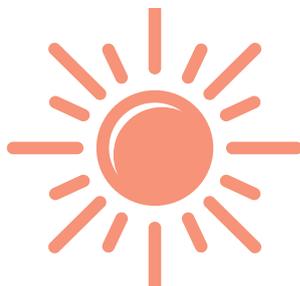
E mais,

teria de haver a artéria túrgida pulsando sobre o solo

e abaixo os canais da fria água subterrânea

comunicando à superfície
a vida fresca através dos poros do lodo.

A febre dos ratos permanecia no outro continente,
onde uma mulher sequer suportaria a picada de um inseto
e onde um pai armava para o filho uma piscina,
deixando apenas um tanto de água
à réstia do sol.



Sonhos periféricos

Sonhos periféricos

Drª. Juliana Santos (Pseudônimo – **Maria Rosa**)
e-mail: julianadecol@yahoo.com.br

“Ser” médico implica um complexo processo de formação. Antes de entrarmos na faculdade, o sonho da Medicina parece para muitos inatingível e, como uma miragem no deserto, podemos ver, sabemos o quanto desejamos, mas dificilmente conseguimos vivenciá-lo de fato. Quando o alcançamos, mesmo que tenhamos convivido com um profissional da saúde, todas as ações dele são bem mais complexas na prática e o desenvolvimento do conhecimento por simples observação ajuda, porém não é suficiente. Existe uma construção diária de um olhar, sentido, comportamento, mais do que clínico: humano.

“Somos seres complexos”. Indaguei-me sobre como poderíamos lidar com isso e talvez ape-

nas consiga uma resposta efetiva depois de muitos anos exercendo minha profissão. A prática médica é, assim, humana e exata quando nos permite reconhecer que, talvez, uma palavra não seja suficiente para amenizar um sentimento, um tratamento não possua a eficácia que esperávamos e necessitamos lidar com escolhas ruins ou grandes feitos tão bem quanto precisamos saber realizar um bom diagnóstico. Enfrentaremos constantemente um sistema de ação-resposta, em que trabalharemos com emoções todos os dias, e nosso “estar” influencia a existência de uma enfermidade. Há uma necessidade de nos conhecermos e de compreendermos nossos limites, nossa mente: essas são as questões difíceis.

Mais difíceis são essas questões em que a cobrança constante em alcançarmos a perfeição, assim como a discriminação das falhas, coexiste com nossas atitudes de maneira frequente e passamos a buscar a excelência, tornando secundária a construção do conhecimento isento de notas frente à beleza do estudo. A competitividade também fala mais alto e escondemos isso, esquecemos, ignoramos e fingimos ser inexistente este pequeno grande fato. Seguimos rumo ao futuro com um baixo alcance do ensino e tesouros revelados a poucos: Extensas histórias de luta para se ter a oportunidade de ler um livro de anatomia, analisar uma célula no microscópio, vestir o jaleco, estudar patologias, praticar a clínica médica surgem, faíscam e por fim se apagam. Vivemos a almejar, assim, um país em que a educação é primazia, onde haja paixão por novas ideias, informações acessíveis, plenas, livres de preconceitos e obra-prima de novos caminhos.

Talvez tenhamos tudo isso em mente, mas em um mundo onde o tempo e o cansaço nos consomem, esquecemos a pluralidade da prática médica e esta configura-se como “singular”. Erramos ao nos perdermos em uma cobrança excessiva, em individualizarmos conhecimentos e sermos conformados. Há um apelo subconsciente em lutarmos e nos encorajarmos por pensamentos muitas das vezes instituídos como utópicos, mas que carregam uma mensagem de incentivo e de ânimo aos que, todos os dias, aprendem mais sobre este “ser” humano. Pensamentos como estes, apaixonantes, incansáveis, democráticos diante uma vida agitada como a Medicina, que possibilitarão a força necessária àqueles que desejam uma paz e uma inquietude construtiva. Aquela diante de ações que busquem o bem ao coletivo e esta diante da realidade de sonhos marginalizados, em uma periferia mais concreta do que imaginávamos existir.

De amor & dor De amor & dor

Dr. Jeanine Berbel (Pseudônimo – **Nina**)
e-mail: jeanineberbel@hotmail.com

Não desconsidera a dor alheia
Simplesmente por não ser sua.
Não a desqualifica
Apenas por não tocá-lo diretamente,
Somente porque, então, não o abate,
Não lhe subtrai o chão.

Não.
Há um dia, depois outro...
E viver é roda, dança de ondas,
Em momentos de sereno e de aflição.
De consolo e consolar,
De passar e observar...
De tudo um pouco
Ou muito.

Não diminui o que assiste,
Apenas por não ser seu agora.

Tudo vem a uma hora
Imponderável.
E de modo, muitas vezes, impensado,
Imensurável,
Toma-nos a todos, a seu turno.

O universo sabe unir
O que homem separa.

É pelo amor..
Ou pela dor.



Pesos e medidas

A relevância da relação não depende do tempo,
Que conta contra ou a favor.
A importância vem da troca... de dentro,
De intercâmbio de sentimento,
Cultivo de conteúdos
E exercício
De doação... de interior.

Presença física não basta.
Papel, teto, sobrenome não unem seres.
Existir, estar, é diferente de viver.

Sabe-se da aliança pelo olhar.
Sabe-se do vínculo pela harmonia.
Sabe-se da unidade pela paz.
Sabe-se do enlace pela energia.

Não há declaração mais explícita que o sorriso.
Não há atestado mais patente que a etapa desfrutada.
Não há documento mais valioso que a manifestação de gratidão.
Não há o que realmente vibre, vivo, se não houver amor.

O tempo ?
Tem nesse compromisso seu valor.



Euco/Freepick.com

Sobre glória e Sobre glória e Compaixão Compaixão

§ Dra. Jaqueline Doring Rodrigues (Pseudônimo – **A Filha do Vento**)
e-mail: jaquedoring@gmail.com

Ela escolheu fazer do seu trabalho um aprendizado diário de compaixão e crescimento. Ele escolheu trabalhar objetivamente, sem muitos questionamentos e reflexões. Nem um, nem outro. Cada um possui sua história de vida e traça seu caminho a partir de suas experiências. E sempre há um pequeno trecho para inspirar-se diante de tanta riqueza de histórias.

Seu Andrade tem 84 anos e mora numa casa de esquina com Antônia, hoje com suas nove décadas de vida. Uma casa antiga com um grande muro e janelas altas, largas e profundas, por elas quase sentia-se o odor agradável dos pães

nas quartas-feiras. O fino som do beliscar nas cordas do teclado do cravo fazem as honras para as visitas. Eles tinham o costume, em dias difíceis e de vento, de caminhar à noite até o bar da esquina, para tomar um cálice de vinho. Tinto. Por vezes guardavam a garrafa no bar e chamavam de Harvest Moon. Como a música. Era notória a paixão que tinham pela arte, mas o que era sutil e verdadeiramente encantador era a atração da arte pelo amor que tinham um pelo outro. Em volta deles era tudo poesia. Casaram-se em frente ao museu mais antigo da cidade, nas escadarias brutas e compridas, no entardecer de uma tarde de maio. Ao

lado da foto do casamento, sobre a lareira, havia uma foto de Antônia, jovem, sentada, pensando. Quando questionada sobre a foto, ela disse: “Esse foi um dia muito especial. Tudo se revelou naquele instante.” E começou a contar uma pequena história.

Seu sonho era ter sido bailarina ou ter-se tornado escritora. Mas seguiu a carreira de médica e durante quase 10 anos de formação esqueceu as motivações que a conectavam com o mais íntimo do seu ser. O caminho era sempre tortuoso, difícil e cansativo. Quase não tinha tempo para a família. Sentia-se incessantemente sobrecarregada.

Então houve uma ocasião em que sua avó materna fraturou o fêmur, foi para a UTI e lá passou seus últimos dias de vida, longe de quem mais amava. Em seguida, sua avó paterna teve um acidente vascular encefálico, ficou com sequelas, acamada durante quase três anos e com dificuldade receber cuidados médicos domiciliares. Ainda, lembra da aflição que sentia pelo descaso acadêmico aos pacientes com doenças em estágios

terminais, porque eram raros os cuidados paliativos instituídos. Nessa ocasião, lembra de seu avô deprimido após o médico dizer que ele possuía uma bomba dentro do seu peito, que poderia explodir a qualquer momento, tamanha era a fragilidade do seu coração. Tãmanha foi a repercussão do medo instaurado: morreu três semanas depois, de infarto agudo da vitalidade.

E de repente, aquela jovem da foto, sentada, ao ver as propagandas de cosméticos, salientando as terapias antienvhecimento, sente-se inquieta e vive seu despertar. “Mas eu quero envelhecer. Deixa as minhas rugas e senta aqui, me conta uma história. É essa a terapia a que precisamos nos render”. Foi então que se inscreveu em um concurso para Residência Médica de Geriatria. Sentiu de forma verdadeira que poderia fazer diferença com seu trabalho. Despiu-se de egos e vaidades. Rendeu-se a um universo inteiro que poderia ser explorado. Dedicou-se a atuar no que havia espaço e no que se apresentou tão claramente no

seu caminho, de diversas maneiras. A partir desse momento, as ideias fluíram, o cansaço reduziu e dedicou-se profundamente a um sentimento: a compaixão.

Naquele mesmo ano conheceu seu Andrade. Ele tinha um olhar distante, como quem pouco se surpreende. Era quieto e calmo. Sentiram-se plenos na impermanência da vida. Através de inúmeras palestras e encontros, Antônia orientou diversas pessoas sobre o envelhecer saudável, prevenindo osteoporose, quedas, doenças cardiovasculares, falando sobre cuidados paliativos, fazendo visitas domiciliares e aumentando a vitalidade de cada paciente a cada consulta.

No seu consultório, a secretária, com mais de oitenta anos, preparava chás e conduzia conversas na sala de espera. Havia várias idosas que iam apenas para tomar uma xícara de chás e conduzia conversas outra para deixar um bolo de laran-

ja que havia feito no dia e algumas iam para consultar. Mas sempre havia confraternização, risadas e muitas rugas de vidas bem vividas. E essa era a verdadeira glória que buscava, e a vivia diariamente.

No dia em que os visitei, ao saírem de casa, deixaram um abajur aceso e a música ligada, pois gostam de ouvi-la tocando ao retornar. Há quem diga que na volta dançam abraçados. Então, seguiram caminhando na noite, sob a lua de colheita.

Dia de vento, noite de tinto.
Dois, por favor.



Para Glória Para Glória

Dr. (Pseudônimo – **Nego da Vó Margarida**)
e-mail: ricabomsilva34@hotmail.com

(poema para o dia das mães)

Quando o filho saía e deixava a porta do quarto trancada,
Não entendia que transparecia o reflexo de uma alma dilacerada.
Pois embora fosse mãe, palavra tão delicada,
Pobre Medeia só conhecia navalhadas.
Retalhava, assim, o coração do infante com palavras afiadas.
O sangue descia lento, correndo vermelhinho em valas
Os vermes amontavam-se em , em poças rubras coradas...
Ele, entretanto, juntava os fragmentos que sobravam,
Transfundia-se em amor, não se automutilava.
E da mágoa e do ódio, via a alma ser lavada.
Aprendera ao longo do tempo, observando-a com minúcia:
Malas leves e menores são mais fáceis de serem levadas...
Então um dia, na ponta de um raio da luz da manhã
Viu a rosa nascer no jardim do seu coração.
Podia colher-lhe a rosa
Preferiu dar-lhe o coração.
Pouco a pouco entardeceu-lhe os olhos

Não sentia mais os pés,
Tampouco insuflar os pulmões.
E era tanta branquidão,
que pensou por um instante ser um ninho de algodão.
Acordou num sonho doce
Sorrindo alto de comoção.
Estava sendo embalado no colo da virgem Maria,
Nossa Senhora da Conceição...
Entendeu que olhos d'água também cumprem sua missão
Às vezes desaguam em rios, sem necessitar escavar o chão...



Pio_pio/freepik.com

Prosa

Dr. Edival Perrini (Pseudônimo – **Treze Sampaio**)
e-mail: eperrini@onda.com.br

O sonho é meu pastor, nada me faltará.
Que venham as tormentas, que venha o que vier,
tenho o sonho comigo, o sonho é meu pastor.

O mundo da aparência não me engolirá.
Conheço bem suas manhas, meu ofício é interior:
girassol que é girassol tem proa pro amanhecer.

O sonho é meu pastor, nada me faltará.
Com ele eu teço o mundo, reinvento a Via Láctea.
Mistérios são bem-vindos, o sonho é meu pastor.

Ou eu busco a verdade ou ela não me achará.
Minha verdade, o sonho, é pomar e é brasão.
Seu universo, os versos, fio do sim e do não.

O sonho é meu pastor, nada me faltará.
Encontro nele a luz, meu alimento e cor.
Que escorra a ampulheta, o sonho é meu pastor.



Vértice

homem em pé sobre a canoa
pesca a manhã de cada dia,
noventa graus de poesia.

Amo te amar Amo te amar

Dr. Adriana Utida (Pseudônimo – **Adri Utida**)
e-mail: adrianautida@hotmail.com

Como vento morno de setembro,
Que é beijo inocente de criança,
Que aquece sem pegar fogo,
Que refresca sem gelar a barriga,
Assim é esta tarde.

Mas existem outras que, como o beijo do homem amado,
Queima o rosto como fogueira,
Gela a barriga como a barra de gelo que escorregou com a coca-cola.

Hora te quero pueril setembro,
Outras, avassalador meio-dia de verão,
E sempre contigo, a cada dia uma estação,
E sem você também é paz.

Também é bom (nossa, que descoberta mais desconcertante)

Mas com você, com você os sinos tocam,
A água joga pingos,
A grama cheira terra molhada,
O perfume da flor de maracujá se impõe.

Com você é sempre sol e as cores de tudo passam por intermináveis tons,

Mesmo na cinza chuva.

Se isso é ilusão, se é irreal, que não mude!

Não quero!

Que vida seria a minha sem o amor por ti

Que me embriaga docemente e faz de mim alguém que amo,

Amo te amar, meu amor!



Freepik

Felicitologia

Dr. Aline Dranka (Pseudônimo – Felicitologista)
e-mail: drankaline@yahoo.com.br

— Qual é a sua especialidade?
Ainda que a resposta seja outra,
eu sinto vontade de dizer:
— Felicitologista.
Alguém invariavelmente dirá:
— Essa especialidade não existe,
eu nunca ouvi falar. Mas que me
seja permitido sonhar e encontrar
a dose exata de felicidade para
prescrever em qualquer diagnósti-
co. Lanço-me sempre à procura de
algo que torne tudo melhor. Então
prescrevo felicidade. Ser feliz deve-
ria ser um hábito assim com efeito
análogo de remédio. Marquemos
a consulta, pode ser no começo da
tarde, venha sem avisar. E aviso:
não irei prescrever coisas difíceis
demais. Felicidade não é nenhum
medicamento injetável. Felicidade
é visível sem oftalmoscópio. Não
pedirei radiografias, mas tenho
certeza de que estará lá dentro de
você: é só procurar. Prescrevo que
coisas boas aconteçam, que você

fique sorrindo todas as manhãs,
mesmo nas chuvosas, cinzentas e
congestionadas. Posso prescrever
que tenha paz, paz para pensar nos
seus planos e planejar suas viagens
quando se aposentar. Paz para dor-
mir e paz ao acordar. Posso pres-
crever amizade, daquelas sinceras
e necessárias, daquelas em que se
encontram as mãos que precisa-
mos para seguir com esperança.

E como sei que a Medici-
na é tão cheia de possibilidades,
prescrevo um amor maravilhoso,
mesmo que não tenha olhos azuis
e venha com uma bula enorme.
Porque prescrevo amor sempre,
amor que invade o pensamento e
nos faz viver com prazer. É o amor
que move as cartas e as pessoas.
Prescrevo um amor verdadeiro,
fiel, companheiro e cheio de atitu-
de. Prescrevo um amor tranquilo
e inquieto, daqueles que você sabe
que terá poucos efeitos adver-

sos e recorrentes. Prescrevo que você aprecie o mar, o pôr do sol e a sensação de satisfação em ser útil. Prescrevo viagens e que você possa conhecer muitos lugares e o melhor lugar do mundo possa ser sempre seu coração: sem infartos, sem sobressaltos, sem insucessos. Recomendo que você possa lembrar de mim às vezes, talvez sempre, porque você precisa falar sobre suas dores, sua alergia, sua alegria, seus joelhos e seus alvéolos e até o sobre o seu estômago. Traga seus exames. Deixe-me examiná-lo. E que eu possa me salvar todos os dias e salvar você. Prescrevo que se divirta e cante, que seja exatamente como é, que seja uma lembrança boa para mim e mesmo com gripe e um pouco de tosse, seja capaz de sorrir ao se olhar no espelho. Prescrevo que você sempre se volte para sua família, pois lá o amor sempre encontrará você.

Prescrevo que você possa ser feliz consigo mesmo. Prescrevo que você se ame. Prescrevo que você não torne ninguém infeliz. Oriente que você não me veja como herói, mas que confie em mim e saiba

que estarei lá para você: de branco, azul, verde-esmeralda, camuflado e até em algum lugar improvável. Prescrevo que você tenha fé e procure a Deus se você quiser. Prescrevo que você não seja de pedra nem de cristal, pois o primeiro pode ferir e o segundo pode cortar. Prescrevo que você seja um bom amigo, e possa ser amado pelo que verdadeiramente é, não apenas amado pela sua aparência, nem pelos seus títulos, mas pelo que carrega de bom, de humano e de sábio, e que você sirva de exemplo aos outros. Desejo que você, sendo médico, também pense na dor, na doença e no sofrimento, não o tempo todo, mas um momento apenas, e que nesse instante você perceba o quanto a alegria é contagiante, o quanto o riso enriquece a alma e pense que é a persistência que o faz voltar para casa com a certeza do dever cumprido. Comece a prescrever também felicidade. E espero sinceramente que entenda enfim a minha especialidade.

Seus olhos Teus olhos

Dr. Reginaldo Werneck Lopes (Pseudônimo – **Juca Esculápio**)
e-mail: reginaldolopes@gmail.com

Teu semblante de beleza juvenil
Exibe lindos olhos a adornar teu perfil
O poeta que os vê, certamente,
Como apaixonado adolescente,

Sôfrego, derrama em perfumado papel
Palavras escritas que lhe fluem d'alma,
Como o escultor burila com calma
Talhando em mármore, com hábil cinzel

A figura de sua musa como obra perene,
Ou como pintor que na tela desliza o pincel.
Que o poeta, por sua rima não se condene

Por ser novato na arte de transferir ao papel
Enlevos poéticos de expressão solene
E não simples verbo de qualidade infiel.



...A difícil arte de amar

Desde a alegada descida da árvore, que teria marcado o início da transformação do antropeoide em Homem, sua trajetória tem sido pautada pelo constante afã de deslindar os segredos da natureza, pela contínua atividade cerebral inventiva, pela busca incessante de sua origem e pela solução do enigma que sua própria existência suscita. Esse percurso, no entanto, não tem sido suave, tampouco harmonioso, mas eivado de escolhos que decorrem especialmente da outra faceta do homem, seu psiquismo, dentro do qual se abrigam as consequências do passado e os temores do futuro. O mesmo homem através de milênios construiu artefatos de pedra lascada, descobriu metais que lhe possibilitaram fabricar armas para caçar e guerrear, fez descobertas para tratar e curar, assim como para lesar e dizimar.

A par do desenvolvimento portentoso de sua intelectualidade, a qual lhe facultou grande poder, que até permitiu viajar no espaço e sondar o sidéreo, esse mesmo ho-

mem carrega consigo uma herança que provém do ancestral primitivo e fez sedimentar em seu psiquismo a ideia de um ser superior, responsável pelos acontecimentos bons e maus que fugiam de seu controle. Esse Deus, quando descontente ou irado, atemorizava, destruindo ruidosamente com intempéries os feitos do homem. Como contentá-lo? Sua submissão ao temível desconhecido viria dar origem à prática da imolação, ainda presente nos dias atuais como alternativa de caráter político-religiosa.

Uma vez integrando grupos comunitários, seus componentes, comungando ideais idênticos, deram origem a religiões, seitas e partidos que estabeleceram antagonismos de seus seguidores em relação aos que não aderissem à crença ou à filosofia estabelecida, contrários às regras que o grupo socialmente passara a aceitar. Religiões, assim como sistemas político-partidários, tornam obrigatória a perda da voluntariedade individual, para preconizar, de maneira indefecti-

vel, conduta ditada pelos preceitos da organização.

Fiel às normas da organização, católicos levaram à fogueira os que divergissem do que era fundamental para a subsistência da instituição. Nada escrito poderia ser publicado sem que obtivesse a chancela de *nihil obstat*. Da mesma forma, encontramos cientistas de renome e valor, que aceitaram praticar procedimentos experimentais de consequências letais contra judeus, em nome do nacional-socialismo ditado por Hitler e, no presente, a fidelidade de alguns muçulmanos que os leva à autoimolação homicida, em nome de Deus.

Assim, ao lado do homem capacitado a dominar os enigmas da cibernética ou enfrentar os desafios da astronáutica, do cientista interessado nos mistérios da vida, igualmente subsiste a figura humana do que aterroriza e aniquila em nome de Deus, como resquício da herança primitiva que preconizava a imolação para o gáudio de Deus.

A difícil arte de amar se explica historicamente em narrativas contidas nos livros sagrados de re-

ligiões vigentes. Na Bíblia judaico-cristã, a simpatia de Deus por Abel provocou em Caim o sentimento de inveja e de ira, que culminaram, a despeito da advertência divina, na prática do primeiro homicídio da história do homem.

Do Velho Testamento (1500 a.C. — 450 a.C.) para o Novo (42 d.C.) se transmuda o deus irascível e punidor para uma entidade bondosa e pacificadora - Jesus Cristo - a quem se atribui o Sermão da Montanha. Entretanto, fato que facilmente se comprova é a dificuldade de se encontrar um número significativo de cristãos capazes de agir segundo os ditames do Sermão da Montanha. Aquilante-se esta dificuldade pelo exame introspectivo de nosso próprio proceder, que será capaz de detectar, mesmo entre membros de uma comunidade voltada para a paz, mesmo entre integrantes de seitas religiosas ou grupos filosóficos, pequenas manifestações veladas de desamor e ódio perante nosso semelhante, em nosso encontro cotidiano. São manifestações desinteressadas de desamor, que às

vezes não ultrapassam os limites de nosso pensamento, mas encerram o desejo de que algo mal venha acontecer a outrem. Quando então se estende essas considerações para o plano dos prioritários interesses econômicos das nações, dizimar vidas ou reduzir povos à impossível condição de sobrevivência tem sido empreendimento fácil.

A despeito das dificuldades, não é preciso ser um virtuose na arte de amar; a genialidade para a música, para a pintura ou escultura não está presente em todos os que as praticam, o que não impede que se busque a felicidade com o exercício salutar de assim mesmo praticá-las.

Ama-se o que está diante de nosso coração e, para tanto, ele precisa estar cheio de amor para dar, porque amar é dar amor.

Mas o que é que o coração vê como objeto de seu amor, como justificativa para tal doação? Não é o corpo físico, a cor dos olhos ou o semblante belo de quem amamos, mas o espírito desse corpo físico, a luz que emana desses olhos e a energia que empresta beleza àquele semblante belo. As mãos que to-

cam, confortantes, ternas, curativas, sua energia canaliza o bem que nos transmite quem amamos!

Tal amor, tão necessário à nossa sobrevivência, por ele se anseia, como anela o caminhante do deserto pela água fresca do salvador oásis.

Quem amamos edifica, aperfeiçoa, reconstrói, alenta, satisfaz; nos aproxima do que é divino e supremo, enfim, nos permite apreciar, com jubiloso prazer, cada segundo da amorosa intimidade, que se estende como ponte a ligar dois corações.

Os que se amam compartilham de tudo, mesmo a dor e as procelas; dividem a cruz no infortúnio e o amor permite que se conserve um espaço, um vazio silencioso na relação, pois só assim poderá haver júbilo nos momentos de ventura, e amorosa solidariedade nos momentos de tristeza!

Amar alguém é querê-lo livre, como objeto da perfeita aliança que, assim, permite a ambos que seja perene a felicidade, mesmo na ausência. A sabedoria celta do Anam Cara nos diz: ...”quando se

ama, abre-se a vida para o Outro. As distâncias protetoras cedem e essa pessoa recebe permissão absoluta para entrar no templo mais profundo do espírito.... É preciso grande coragem para permitir alguém tão próximo!”

E, como resultado de um amor

perfeito, lembro o Cântico (Ct.II, 13):

“A figueira forma seus primeiros frutos.

A vinha em flor exala seu perfume,

Levante-se, minha amiga, minha bela

E vá para você mesma! ”



Freepik

Colega do Grupo Escolar

Colega do Grupo Escolar

Dr. Jaber Farah (Pseudônimo – **Cunha**)

Numa tarde, trabalhava em meu consultório quando comecei a escutar um falatório do lado de fora.

Sei que sala de espera é um ótimo lugar para que as pessoas relatem suas doenças e tratamentos. Como gostam de falar de suas cirurgias e de seus médicos!

O que se podia perceber, no entanto, era que alguém fazia um discurso, um verdadeiro comício. Seria algum candidato a cabalar votos?

Segui com minha consulta, e a tagarelice continuava.

Finalmente terminei o atendimento, dispensei o paciente e minha secretária entrou. Indaguei:

— O que está acontecendo na sala de espera?

— É um homem que aguarda para se consultar — respondeu — e está contando para todo mundo que estudou com o senhor no Grupo Escolar Balduino Cardoso.

Curioso, perguntei qual era o nome do colega.

Ela disse e, interessada, questionou:

— É verdade?

Esclareci:

— É quase verdade. Só que ele disse que estudou comigo. Realmente nós frequentamos a mesma escola, éramos colegas de sala. Só que não estudamos juntos. Lá o único que estudava era eu. Por isso que hoje eu sou médico e ele, infelizmente, não se acertou na vida.



Dalva

Dalva era uma senhora de meia idade, nervosa, agitada, jeito de sofredora. Morava na cidade.

Era casada. Mal casada, diga-se de passagem. Seu marido, operário bem remunerado, não era nada gentil com ela. Na verdade, tratava-a muito mal. Mas não deixava de trazê-la para a consulta. Foi assim que os conheci.

Ela veio com o marido, trazendo a ficha de consulta do INPS, como quase todos naquela época. Sua queixa era de bexiga. Doía e ardia. Tinha todos os sintomas de cistite.

Como de regra em primeira consulta, mediquei-a com os remédios tradicionais daquele tempo e pedi que retornasse para uma reavaliação.

Voltou. Nada de melhora. Parti para os exames e um tratamento rigoroso. Exame de urina (parcial, cultura e contagem de colônias). Resultado: tudo normal. Menos os sintomas, que não se atenuavam.

Exame endoscópico (cistoscopia). Urografia excretora. Enfim, todos os exames disponíveis. Resultados: todos dentro da normalidade. E os sintomas persistiam.

Seria tuberculose urinária? Cistite intersticial?

Ou seria o médico um incompetente que não conseguia desvendar o problema? Cheguei a perder o sono.

E assim se passaram alguns meses. Até que um dia ela não mais retornou. Pensei: mudou de médico. Certo. Talvez outro conseguisse solucionar o caso.

Mais um ano depois, estava atendendo consultas em meu consultório particular quando entrou a paciente da vez (com fichinha do INPS, claro). Era uma jovem acompanhada da mãe.

Cumprimentamo-nos e pedi que se sentassem. E logo percebi que conhecia aquela senhora. Bem vestida, cabelos arrumados, maquiada, rosto alegre, vendendo

saúde e prazer de viver. Minha cabeça trabalhou no sentido de reconhecê-la. “Será ela?”, pensei.

Perguntei:

– Você é a Dalva?

– Sim, respondeu ela. Não está me reconhecendo, doutor?

– Agora estou. Mas como você está diferente. Tão bem! E a bexiga, como está?

– Nunca mais senti nada.

Antes que eu perguntasse sobre o tratamento, ela emendou:

– Doutor, o senhor não soube que me aconteceu uma desgraça?

“Uma desgraça e ela se mostra tão animada?”

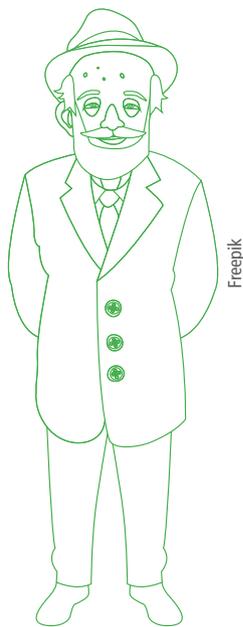
Respondi que não.

Veio a revelação:

– Pois é, doutor, meu marido morreu.

Depois de tanto tempo de exames e tratamentos convencionais, finalmente concluí meu diagnóstico: sua doença era o marido. Todo o sofrimento que ele lhe causava acabou se refletindo em sintomas urinários.

Moral da história: marido também pode fazer mal à saúde.



Política torcida no estádio

↳ Dra. Aline von Bathen (Pseudônimo – **Netha Binovli**)
↳ e-mail: aline.vonbahten@gmail.com

Peleiam os pobres ensandecidos
Empunhando sigla como bandeira
Dentro do estádio estão perdidos
Vão para onde o vento queira

Se de um lado o brado é forte
Da história que canta e emana
Não se apaga tudo com corte
Amnésia é burrice insana

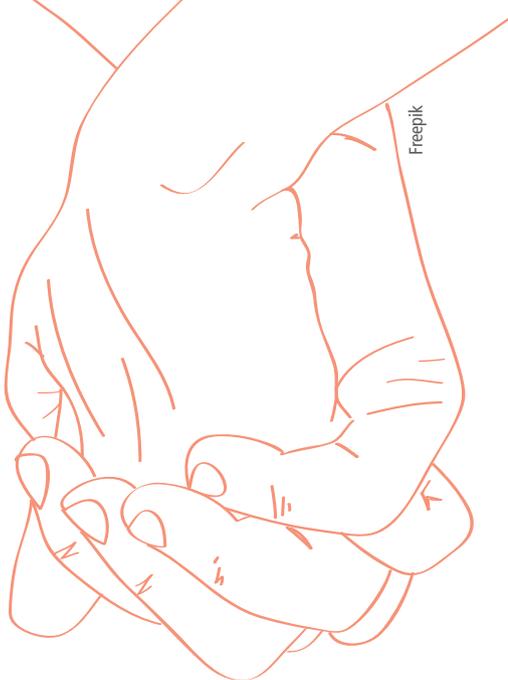
Camisas rasgadas com esmero
Atrasam o foco de um país
Arrastam-no no chocho zero a zero
E a impunidade vence por um triz

Digladiando com mãos em afronta
No cumprimento da pré-derrota
A direita, a destra encontra
E a esquerda alcança e canhota

Mas para avançar em um sentido
Tire do estádio sua nação
E a corrupção, monstro temido
Extirpado será com sua ação

Vai doer matar o “jeitinho” diário
Eviscerar-se em frente ao espelho
Ver no seu cotidiano, o noticiário
Descobrir que estava de joelho

Ao vestir do país a camisa com raça
Responda de espírito elevado:
Qual a mão que você entrelaça
Quando resolve andar lado a lado?



Uma flor chamada Dayane

Dr. André Guimarães (Pseudônimo – **Dedé Guima**)
e-mail: aguimadr@terra.com.br

Meu doce e eterno amor,
Não quero te perder
Você pra mim é uma flor
Que lutou para nascer.

Nasceu e desabrochou
Se tornou uma bela rosa
Onde o sabiá cantou
E a vida ficou formosa.

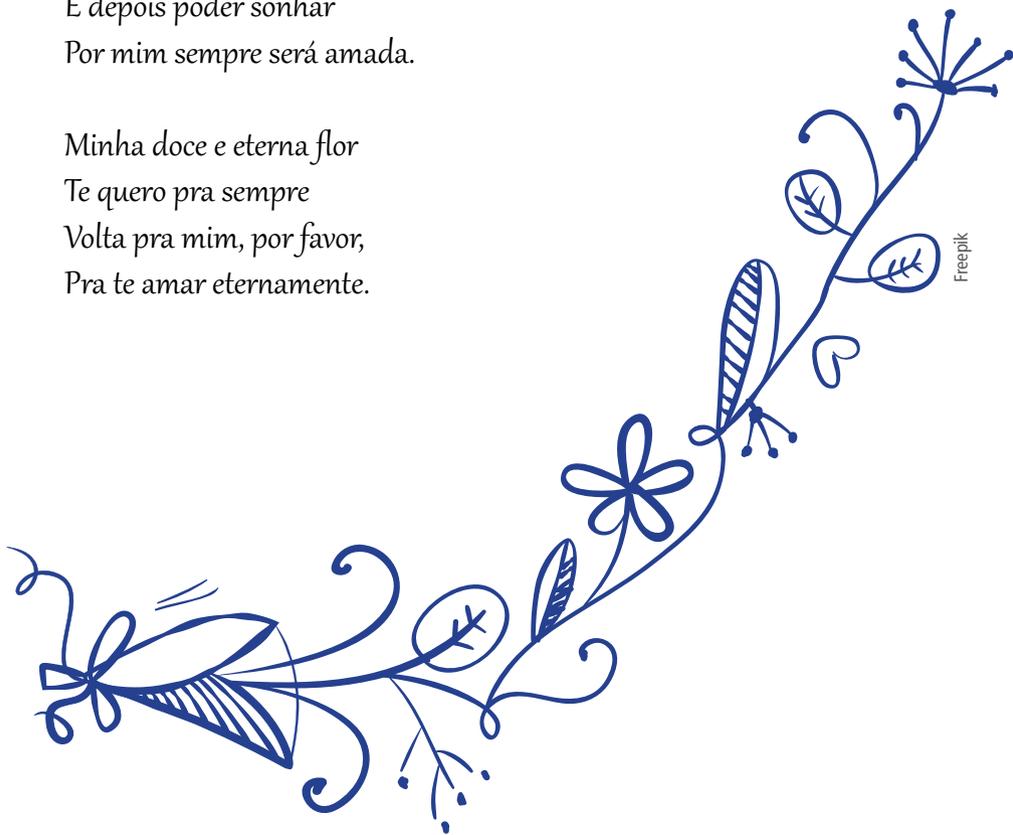
Quero estar com você
Pra viajar pelo mundo
E poder envelhecer
Ficando eternamente juntos.

Te amo mais do que tudo
Te dou meu coração
Neste meu pensamento profundo
Acima da minha razão.

Mas a razão não é tudo
Tampouco nossa emoção
O que faz girar o mundo
É a nossa decisão.

A decisão de perdoar
Por quem uma vez foi perdoada
E depois poder sonhar
Por mim sempre será amada.

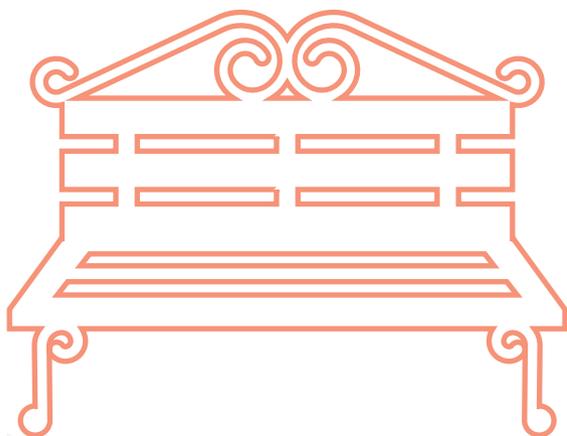
Minha doce e eterna flor
Te quero pra sempre
Volta pra mim, por favor,
Pra te amar eternamente.



Ausência

Dr. Daniel Alves de Mello (Pseudônimo –
Lucas Vatie)
e-mail: danieell.mello@hotmail.com

De vez em quando, nos dias pesados,
E até nos leves, a consciência um degrau desce.
Na alma surge então um falso insight, quase um delírio.
Tempo e espaço se dobram,
Somatizam uma ansiedade quase álgica.
A aura quase se apaga, quase se entrega.
Em tal penumbra o platonismo quase se perde,
O filme lacrimal quase se quebra...
Mas tão logo isso acontece, reaparecem as boas aspirações.
Aspirações que nos guiaram e nos guiam à Medicina.
Um suspiro encerra o momento.



Freepik/www.flaticon.com

Prognóstico e prescrição

Prognóstico e prescrição

Victor Silva (Pseudônimo – Emmanuel)
e-mail: victorsilva822@gmail.com

Segundo o Aurélio, prognosticar é predizer o que acontecerá de certeza. Um prognóstico resulta em dois fatos: a precisão do curso da doença e a prescrição de tratamento adequado para se atingir a cura de alguém. Como médicos mortais, somos limitados e humanos, por isso nem sempre conseguimos recuperar totalmente a saúde de nossos pacientes. Entretanto, buscamos avidamente aliviar os sintomas indesejáveis e melhorar a condição clínica deles, quando possível.

No mundo, há as mais variadas doenças físicas e emocionais, já que o homem é um ser triúno: corpo, alma e espírito. Todavia, nada mais devastador do que a doença terminal do pecado. Essa é espantosa, porque todos estamos enfermos desde o nascimento. Simplesmente, pelo motivo de sermos descen-

descentes dos primeiros pais (Adão e Eva). Apesar de a enfermidade iniciar no espírito humano, há comprometimento do nosso corpo e da nossa mente (alma). Assim, na esfera espiritual, há uma verdadeira ruptura do nosso relacionamento com Deus, pois estamos comprometidos espiritualmente. É como se estivéssemos falecidos, ainda com fôlego de vida terrena. Não é fácil. A parte física, devido a essa enfermidade, também sofre consequências avassaladoras. Estamos sujeitos a qualquer doença, perdemos a vitalidade física com o passar dos anos, e enfrentamos a morte, mais cedo ou mais tarde.

Infelizmente, a capacidade, a sabedoria, a inteligência e toda tecnologia humanas não são eficazes para debelar a enfermidade do pecado. Entretanto para toda doença há um prognóstico. Esse já

é sabido: a morte física e espiritual. Para se ter a prescrição adequada para o caso, precisamos de um médico. Quem seria este? Sua especialidade? Alguém com características humanas e divinas. Alguém que conhece nossos dilemas, nossas limitações, nossos deslizes, nossas imperfeições. Alguém que também sofre na carne, mas superou todas as provocações. Jesus Cristo. Sim, o Médico dos médicos, aquele que trouxe a nossa maior inimiga, a morte. Aquele que o inferno não conseguiu suplantar, pelo contrário. Graças a Deus, a qualquer momento podemos contar com este Doutor. Grande é o nosso refrigério, não temos o que temer. Está solucionado. E o remédio? Não podemos isso olvidar. O medica-

mento também faz parte do processo e não pode ser segredo. A fé em Jesus, reconhecendo-o como único senhor e salvador de nossas vidas, dá-nos a cura dessa enfermidade e ponto final. Está consumado.

Na Medicina, todos ficamos tristes diante de uma doença difícil de ser derrotada. Muitas vezes, temos a prescrição já em nossa mente, mas não podemos assegurar a cura. É decepcionante para qualquer médico. Irradiante ficamos quando, apesar da gravidade do caso, sabemos de antemão que temos o doutor certo e o medicamento para o caso. Basta apenas que o enfermo use o remédio prescrito. É o caso da doença pecado. Essa tem jeito. O médico é Jesus; o remédio, nossa fé nEle!



A primeira anamnese

A primeira anamnese

Acadêmica Aysla Rinaldo (Pseudônimo - **Cecília Ibaz**)
e-mail: ayslarin@hotmail.com

Em meio a proteínas, vias metabólicas, artérias, nervos, músculos, lâminas, células, ossos, chegou o dia de olhar nos olhos da Medicina. Hoje, 19/10/15, foi a minha primeira anamnese. E posso dizer que, olhando nos olhos da paciente, olhei para os olhos da Medicina.

Com toda sua complexidade, aqui pelo ciclo básico, eu tenho visto os membros dela, as particularidades de uma região e outra, mas hoje foi o dia em que finalmente entrei no universo relacional que ela me proporciona.

Pude notar que a teoria de Medicina humanizada, envolta por empatia, por escuta ativa, por compaixão, é realmente linda. Entretanto um abismo separa a bela

teoria da prática. A Medicina se faz ao ver aquilo que estava no livro inserido em um universo que não são as folhas de papel, mas que tem uma história que, independente de qual seja, precisa ser ouvida.

Passei não sei quanto tempo com a paciente. Aqueles minutos foram preciosos, e o pouco que estive ali me mostrou que a anamnese se fará melhor a cada conversa, a cada dia de prática, a cada contato, a cada olhar.

Hoje, olhei a Medicina nos olhos e sorri. Lágrimas vieram, a consciência da profundidade da relação médico-paciente me impactou. Seus olhos tão vivos me chamam para construir com ela um relacionamento de amor...



Empatia terapêutica

Como acadêmica em início do curso, e médica em construção, a cura ainda está distante de minha possibilidade. Houve um dia, entretanto, em que percebi que quando disse “Curar quando possível, aliviar quando necessário, consolar sempre”, Hipócrates foi muito sábio.

Naquela quarta-feira, o paciente iria ao centro cirúrgico para uma cirurgia cardíaca. Ficamos encarregados (como estudantes de Medicina voluntários em um hospital) de levá-lo de seu leito até lá. Ele não sabia exatamente se iria para a cirurgia, se seriam exames, teria sido informado? Sentou-se na cadeira de rodas, cobrimos suas pernas com um lençol e tentamos conduzi-lo até o centro cirúrgico. Foi difícil encontrar, estávamos meio perdidos. Sua esposa estava junto dele, com sacolas com roupas, fraldas, acompanhando-o com os olhos e o coração.

Finalmente, encontramos a porta do centro cirúrgico em que ele entraria. “Você parece minha

filha”, disse a mim. Percebi que seus olhos azuis ficaram brilhantes pelas lágrimas. Comentou com a esposa, que confirmou, e contaram que ela também era pequena, tinha 22 anos, e eu 20. Éramos parecidas. Entramos no corredor que levaria à sala de cirurgia. Com uma certa ausência de delicadeza da enfermeira, sem quase nenhum contato visual, “o senhor sabe que cirurgia fará?”. “Sim, ponte de safena”. “Essa é a veia, não a cirurgia...”. Sem delicadeza para um momento tão delicado. Mais que um coração físico seria operado. Havia o coração das emoções muito envolvido. A esposa se despediu. Ele entrou para a sala.

Ela ia aguardar na sala de espera, caminho por onde era comum eu passar. Fui ajudar a conduzir outro paciente e passei por ela. Havia lágrimas ali. Preocupação, medo, ansiedade, tantos sentimentos. Fui para a sala de voluntários esperar por mais algum trabalho. Comentei com uma colega que

a esposa dele estava chorando. “Normal, ela está preocupada”. Mas ah, eu não consegui ignorar. Resolvi ir à sala de espera onde ela estava e me sentar meio perto. Palavras vêm no momento certo. Ou não. Ela estava com as lágrimas e um terço na mão. Dei uma olhadinha, me aproximei e sentei no banco ao lado.

“Está rezando?”. “Sim”. E imediatamente ela pegou em minha mão. Começou a fazer carinho nela e eu pude sentir o que nos unia. Ela era mãe, eu filha. Ela acariciava e chorava e eu não pude conter o impulso de reclinar a cabeça no ombro dela. Quanta ternura nesse momento, meu Deus! Não pude conter minhas lágrimas também. A empatia foi tão natural. “Você parece minha filha!”. Ela não parecia minha mãe, mas naquele momento, foi como se ela fosse. Eu nunca a tinha visto. Mas nossa humanidade

nos aproximou. Abracei-a. “Você foi um anjinho que Deus mandou para me acalmar”. Ficamos ali por mais uns segundos. Conversamos sobre a vida, ela queria saber mais sobre mim, contou-me mais sobre sua filha, seu marido. Fiquei mais um pouco e nos despedimos.

Dizem para não nos envolvermos com os pacientes, vamos nos machucar. Porém sempre me lembro da metáfora de uma professora que disse que é como se entrássemos em uma piscina. Precisamos saber sair, não podemos nos tornar água. Mas nunca sairemos secos. Essa água precisa nos molhar, ela seca aos poucos e deixa sentimentos lindos, que podem doer, mas que são humanos.

Lembrando-me de tudo, sinto o sentimento de consolo que existiu, e o perfume daquela minha mãe ainda está aqui...



Criança na rua *Criança na rua*

Dr. Agostinho Bertoldi (Pseudônimo – **Trentino**)
e-mail: eliabertoldi@uol.com.br

De onde vem

Tal expressão

De dor e de espanto?

De onde chegam até os olhos

Desalento

Vazio e pranto?

Estampado numa face triste

Está o grito da alma

O clamor do interior

Do interior do ser.

Parece que esta imagem

Quer traduzir o estado da alma

Trazer para a face

O espaço interior

Triste e inquieto

Feito noite.

Por ela passamos

Olhamos e vamos

Sem sentir e ser tocados

E perdemos

E somos um pouco menos;
Ou tocados
Partilhando
Crescemos e somos.
Levando um pouco da noite
E deixando um pouco de dia
Estaremos
Mais próximos do humano
Para compreender a vida.



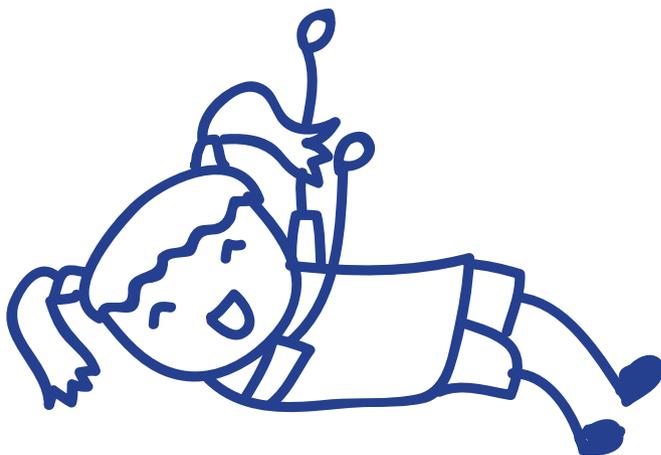
Oleiro

Um punhado de barro
Sem nenhuma forma,
Nenhuma expressão
Girando entre as mãos
Sobre o prato
Pouco a pouco
Vai se transformando.
De um leve toque
Um toque e movimentos
Um pouco de barro
Vai se tornando
Expressão da alma
E de sentimentos.

O sentir chega às mãos
Que transformam o barro
Que dão vida ao barro.
O que vai surgindo
Vai expressando a alma
Vai falando por ela
Vai unindo barro e alma.

Assim somos
Barro nas mãos do oleiro
Mas também
Oleiros do próprio barro.

Oleiro



Freepik

Parabéns!

Dra. Helena Lúcia Zidan Sória (Pseudônimo – Oestina)
e-mail: hsoria@hotmail.com



Freepik

“Parabens pt formatura medicina pt orgulho todos nos pt”

Tudo começou assim: mãe de dois filhos pequenos resolveu cursar Medicina. Apesar de achar que o desafio seria quase impossível de ser vencido, tinha algumas certezas. Primário, admissão (sim, era um vestibular para entrar na primeira série do ginásio, ginásio, mais um vestibular (sim, concorrida prova para entrar no curso normal) em conceituadas escolas públicas, muita dedicação durante toda a vida escolar, estímulo constante dos pais e irmãos, marido, cursando Pedagogia em universidade federal. Tinha consciência de que sempre fora boa aluna e tinha tido a oportunidade de estudar em excelentes escolas.

Não era um sonho de infância. Magistério, música (piano) seriam o caminho mais natural e esperado

para aquela primeira filha de família grande. Algumas habilidades indicavam isto.

Em aulas de Biologia da Educação, professor instigador, a reviravolta. Por que não? Fazer Medicina.

Jornada trabalhosa, poucos recursos, as 24 horas eram poucas para perseguir o novo rumo. Muito estudo no pouco tempo criado para tal, a base sólida da vida escolar pregressa e a visão de um futuro melhor para si e para sua família ao abraçar uma carreira de tanto valor humanitário e social.

Fizera a inscrição para o vestibular sigilosamente, com dificuldade. No fundo, preferia que ninguém soubesse, pois o resultado poderia ser negativo.

Almoço na casa dos pais: sigilo rompido! Grande mesa cheia de adultos e crianças, eis que seu pai

faz uma declaração. Sorriso nos lábios, assim como sua mãe, alguém lhe dissera que havia visto seu nome numa lista de candidatos ao curso de Medicina da UFRGS. De início, ficara incomodada. Como alguém seria capaz de estragar um plano tão cuidadosamente elaborado? E ela não estava preparada para negar, adiar, pelo menos, esta notícia. Fora pega de surpresa! Inclusive havia chegado um pouco atrasada, após prestar uma das provas naquele dia ensolarado. Confirmou, em meio ao espanto geral e muita alegria. Insistiu que era quase uma loucura, uma insanidade, mas eles pareciam ter certeza de que ela seria aprovada! Logo após, gabarito conferido pelo rádio, momento de muita expectativa para todos, agora já compartilhado.

Alguns dias após, um fusca vermelho buzina pela cidade inteira, inscrição vermelha de batom no vidro: mamãe bixa! Medicina! As crianças vibravam, talvez sem entender muito bem o alarde todo. Mas suas risadas foram contagiantes! Devia ser algo importante pra tanto estardalhaço!

Havia passado! Só que aquele era o primeiro ano em que somente metade dos candidatos tinha a garantia de estar nos seus respectivos cursos. A outra metade (e estava no início desta), teria ainda que disputar durante o primeiro semestre, o chamado ciclo básico) as vagas para o curso escolhido. Era o chamado vestibular unificado que estreava naquele ano.

Matérias básicas, concorrência acirrada, a cada bimestre a classificação geral e para o seu curso. Começou bem e terminou classificada. Agora sim! Acadêmica de Medicina!

Cadeiras difíceis, bioquímica no topo! Não fizera o curso científico o que, na época, era o mais indicado para quem seguiria o caminho das ciências. Bioestatística na sequência, horas de estudo e progresso lento. Fora o semestre mais preocupante!

Obstáculos sendo vencidos. Crianças crescendo, exigindo novas atenções, ainda pescava vários dias por semana, finais de tarde, pertinho de casa, para alegria de dois travessos meninos! E pre-

paravam os peixinhos, pois as condições financeiras deixavam bastante a desejar. Estudar em parques, praças, até em árvores, leituras constantemente interrompidas por uma bola, uma bicicleta, um aplauso, uma reprimenda, participando da infância. Disposição, superação. A madrugada não era totalmente dedicada ao descanso. E uma meta: concluir o curso, exercer a Medicina. O que circulava em seu cérebro era: um dia há de valer a pena este empenho!

Terceiro ano, semiologia foi marcante! Confirmou expectativas, contato com os pacientes era gratificante e o sentido da utilidade da profissão, proeminente. Havia mais certezas do que dúvidas.

Plantões, medos, emoções, livros e mais livros sendo devorados. Escolhas, especialidades sendo vencidas, escolhidas, eliminadas, novamente escolhidas, mais uma vez eliminadas. O que fazer após o curso? Qual seu verdadeiro perfil? Clínica? Cirurgia? Algo abrangente, que cuidasse do todo era o que se delineava.

E o curso chega ao final! Os filhos publicavam em jornaizinhos artesanais: “minha mãe é a melhor médica do mundo”, e vendiam na vizinhança e entre os parentes. O marido apoiava incondicionalmente, o que a tranquilizava.

No dia da formatura, culto ecumênico com a presença de seu pai como um dos oficiantes. Emoção, gratidão, sensações indefiníveis, fortes. Cerimônia de formatura, irreal, final, e agora?

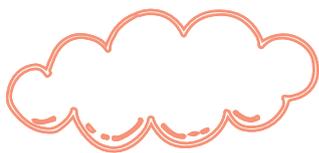
A avó, figura forte e marcante, vestida cuidadosamente — escolhera durante todo o ano o que usar, dispondo sobre sua cama e pedindo aval — parecia realizar seu grande sonho. Era a primeira neta a se formar! Oferecera seu colo e tempo aos bisnetos para tornar este dia possível.

Festa em família! Irmãos, cunhados, sobrinhos, tios, primos, avó, pais, marido, filhos! A alegria reinava!

E os telegramas chegavam! E todos queriam ler! Um pequeno papelzinho, dobrado em três, datilografado e com linguagem cifrada: pt...pt...pt...

Psiu de novo!

escolhi palavras
misturei sons
transmiti sentidos
pra você mesmo
Fixe seus olhos
movimente-os imperceptivelmente
e coma este texto
mastigando lentamente
A saciedade virá
e você dormirá
ao som de muitos neurônios
faiscando ao se encontrar
A mensagem?
Ah! Você a encontrará
pois seu conteúdo
mesclado ao meu
há de aflorar



Freepik

Minha personagem Minha personagem

Dr. Lorivaldo Minelli (Pseudônimo – **Lauri**)
e-mail: minelli.dermato@sercomtel.com.br

Ele impregnou-se sentimentalmente pela figura da adolescente do romance que lera na sua juventude.

A descrição do autor sobre a fisionomia, as atitudes da jovem junto à sua família e seus vizinhos criaram nele uma visão pessoal da jovem. Imaginou a cor de sua pele, um moreno bronzeado pelo sol de praia próximo na qual morava, de cabelos lisos e castanhos e olhos grandes e castanhos com uma leve tonalidade amarela. Altura normal para uma jovem mulher da época e um corpo atraente, como acontece quase sempre na sua idade. Uma beleza que, descrita pelo autor, parece ter se tornado maior na imaginação do jovem leitor.

Ele apaixonou-se pela figura feminina do romance. Sonhava frequentemente com ela e, nesses sonhos, preenchia o vazio deste amor imaginário que satisfazia em parte sua vida sempre solitária, física e emocionalmente. Este

amor, que existia inexistindo, foi crescendo, ao mesmo tempo em que lia e lia o romance. A cada nova leitura, seu sentimento aumentava e os sonhos se repetiam e, por vezes, pareciam reais.

Esse figura feminina, pela descrição do romance, deveria ter treze ou quatorze anos de idade, bem apropriada ao desejo e idade do jovem leitor. E este foi seguindo seu destino e seus compromissos de vida, que incluíam trabalho e estudo, e foram acalmando essa ilusão de seu começo de vida. A visão da jovem foi esmaecendo aos poucos, com crises de recidivas. Estas cada vez menos constantes e os sonhos contínuos no início foram dando espaço para outros, motivados por novas situações vividas.

Eventualmente, lembrava-se da bela personagem e a saudade lhe alcançava novamente.

Daquele início, já se passaram alguns anos, não muitos, mas para

aquela época de sua vida era um período considerável.

Convidado para comparecer a um casamento, tomou um trem e viajou cerca de dezesseis horas, ou um pouco mais. Foi para uma cidade do interior. Era o casamento de um parente. Na velha estação estavam esperando-o pessoas da família, algumas já conhecidas pelo jovem. A pé, caminharam até a casa em que iria se alojar nos dias que antecediam o matrimônio.

Lá chegando, mais pessoas estavam presentes, jovens e adultos. Como não poderia ser diferente, os jovens atraíram mais a atenção do rapaz viajante.

Muitas pessoas, muitas apresentações e destas, uma bela menina foi abraçá-lo; ao olhá-la, ficou repentinamente pálido e a transpiração tomou conta de sua pele. Seu coração se acelerou.

Aquela jovem, sua prima longínqua, com treze anos de idade, era a perfeita figura da personagem do romance por ele lido e relido anos atrás e que havia retirado parte de suas energias, roubado seus sonhos e subtraído parte de seus pensamentos e lhe ofertado ilusões.

A alegria ao vê-la confundiu-se com uma sensação que, de tão estranha, o calou. Não encontrou palavras para dizer. E sua timidez costumeira tomou conta da situação. Alguns notaram e provavelmente atribuíram o fato somente à sua timidez, conhecida por alguns dos presentes.

Passaram-se alguns dias antes da festa, e o amor do jovem pela figura imaginária, que agora se fazia real, foi renascendo. Encontrara a personagem-paixão daquele romance que o marcara tempos atrás.

Ela saltara do livro e se tornara verdadeira. Sim, era ela! Não poderia ser coincidência. A descrição que o autor criou de sua figura, associada à interpretação feita pelo jovem, correspondia exatamente àquela garota.

Ele tinha cerca de dezoito anos!

A festa chegou, os convidados foram se dispersando e voltando cada um para seus afazeres. Mas a menina não mais deixava o pensamento do rapaz que com isso sofria. Sofria calado e solitário ao saber que sua amada figura literária, agora existente, com sua volta à cidade deixara-a tão distante,

justamente agora que a encontrara após tanto buscá-la fora do livro, não pelo seu enredo, mas apenas pela personagem.

Esse romance deu lugar a uma paixão real. Leu várias vezes o livro e sentia cada vez mais que aquela menina saíra do livro e se tornara figura viva na vida do jovem.

Um novo casamento, na mesma região, levou-o a rever a jovem. E na casa dela permaneceu por alguns dias, tentando mostrar a ela o amor que sentia. Nada falou e sempre acreditou que, se fizesse uma declaração, esta seria rejeitada.

Retornou para sua casa, sempre se lembrando de seu amor tão distante, daquela personagem que se destacou do livro e surgiu no seu caminho, mas sem permanecer nele.

Os anos passaram, a jovem tornou-se mulher, casou-se. O apaixonado, já muito tempo depois a viu, acompanhada de seu marido e de sua filha. Com ela conversou um pouco, despediu-se e o amadurecimento dela se fez presente quando notou algumas rugas ao redor dos olhos da agora mulher, esposa e mãe. Como é fácil perceber, o amor

adormecido acordou bem forte e ciumento. Mas era inevitável outra situação.

E o homem apaixonado seguiu seu caminho, lembrando-se sempre daquela figura infantil de anos atrás e que atormentara seus sentimentos.

Anos depois, ela lhe causaria novamente aquela sensação de palidez, transpiração e batimentos cardíacos desconfortáveis. Sabia que sua personagem havia falecido tragicamente num acidente de trânsito, numa linda e calma tarde de domingo. Filha e marido se salvaram. Morreria como havia morrido no livro, deixando para trás um misto de amor e tristeza; de saudades e lágrimas.

Ao que parece, seu marido casou-se novamente e seguiu seu destino. Sua filha deve estar casada e, provavelmente, aquela menina que saltou do livro e veio para a vida poderia hoje ser uma senhora a cuidar dos netos.

E o homem, eterno apaixonado, agora já um senhor vivido, relê o rasurado livro, revendo sua personagem, lembrando-se de seus

traços, seu corpo, seus olhos, tudo dela enfim e, com isso, diminui um pouco a saudade que sempre deverá sentir.

E sabe este senhor que esta saudade somente se extinguirá quando ele também partir e, quem sabe, a encontrar para onde Alguém encaminhá-lo.

Enquanto isto, sempre diz para si mesmo: “Adeus, minha Capitu”.



Incertezas

Aproximei-me dela,

Com cuidado!

Não queria receber um não;

Nem amargar

Uma falsa ilusão.

Por isso, aproximei-me com cuidado!

Mas o não foi um sim!

E a falsa ilusão, a ignorei.

Bastou-me o sim!

E por muito tempo permaneci no sim!

Usei o sim, amei o sim, vivi o sim.

Com ele caminhei muitos caminhos;

Eu e ele; eu e o sim,

Sem pensar no não.
Nem lembrar-me da falsa ilusão.

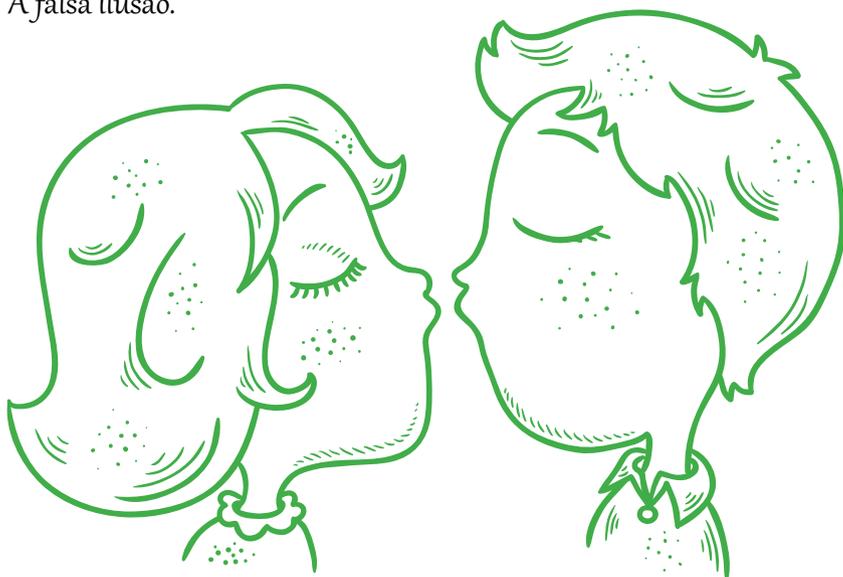
Todavia nestes trajetos,
O sim parece
Querer ser não
E meio sim e meio não,
Ele prossegue.
Talvez até permaneça!

Porém cada vez mais, sinto o sim
Querendo ser não.
E no crescimento do não
E no diminuir do sim,
Penso cada vez mais
No medo do não.

A esquecida falsa ilusão
(esquecida em virtude do sim)
Agora crescente em virtude
Do crescer do não
E, pelo apagar do sim,
Vivo ansioso
Amando o sim,
Detestando o não

E com medo constante
Da falsa ilusão
Que se agiganta,
E parece mostrar-se verdadeira.

E meu viver, então,
Afoga-se no sim,
Sofre no não,
E se despedaça pela sombra
Que me aparenta ser
A falsa ilusão.



Freepik

O menino e o pinto

O menino e o pinto

Dr. Aristides Schier da Cruz

(Pseudônimo - **A corrupção e morte**)

e-mail: aristides.sher@terra.com.br

O menino foi à feira
e trouxe um pinto.

Chegou em casa
e o pinto só piava.

Não havia onde colocar
o pobre e gelado pinto.

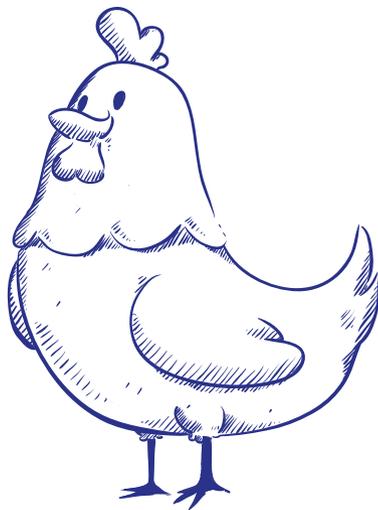
Pôs o pinto na cama
e o pinto só piava.

Pôs o pinto na sala
e o pinto no banheiro.

Pôs o pinto na cozinha
e o pinto só piava.

O menino se encheu
e pôs o pinto para fora.

Veio a chuva de granizo
e o pinto foi pro saco.



Freepik

A Taberna

Dr. Jorge Timi (Pseudônimo – **Rafael André**)
e-mail- jorgetimi@terra.com.br

Como em qualquer outro lugar do mundo, também em Brejo Grande, a taberna faz parte da vida e dos relacionamentos do lugar.

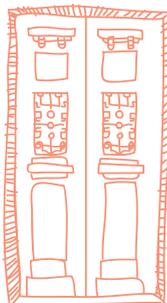
A Taberna, sem mais nada que lhe qualifique o nome, é um local especial e singular, pois logo ao chegar, o seu frequentador escolhe um dos seus oito salões de relacionamento, de acordo com as suas intenções para a noite.

São salões assimétricos, alguns enormes, outros diminutos, mas tudo muito bem organizado. Porém nada consegue disfarçar o caráter machista da Taberna, o que também não a difere da maioria de outras semelhantes.

Ao entrar na ante-sala da Taberna, o frequentador será dirigido à direita, onde estão os homens ou à esquerda, onde ficam as mulheres. A primeira sala da direita é a dos negócios, não se diferenciando os lícitos dos ilícitos. É uma sala de bom tamanho, frequentada por engravatados, esportos e otários. A sua parede ostenta um quadro de lógica cartesiana, onde se lê a frase: “O tempo não tem partido nem religião”, que é a conclusão dos ditados: “Tempo é dinheiro” e “o dinheiro não tem partido nem religião”.



Freepik



A maior sala da direita é a reservada para o encontro com os amigos, local onde se joga conversa fora e deixa-se o tempo passar da forma mais despreocupada possível. Na sua ampla parede está escrito em letras garrafais:

“Tudo na vida é passageiro” e minuscilmente abaixo: “exceto o motorista e o cobrador”.

No fundo dessa sala, há uma menor, a da amizade verdadeira, onde apenas poucas pessoas circulam. Em um cantinho está pendurado um pequeno mosaico onde se lê a frase: “Irmãos por opção”.

A última sala da direita, quase do tamanho da primeira, é a do relacionamento profissional, onde chefes tentam ser simpáticos, e subalternos riem de piadas sem graça na tentativa de agradarem a seus superiores. No fundo da sala, pisca intermitentemente um luminoso que não deixa dúvidas sobre a busca da eficiência: “Quem quer faz, quem não quer justifica”.

Porém se o frequentador busca a companhia feminina, a Taberna também tem quatro salas. A menor delas é a da amizade, onde se encontram homens e mulheres que são apenas amigos, sem qualquer outro interesse de ordem profissional, financeiro ou sexual. Esta sala é quase um cubículo, onde reina uma sinceridade até maior que na sala masculina da amizade verdadeira.

No pano bordado na parede pode-se ler: “A amizade é um bem que se guarda no coração”.

A outra sala é a do relacionamento profissional, onde o respeito deve imperar, seguindo o lema da faixa na parede: “Onde se ganha o pão, não se come a carne”. Porém, às vezes, esta é uma das salas onde reina a confusão, por desrespeito ao seu princípio básico, com o homem buscando um relacionamento diferente na sala errada.

A maior sala da esquerda é a do relacionamento puramente sexual. A sala exala tesão e alegria, o riso

é frouxo e corre solto, pois todos seguem o lema que se estampa no lençol branco dependurado na grande parede acima do bar, com suas letras vermelhas brilhantes: “A vida é sonho, suor e alegria”.

A última sala é a do relacionamento amoroso, onde se juntam as afinidades pessoais ao sexo. No fundo, existe um objetivo tácito, que é a união entre as pessoas. É uma grande sala, com mesas para dois, enfeitadas com discretos arranjos florais e ilumi-

nadas por tênues velas, o que dificulta a leitura da tela exposta na parede lateral: “O amor é eterno enquanto dura”.

Com tantas opções e direcionando seus frequentadores para salas específicas, parece óbvio que, ao final da noite, todos vão felizes para suas casas.

Entretanto nada é estático e os donos da Taberna já estudam como fazer para atender aqueles que buscam apenas a solidão.



Porto Solidão

Porto Solidão
É apenas mais um lugar
Como outro qualquer
Porém difícil de alcançar
Pois não fica no mar
Nem em lago ou em rio
Não é perto nem distante
Pode ser alegre ou triste
Depende da estação
Porto solidão é profundo
No fundo do meu coração.



Lugar de pedra dura Lugar de pedra dura entre cristais tão pura

§ Dra. Neide Calixto (Pseudônimo – **Nefertary**)
§ e-mail: drneide@hotmail.com

Você se foi...

Lugar de pedras duras, entre cristais tão puro!

Rastros marcando caminho

Em uma aventura sonhada

Sem saber o futuro destino...

Hó sol brilhante ! Que espelha em queda-d'água...

Deixaste tão verde os montes!

Que ao escalar a ladeira

O medo não precede o balançar das fontes...

Em tão pouco tempo sente

O vento que sopra e sussura..

Como cantiga deserta

Soando uma melodia escura.

Poços de lembranças agora

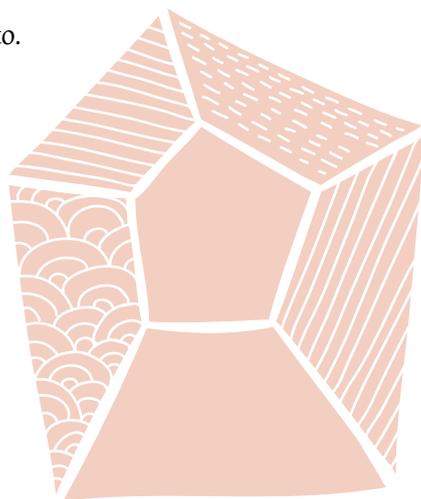
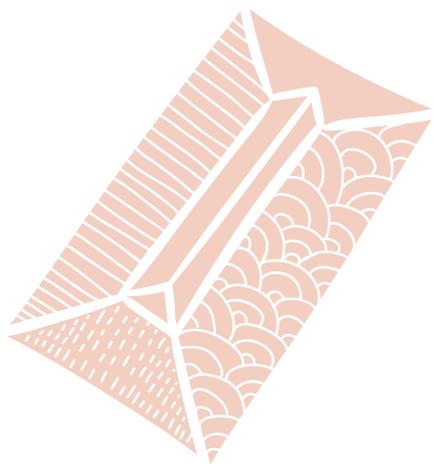
Quisera tornar outrora !

Entre videiras e plumas

São aves de rapina que sobrevoa agora.

O céu escuro incendeia
Com o brilho das estrelas
Para onde tu foste um dia
Busco, entre elas, a mais bela...

Cachoeira, imensa cascata espumosa...
Branca como neve, que soa ao vento.
Em um breve rapel...
Deixou o seu talento.



Freepik

Meu oposto Eu Meu oposto Eu

Dr. Mariana Monclaro Puppi Cardoso (Pseudônimo – **Sarah Hakim**)
e-mail: marianapuppi@hotmail.com

Quero anunciar ao mundo
Minha incansável busca ao verdadeiro meu oposto Eu
Onde você está?
Cansado de ver tantas outras burras, rasas águas
Quero mergulhar num oceano profundo
Nadar entre sereias e navios naufragados
Quero descobrir novos mundos
Não quero caminhar para sempre nessas terras
Áridas, ásperas e monótonas
Não quero pisar num chão sem fim
E descobrir que nunca saí do lugar
Quero o dom da vida todo em mim
Quero abrir os olhos e enxergar
Que o fim será o início
E o início não terá fim



Freepik

Adversidades

§ Dra. Emily Moraes (Pseudônimo – E. M. Silva)
§ e-mail: emily_m_silva@hotmail.com

Eu tinha dezenove e ele, noventa e um. Os números poderiam representar apenas um anagrama simples, que qualquer criança que acabara de aprender a contar até cem faria com certo gracejo, rindo da distância e proximidade daquilo. Estava na universidade (na melhor, no caso), mas longe de casa. Estava sem grana e, cuidar de um idoso me pareceu tranquilo. Pagavam bem e eu poderia fazê-lo à noite, sem atrapalhar os estudos e, afinal, o idoso estaria dormindo.

Primeiro dia, aquela face de noventa e tantos mil anos me encarou. Haviam-me dito que era um senhor simples, mas muito exigente, que não necessitava de cuidados médicos, mas sim de companhia. Confesso que aparentemente ele é daqueles que beiram à rabugice. A figura de museu que me encarava estava sentada em uma cadeira de balanço— sim, elas ainda exis-

tem — com todas aquelas rugas e cabelo brancos, rodeado de fotos de montanhas, era até nauseante a repetição da paisagem. Segurava uma xícara de café, estranhei pois já passavam das vinte horas e ele deveria estar é tomando um chá de maracujá e não café, afinal, eu queria dormir em vez de fazer-lhe companhia.

— Por que a cara de espanto?
- disse-me sem qualquer apresentação ou cerimônia.

— Eu... Bem, o senhor precisa de alguma coisa? - adiantei-me.

— Esperava alguém mais maduro. As regras são claras: nunca mexa em nada, traga sua própria comida, durma no quarto da frente, atenda-me quando chamar. Por ora, sente-se, veremos o noticiário.

Foi assim uma sequência de dias, chegava e ele já estava tomando o café, víamos o noticiário e nos retirávamos para dormir. Ia cedo

direto para a aula, o pagamento era diário, eu tinha um lugar onde dormir, tinha tempo para estudar e a vida estava relativamente tranquila. Estaria formado em três anos, era o melhor da turma, sempre fui o melhor e as pessoas em geral são medíocres. Eu me formaria, colocaria em prática os planos de ser muito rico, rodaria o mundo, o mundo era meu. Havia superado muitas dificuldades, a da família instável, pai alcoólatra, falta de dinheiro, irmãos revoltados, e quantos irmãos! , cada hora aparecia um dizendo ser filho do meu pai. Na verdade, cada hora aparecia uma, em casa eu era o único homem entre cinco filhas que sabíamos serem legítimas. Eu poderia ser o típico exemplo de “coitadinho”, mas isso não me caberia bem, nunca gostei de ser vítima de qualquer que fosse o motivo, o plano era ser grande. Sempre foi. Mas hoje eu ainda era o acompanhante de um velho.

Passado certo tempo, as provas chegaram, eu precisava estudar muito para ir bem ao nível ao qual eu me exigia, queria silêncio, a rotina de estudos era de concentra-

ção, era importante ser o melhor.

O velho decidiu falar:

— Sinto falta.

— Hum. — balbuciei, sem interesse. Dois meses sem sequer conversar e agora que estou aqui na maratona de véspera de provas e ele decide que “sente falta” ?!

— Percebo que você é muito dedicado, o que quer ser?

— Grande.

— Aonde quer chegar?

— Ao topo. — encerrei a conversa com a cabeça e olhos voltados para os livros, ele entendeu.

Com o tempo trocávamos algumas risadas ao ver o noticiário, o mundo ficara cada vez mais bizarro. Conheci os filhos, netos e uma bisneta do velho no nonagésimo segundo aniversário dele. Para meu espanto, deram-lhe mais quadros com paisagens de montanhas. Que mau gosto, achei melhor não contrariar.

Natal eu passaria com minha família, tinha juntado um bom dinheiro para poder visitá-los. O velho e eu já não éramos tão estranhos, eu sabia quais os medicamentos que ele tomava, que

passava o dia na praça com outros amigos não tão velhos e que fazia todas as refeições no hotel a duas quadras da casa. Ele sabia que eu estudava e isso era suficiente.

No outro ano, a rotina se repetiu, assim também como no próximo, até que chegou o grande dia de pegar meu diploma. Foi uma solenidade simples e rápida. Ótimo, pois eu tinha pressa em seguir com a vida. Cheguei à casa do velho com o canudo empunhado, ele me parabenizou.

— Se você pudesse ir ao futuro, do que se alegraria se tivesse hoje a minha idade?

Achei a pergunta idiota, ia me alegrar de ser milionário, obviamente. Só aí me dei conta de que ele já tinha noventa e cinco anos e estava durando até ali. Muito engraçado ver aquele ser antológico.

— Não sei. — decidi não jogar com a honestidade, poderia vir algum sermão, velhos adoram sermões.

Naquele dia, o noticiário mostrava a celebração dos 60 anos da primeira vez que homens chegaram ao topo do Everest.

— Quando eu fiz isso, achava que o mais importante era o topo. - Como assim “quando eu fiz isso”?

— Hamm?

— Quando eu subi o Everest com o meu parceiro pela primeira vez, achava que o importante era tão somente chegar ao topo. Quando cheguei lá, a vista não era das melhores, muito nevoeiro, fiquei muito feliz em ter chegado e ter sido o primeiro a fazê-lo.

A idade estava fazendo-o delirar, seria a hora dele? Deveria chamar por ajuda?

Era um desafio grande, nunca ninguém o tinha feito, fomos muito corajosos. Hoje as pessoas chegam ao topo do Everest de helicóptero, acham que o importante é o topo, estar no topo, mas se algo eu aprendi naquela jornada é que o importante é o caminho. Foram

longos meses até atingir o objetivo, muito frio, desconforto, os pés doíam. A jornada é o importante da vida, é ela que fez da minha conquista algo tão importante. Se eu chegasse de helicóptero ao topo, a satisfação jamais seria a mesma e hoje jamais estariam fazendo essa comemoração. O caminho dimensiona a satisfação.

Três anos sentando ao lado do primeiro homem a subir o Everest

e eu não sabia?! Foi um choque que aquele homem ali já estivera literalmente no topo, era conhecido e reconhecido por seu feito, que eu poderia ter aprendido muito com ele, mas estivera obstinado. Terminava uma faculdade com honras ao mérito por ter sido o melhor da turma, mas aquele certificado não me ensinara nada da vida. Era hora de uma nova faculdade.



Três em um

— Para a vida toda, disse ele.

Para a vida toda é muito tempo, pensei comigo mesma. Estava atordada: fui a uma consulta médica para ver como poderia me ajudar com aquela fase triste de minha vida e retorno mais triste ainda, com o diagnóstico de um transtorno — algo na cabeça, pelo jeito — de humor, segundo ele, que me faz ser feliz e triste ao mesmo tempo. Com fases. Mas aquelas pílulas iriam me ajudar, disse ele, e com o tempo eu aprenderia a lidar com os problemas, pois mente e corpo

eram a mesma coisa e agindo no corpo estaríamos agindo na mente e logo os remédios fariam efeito, era só seguir certinho e logo eu estaria eutímica. Não sabia o que era “eutímica”, mas se era bom eu queria muito isso e faria o possível para chegar lá. E eu chegaria, com a medicação para a vida toda eu chegaria, disse ele.

Náusea, tontura, vômitos e parece que a labirintite havia atacado. “O termo correto não é labirintite, é vertigem”, disse ele, mas que assim que eu me acos-

tumasse com os medicamentos logo logo esses efeitos colaterais reduziriam e não me sentiria tão triste como naquele dia.

Parecia que estava finalmente funcionando, eu estava finalmente feliz: comprei dez esmaltes e fiz desenhos lindos nas unhas, no outro dia toquei piano até dar câibra nos dedos e na semana seguinte já havia lido cinco livros sobre bipolares. Me empolguei, pois especula-se que vários gênios da humanidade teriam sido bipolares e suas fases ditas “maníacas” teriam sido inspiração e as fases “depressivas” teriam auxiliado na profundidade da expressão artística. Comprei mil coisas para desenvolver meus talentos, uma hora essa genialidade haveria de vir.

Dias calmos e uma rotina normal seguiram-se até a próxima consulta. Estava animada para contar o quanto estava feliz e havia abandonado a tristeza, o tratamento ia de vento em popa e isso era ótimo! “Hipomania”, disse ele, deveríamos reajustar a dose, pois eu estava hipomaniaca e isso poderia evoluir para uma mania, ou talvez um episódio misto de

mania e depressão — coisa assim, nunca entendi direito — e era importante prevenir. O transtorno faz coisas horríveis ao cérebro, que era melhor trocarmos a medicação. Aceitei a troca.

Já não toquei tanto piano, nem pintei tanto as unhas naquele mês. Meus investimentos para descobrir alguma habilidade estavam no chão do quarto e um ou outro livro no banheiro — minha mãe adora ler no banheiro. Tinha muito sono, chegava a dormir 12 horas por dia, mas era importante estar eutímica, era o nosso alvo. Além do sono aumentado, a qualidade não era das melhores, eu acordava sem energia e tinha pouca vontade de fazer as coisas. Fase depressiva. Precisávamos ajustar novamente a dose, depressão era perigoso, e sendo eu uma pessoa que tinha ciclos rápidos, era importante entrar com nova medicação o quanto antes, ainda que a vertigem voltasse.

Excelente, energia de volta! Viajei, malhei um monte, fiz uma tatuagem, havia voltado a pintar óleo sobre tela, a tocar piano, saía todo fim de semana com os colegas e fazia sucesso entre os garotos.

Maníaca, evidente fase maníaca, tatuagem grande, né?! Há quanto tempo estava pensando em fazê-la? Não pensei muito, só fiz, achei que ficaria legal. Nova troca de medicação, era para o meu bem.

Dois anos de remédio “para a vida toda”, quinze tentativas medicamentosas até que um dia ele disse: eutímica! Enfim vejo você bem e eutímica. Eu esperava que quando ouvisse isso fogos de artifícios brilhassem sobre mim. Mas eu estava meio abobada, a medicação me deixava abobada, minha mãe dizia que eu tinha o olhar distante, meu irmão dizia que eu estava o tempo todo dopada, meu pai mal me reconhecia. Comecei a ler um livro de Ernest Hemingway, dizem que ele tem um estilo minimalista e isso me interessou. Me identifiquei com a intensidade dele, provavelmente ele fosse bipolar. Teve um fim trágico, assim como Van Gogh, meu artista favorito. Ambos são ditos como prováveis bipolares, ambos foram geniais.

Eu estava eutímica, segundo o médico. Há seis meses não tocava mais piano, não pintava nem as unhas nem as telas, mal saía com

os amigos. Rotina diária, sem altos e baixos, sem gastos, sem interesse por muitos garotos, por nenhum na verdade, sem pensamentos tristes ou megalomaniacos. Havíamos chegado ao objetivo, eu já não era eu. Mas, doutor, se todos fossem medicados por ter altos e baixos, diagnosticados como bipolar, não teríamos Van Gogh nem Hemingway, não teríamos Agatha Christie, Charles Chaplin, Allan Poe. Seríamos todos medíocres.

— Você prefere escrever romances arrebatadores como os de Hemingway e ter um fim trágico, ou estar eutímica, ter uma vida longa e um *blog* medíocre, por exemplo? — disse ele.

— Doutor, eu preferiria não ser bipolar.



Ulmas faltas, um câncer e recomendações para o futuro

Dr. Marcelo Gonzaga de Santana
(Pseudônimo – **Marcelo Santana**)
e-mail: marcelo.gonzaga@live.com

Hoje precisei faltar a uma aula (na verdade o dia inteiro de aulas) para resolver uns probleminhas com minha mão direita, que insiste em não ficar boa de uma vez. No ponto de ônibus, uma senhora aguardava a condução, e eu perdido, sentindo-me um estrangeiro na cidade alheia e manco da mão direita, sem saber andar nos lugares, perguntei se por ali passaria meu ônibus. A senhora sorriu e respondeu que sim, que estava no lugar certo e que dali a instantes o ônibus passaria. E reclamou da obra de pavimentação que a fez perder a condução, havia esperado por quase uma hora no ponto errado, e só após um passante avisar que não era ali o ponto de parada, veio a ter no local correto. Essa senhora reclamava e sorria ao

mesmo tempo. Logo outra senhora sentou-se e passamos a conversar os três:

As duas eram pacientes vinculadas ao atendimento do SUS, sem plano de saúde. A primeira havia saído da consulta com o oncologista que surpreendentemente lhe havia informado que o medicamento utilizado no tratamento de câncer, e que, segundo ela, até ali, era o que vinha prolongando sua possibilidade de permanecer viva, teria o fornecimento suspenso, devido principalmente ao seu alto custo e ainda em decorrência da desnecessidade de continuação do uso, já que — naquele momento pareceu discordar de seu médico - que afirmou na consulta que aparentemente ela estaria num estágio razoável de recuperação e

que já não demandava mais aquela medicação.

Era uma senhora negra, sorridente, poucos cabelos e de gestos largos que, entre uma frase e outra, acenava para o alto e afirmava sua fé num reiterado “Graças a Deus”. A outra senhora sentou-se e contou parte de seu drama. Havia perdido o transporte de enfermos da prefeitura, teria que viajar por meios próprios, retornava após uma consulta com o ortopedista. Era uma senhora de pele clara e cabelos brancos, caminhava com certa dificuldade devido a uma forte dor na coluna. E estávamos lá nós três.

Eu, calado, as observava e atentamente as ouvia.

Pouco menos de uma hora e me solidarizei tanto com a história daquelas duas senhoras que me emocionei profundamente. Falavam da dificuldade em utilizar o

Sistema Único de Saúde (SUS), da corrupção na prefeitura da cidade do interior, onde há três cardiologistas e nenhum dos três atendem pelo SUS, da dificuldade na obtenção de medicamento de

alto custo para prolongar a vida dos pacientes oncológicos, do difícil relacionamento entre paciente e médico-perito do INSS, da marcação e atendimento nos postos de saúde no interior e da imensa fila para atendimento nos hospitais regionais. Observei apenas durante todo o tempo em que estivemos ali.

E perdoem-me os professores pela ausência, mas ali tive uma aula e uma lição que levarei por toda minha vida e em minha futura carreira médica. Ainda que o sentimento imediato ali fosse de indignação com o tratamento que o Estado - sem responsabilizar esse ou aquele gestor da coisa pública — disponibilizava àquelas duas senhoras, mães, avós, o sentimento que predominava ali era o de esperança e resiliência.

A senhora cujo câncer transfigurou a aparência, afirmou, rindo, que recebera, fazia pouco tempo, uma carta do SUS lhe informando o valor do seu sofrimento: um câncer de útero, que atingiu os pulmões e que depois de oito anos de luta e sofrimento, de quimio, rádio e tantas outras terapias, era

trazido sob a forma de extrato, de valor em moeda corrente. E ela riu alto! E afirmou, num desabafo, que a vontade que teve foi de responder à carta do SUS, informá-lo de que não era apenas mais um número nas estatísticas, que aquele valor gasto com seu tratamento era irrisório em relação aos impostos que pagou durante toda uma vida. Eu ri também e, concordei com ela.

A outra senhora, afastada pelo INSS, trazia uma queixa do médico-perito, que, segundo ela, afirmava ser possível mantê-la trabalhando, ainda que uma dor lancinante percorresse sua coluna durante todo o dia. E ainda fez troça: “A senhora não é caixa? Não trabalha sentada?”

E foi naquela conversa, a primeira e única queixa que ouvi, especificamente acerca do trabalho do profissional médico. Mas ainda assim, em sua em sua fala era possível perceber o médico-perito do INSS como pertencente a uma outra categoria profissional, a dos peritos, tamanha a ausência de

humanidade naquele contato entre médico/paciente.

E inúmeras reflexões me tomavam ali, enquanto via aqueles dois seres humanos tão frágeis e, ao mesmo tempo, absolutamente fortes, capazes de conviver com dores tão fortes no corpo quanto à esperança de permanecer viva ou tão simplesmente de pé. E sorrir. Não houve queixas dos médicos. A culpa, como dizia uma delas, não poderia ser atribuída ao médico, e sim a um sistema (SUS) que limita a dignidade da promoção da saúde àquelas pessoas que mais precisam. Meus olhos se encheram de lágrimas ao me despedir das duas. Foi quando falei baixinho que estava iniciando os estudos para me tornar médico e, ao entrar no ônibus, o que ouvi, acho que nunca mais vou esquecer: “Vá, meu filho, vá ser um médico bom”, disse uma. E a outra completou: “Vai sim, você sabe ouvir as pessoas. Seja um bom médico”.

Vou me esforçar, prometo.



Gabriela, Lia, Marte e um oftalmologista que não olha no olho

Ah, esses médicos, pairando impávidos no alto do Olimpo que criaram, salvo algumas raríssimas exceções. Foram forjados, formados, doutrinados, desde o início da vida acadêmica para serem nomeados Doutores e, cientes de sua ciência, transitam com uma inabalável desenvoltura entre a morte e a vida, o céu para uns e o inferno para outros. Pois bem, ao que tudo indica, o homem deve colonizar Marte antes da saúde pública no país se tornar algo decente. E quanto mais o tempo passa, mais as fileiras dos milionários planos privados e seguros de saúde cooptam mais pessoas, que, esperançosas, aguardam a utopia da universalidade se tornar realidade.

Como uma rês indo silenciosamente para o abate. É o sentimento ao ver um usuário dos serviços de saúde pelos quais paga tanto imposto. Filas de espera intermi-

náveis condenam pessoas. Sem julgamento. Sem culpa. Um exame que demora três meses. A consulta com o especialista que demora seis. Reencarne e volte. O senhor é o número 3.568 na fila para fazer o ecocardiograma pelo SUS. A pena é de morte. Na ambulância ou numa maca no corredor, o senhor escolhe. Onde há médicos, não há estrutura. Onde há estrutura, não há médicos.

Que sistema infame. Há alternativa: não adoeça, ou tenha um plano de saúde, um bom plano. Caso contrário, vai morrer na fila, no corredor cheio de gente agonizando ou na ambulância. O SUS não é perfeito, há muito que ser feito, dirão as *expertises*, apontando lá para a frente, para um futuro que talvez coincida com a colonização de Marte. Sabidamente, além do filtro solar eu acrescentaria: tenha um plano de saúde. Mesmo sabendo que, para o mortal assala-

riado ou aposentado, submisso ao desajuste fiscal, atuarial, ético etcétera desses desgovernos daí para trás, é mais fácil ir para Marte que pagar por um bom plano de saúde.

Em Juazeiro da Bahia, houve uma época em que, retornar para casa, sempre passava por um ônibus com uma faixa na metade do para-brisa dianteiro onde se lia: “SUS salva”. Só ele mesmo. E para quem a vida reservou benevolmente a possibilidade de pagar o preço da mercadoria saúde, a situação não está lá muito melhor. O plano finge que paga ao médico, que finge que atende bem ao cliente, que finge que está satisfeito com a restituição do imposto de renda, que o Estado finge aplicar no SUS, que finge que é um bom sistema de saúde pública, que finge que os planos de saúde também são parte integrante do sistema, que fingem que pagam os médicos e por aí vai.

Aventura cada vez mais similar ao SUS é a utilização dos serviços oferecidos por médicos-prestadores-de-serviço-vinculados-a-pla-

nos-de-saúde. Essa categoria de profissionais, no *flow* do mercado, produz atendimentos em escala industrial. E não foi no *Fantástico* que eu vi: Senti na pele, na mão, nos ossos, na cabeça, no estômago, nos pés, no fígado, nos olhos, no pênis, na coluna, nos ouvidos e na garganta, a ausência da humanidade de inúmeros profissionais da saúde com carimbo e registro no CRM.

E, hoje, Gabriela saiu atrasada de casa para ir ao médico. Iria para uma consulta com o oftalmologista. Lia também havia marcado com o mesmo especialista. Eu não. Nem um senhorzinho simpático que sentara ao meu lado na sala de espera do centro clínico. “Gabriela. Gabriela. Gabriela”, repetiu o médico

Repetiu o médico na porta do consultório, como se uma tornezeira eletrônica limitasse seu deslocamento por mais alguns passos para ver se Gabriela displacientemente estaria ali, com fones nos ouvidos, ou distraída assistia à tevê. Mas que nada. Voltou ao consultório. Sem Gabriela. Cinco

minutos depois, a porta se abre novamente: “Gabriela, Gabriela, Gabriela, Lia”. Nem Gabriela, nem Lia. E o senhorzinho simpático ao meu lado resolveu intervir, caminhou até o fim do corredor perguntando a todas as senhoras e mocinhas que ali aguardavam se seriam elas Gabriela ou Lia. Mas não eram. Ele voltou e sentou-se novamente ao meu lado. A porta do consultório novamente se fechou. Sem Gabriela e sem Lia. Cinco minutos depois, uma mocinha loira, caminhando rápido pelo corredor, senta-se entre mim e o senhorzinho simpático e nos cumprimenta cordialmente. Pergunta se o médico havia chamado alguém para a sala.

Pergunto seu nome: era Lia. Ela se levanta, bate à porta, que o oftalmologista abre e, sorrindo, convida a moça para entrar. Dez minutos depois, ela sai, caminhando tão rápido quanto chegara e, ao passar por mim e pelo senhorzinho simpático que sentava ao meu lado, sorri e agradece. E vai embora pelo corredor. Cinco minutos depois,

uma outra moça loira caminha rápido em nossa direção. Senta-se ofegante entre nós dois e pergunta se o médico havia chamado alguém para a sala. Pergunto seu nome: era Gabriela. Ela se levanta, bate à porta. O oftalmologista abre, sorrindo, e a convida para entrar. Já dentro da sala, ela o cumprimenta dizendo: “Meu nome é Gabriela, o senhor me chamou?” O oftalmologista para. Numa fração de segundo, o oftalmologista fita o corredor como se fosse correr desesperadamente através dele, e dá para ouvir seus pensamentos: “Se você é Gabriela, quem é aquela moça que levou sua prescrição?”

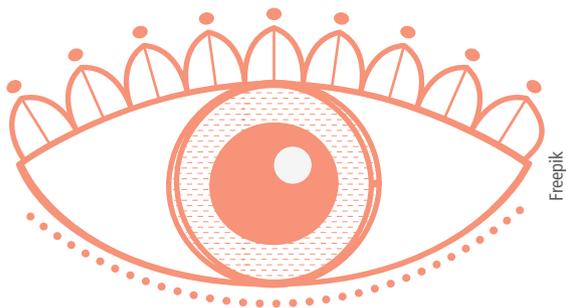
É, Doutor, dia difícil hoje. Mas não sou afeito a julgamentos. Sou a favor de posicionamentos. A primeira reação minha e do senhorzinho simpático ao meu lado foi de espanto. Depois rimos muito. Pobre Doutor, programado para o riso inexpressivo de uma cordialidade tão natural quanto uma Coca-Cola. Se havia perdido a noite num exaustivo plantão ou se estava ali sob efeito de substâncias

psicotrópicas, também não faço a mínima ideia. Mas até hoje imagino a pobre da Lia utilizando a prescrição de Gabriela. E a Gabriela, atrasada, sendo chamada de Lia na consulta. Ainda bem que não foi um transplante de coração, não é mesmo?

Nessas horas chego a ter inveja da professora de Letras Vernáculas de Rondônia, que foi selecionada para integrar a missão que colonizará o planeta vermelho. Certamente haverá mais humanidade

por lá. Serão oito longos anos de treinamento e capacitação em áreas do conhecimento humano consideradas essenciais para o sucesso da missão, como Engenharias e Medicina. Será uma viagem extenuante. Para os outros, com certeza. Qualquer brasileiro de Rondônia sabe bem o que é um lugar distante.

Acompanharemos esperançosos daqui olhando para o céu: Eu, Gabriela com a miopia de Lia, e Lia, com a hipermetropia de Gabriela.

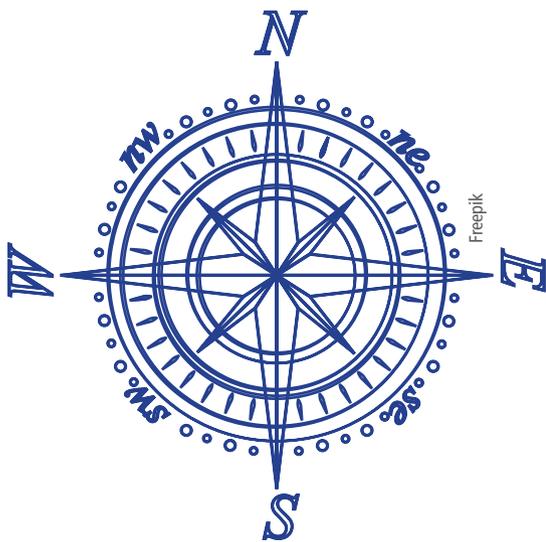


Diálogo entre o ateu moribundo e o profeta

Dr. Clovis do Valle (Pseudônimo – Di-Ci)
e-mail: clovisdovalle@terra.com.br

Mestre, ensina-me a entender
Por que sempre só vi esse fim
Se devo ou não aceitar
Que a luta termine assim
Sem chance de continuar.
Cansado da vida ou da luta
Da luta ou da vida vivida
Não importa a origem de tudo
Não importa a razão da descida
Da descida do topo da vida
Ou do cimo da luta travada
O que importa é que o topo se foi
Essa é a gangorra da vida
Que leva do tudo ao nada.

Tu és pessimista, menino,
Achando que desces pro nada
Se findas a vida terrena
Inicias uma nova jornada
Ou não sabes que este preparo



Ao qual foste submetido
Não passa de mero momento
Na estrada infinita de tudo?

Quero que ora me digas:
Não é este o fim do caminho?
Eu que cresci, fiquei forte,
Agora nem ando sozinho.
Não entendo por que me dizes
Que foi um momento fugaz
Se adiante não vejo mais nada
Só vejo se olho pra trás.

Se quiseres ver adiante
Além do fim que projetas,
Desapega da matéria
E descobre novas metas
Quando fores pro Oriente eterno
Despojado de metais,
Terás no espírito a luz
Que não se apaga jamais



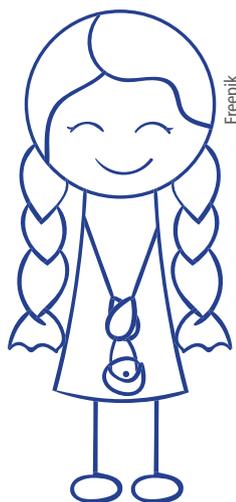
Minha vida de criança

Na minha alma ingênua não havia ainda nascido
As diretrizes que a vida pra mim havia escolhido.
Como criança só via o passado e o presente
Vivia, sem me dar conta, do que havia pela frente.

A mente não tinha formado visão crítica da vida
Nem sequer dava uma pista se dura seria a lida.
Assim o tempo passava como a rajada de vento
Só sentindo o que ocorria naquele exato momento.
Não queria e não pensava qualquer tipo de mudança
Só pensava e só queria minha vida de criança.

Saudável, alegre e feliz vivia na plena inocência
Através da mais bela fase de toda minha existência.
Brincar sem pensar que um dia pudesse findar a infância
E viessem tempos mais sérios habitar aquela estância.
Foi assim o tempo passando e a inocência morrendo
Que vi sumirem fantasias e outra vida nascendo.
À medida que os anos ceifavam da minha alma a pureza
Traziam, pra compensar, menos sonho e mais certeza.
Mas o tempo não espera, ao contrário, sempre avança
Assim eu deixava para trás minha vida de criança.

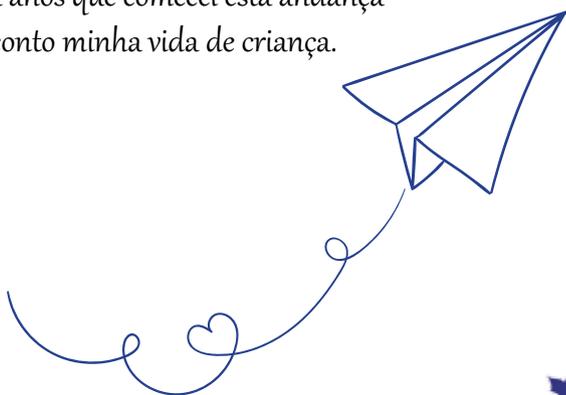
Ainda com pouca idade, mas pensando em ser doutor,
Iniciei os meus estudos na escolinha do interior.
O primeiro degrau subi na escada longa da vida
Com este pequeno passo iniciei minha subida.
Os degraus se sucediam apontando um rumo só,
Infindáveis, para o alto, como a escada de Jacó.
E assim eu fui subindo, no compasso de aprendiz,
Deixando atrás a infância que tanto me fez feliz.
Olhando sempre adiante, jamais perdendo a esperança
Nunca mais eu voltaria à minha vida de criança.



Freepik

O passo seguinte foi largo, maior que todos já dados
Com dez anos era hora de romper com o passado.
Apreensivo e relutante, mesmo com pouca idade
Deixei a escolinha distante, para estudar na cidade.
Medo, angústia e incerteza marcaram esse momento
Logo foram dissipados como a fumaça ao vento.
Em vez da pessoa austera que eu receava encontrar,
Na escola fui recebido por professora exemplar.
Tinha a professora Dicleia de uma santa a semelhança
Sua ternura lembrava minha vida de criança.

Não sei se foi por acaso ou foi obra do divino
Ter feito essa trajetória que marcou o meu destino.
Sei que foi decisiva a orientação competente
Que recebi dessa mestra, esse importante presente.
Depois eu segui adiante sempre em busca da verdade
Mais tarde, na capital, cursei a universidade.
Formado em Medicina, que hoje exerço com empenho.
Agradeço aos professores por tudo que fiz e tenho.
Foi há mais de sessenta anos que comecei esta andança
Que em cinco estrofes conto minha vida de criança.



Freepik

Saudade

↳ Dra. Renata Pullig Lucio (Pseudônimo – **Joanna Luci**)
↳ e-mail: drarenatavascular@gmail.com

Coração oprimido

Lágrima que refresca e alivia,

Tento entrar em contato contigo oh luz que clama por liberdade!

Levito em tua direção enternecida por tua beleza,

perfume abstrato e perfeito equilíbrio,

Respiração quase ausente...

Mas és tão sutil que, diante do leve tremor do meu encantamento,

Tu te desfaz e foges aos meus olhos

Restando apenas o brilho cintilante de tua força e energia.

Por que foges se és tão enérgico e determinado?

Será medo ou será astúcia?

Como te alcançar?

Ou devo somente te servir?

Não estou sozinha,

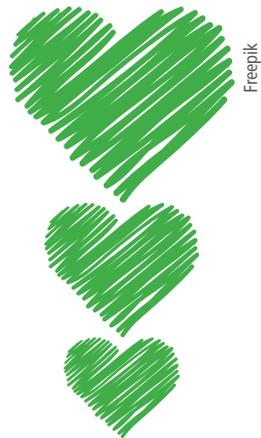
Mas não te escuto ou te vejo agora.

Volto à realidade

Volto à escuridão

Conto as horas para o nosso próximo momento

Deixo tudo o que não é urgente



Quero te tocar, sentir
Quero tentar ao menos.

Por que foges se me chamas?
Lágrimas que aliviam...
Coração?
Saudade.



Freepik

Além desse plano

Silêncio, meu amor
Para que possas ouvir a minha voz sem som
Vou te falar da minha paz

Da paz que me faz silenciar e sentir
Da paz que me faz única,
que me faz só, mas me leva a tantos, já que me faz luz!

Silêncio!
Para que sintas a vibração das palavras disfarçadas desta energia sublime,
Vou te contar o que ainda não sei
Faze silêncio!
Até poderes levitar e chegar aqui, onde as nuvens são flocos de algodão,
Nos abraçam e libertam...

O pulso O pulso

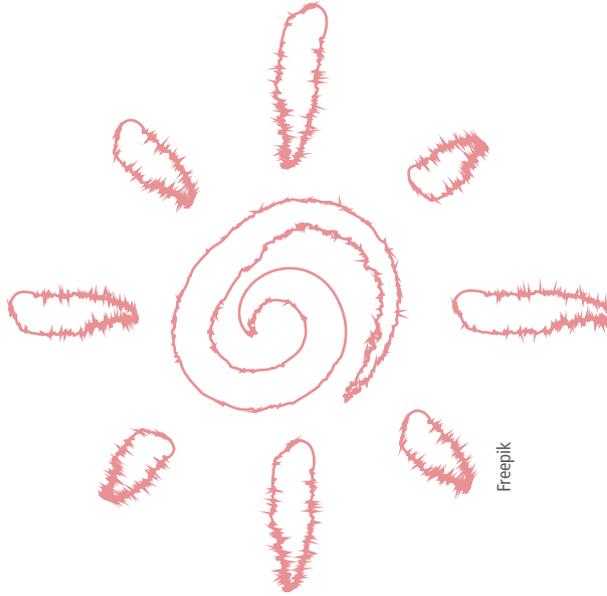
Dr. Meiri Janz (Pseudônimo – **Jatobá**)
e-mail: meirijanz@hotmail.com

A pele pulsa
O pulso vibra
Sensual
Seu suor
Seu sal
Sobre a língua
Sobrevive
Sobressai.



Aurora

ainda é cinza,
o céu escuro...,
o mar (mortalha líquida de dissabores salgados de lágrimas).
O sol surge.
Sorriso sinuoso de sonhos
surgindo no horizonte.
A serenata suave das ondas
dissipando o sórdido silêncio.



FreePik

Fertília

Dra. Ana Beatriz Damiani Ferreira
(Pseudônimo – **Natanael Damiano**)
e-mail: abferreira@live.com



Freepik

Helena sentiu as sombras deslizarem por sua pele, uma a uma, cada vez mais rápido, conforme o ônibus acelerava. Sentada, olhava os transeuntes tentando entender como podiam existir tantos sentimentos além de sua própria mente, em que lugar repousavam tantas histórias, como poderia ela ser parte de uma humanidade que não conhecia?

Perdida em seus pensamentos, a garota sequer notou os olhares atentos do cobrador, que a seguiram desde o momento em que embarcara no ônibus. O rapaz, pouco familiarizado com aquele batente, deixou cair algumas vezes as moedas que deveriam ser colocadas com gentileza nas mãos dos que embarcavam. Por uma ou duas ocasiões, inclusive, esqueceu-se do que deveria fazer. Fitava a menina, impressionado — não porque era demasiadamente bela, mas por seus olhos: parecia estar em outro

mundo, vivendo outra história, esquecida do que se passava ao seu redor. O rapaz idealizou a respeito de onde Helena viera, o que fazia, sonhou trocar palavras com ela — até que o motorista chamou sua atenção por conta da fila que se formava na dianteira do ônibus.

Ignorou, ainda, Helena, um homem dentre tantos outros que, ao conseguir desvencilhar-se da catraca, passou por perto indagando em sua mente ocupada o que deixara aquela menina tão triste. Se sua agenda não estivesse fungando em seu colarinho apertado, talvez houvesse mesmo considerado se aproximar da menina, oferecer o que havia de paternidade dentro de si. Não passou de um lapso: logo os afazeres do trabalho ricochetearam dentro de sua mente de homem ocupado e, escorando-se em um dos postes amarelos do ônibus, voltou-se novamente para si.

Encostada em uma das tantas janelas sujas (característica que de maneira alguma a incomodava), Helena também foi observada por um pedestre que esperava para atravessar a rua. Aos olhos do comerciante, o grande veículo amarelo, uma mancha em meio a tantas construções acinzentadas, parecia realçar o lenço vermelho sentado em um de seus bancos. Aquele lenço era exatamente o que o homem, apressado, procurava para dar de presente a uma amiga que faria aniversário mais tarde naquela semana. Fez uma nota mental: era algo como aquilo que precisaria comprar. A que lojas iria? Seria caro?

Uma garota, talvez três ou quatro anos mais nova que Helena, também apreciou seu lenço. Observou atentamente os sapatos gastos, a calça propositalmente rasgada e a blusa colorida que estavam sentados um ou dois bancos à sua frente. Notou brincos prateados, cabelos cuidadosamente despenteados, unhas descoloridas e uma mochila com um curso e uma faculdade estampados. Quis ser próxima de Helena, amargurando-

-se por não ter aquela aparência e questionando tudo o que havia visto no espelho pouco antes de sair de casa pela manhã. Seria daquele jeito um dia? Estaria sentada com aquele olhar de segurança, certa de suas escolhas, pronta para a vida como aquela mulher estava?

Durante todo esse tempo, uma senhora, escondida no meio da multidão, fitava Helena: não pelo lenço, pelos sapatos ou pela mochila, mas por nela contemplar a memória de sua irmã. Ao seu ver já enrugado, Helena não passava de uma moça jovem, elegante, feliz. A senhora peregrinava há mais de oitenta anos por muitas vidas e tinha certeza de saber reconhecer um olhar sonhador daqueles: sem dúvida, eram olhos que ditavam a serenidade de um amor. Lembrou-se de Raquel, do dia em que chegou correndo em casa, contando que o vizinho havia lhe beijado a bochecha. Sim, era aquele o olhar. Sentiu um aperto no peito — mais amor e saudade do que tristeza — e disse o nome de sua irmã baixinho enquanto levantava-se para descer do ônibus.

Na mesma parada em que a senhora desceu amparada por respei-

tosas pessoas, o ônibus presenciou pequena cena que já lhe era corriqueira. Berrando e chutando o ar à sua volta, um pequeno garotinho foi trazido para dentro do veículo, mais carregado do que andando. Quando percebeu que logo entraria em movimento, aceitou seu destino agarrando-se às pernas de seu pai, que, por sua vez, inundou-se de alívio ao perceber que o ônibus, mais uma vez, afogou o desespero que partia do peito do filho. Dentre os resquícios das lágrimas, a criança viu Helena sentada. Observou as cores de sua roupa: eram muitas cores, muitos desenhos. Sendo arrastado para um banco nos fundos, o menino deslizou os dedinhos rechonchudos por um dos muitos chaveiros que havia na mochila de Helena — algo como um pompom gigante, verde limão, havia chamado sua atenção. Passou o resto da viagem imaginando uma pilha de pompoms de todas as cores, lembrando a sensação macia daquele que havia acariciado.

Helena nada percebeu. Observou as pessoas de seu lado da rua. Ouvia o barulho dos carros, o

burburinho dos demais passageiros do ônibus, sua própria voz. Assim, já não era mais protagonista, mas narradora. Floreou o passado de um casal de idosos que, em certo ponto, foram observados passeando pelas calçadas de mãos dadas (eles mesmos conversando a respeito de uma completa desconhecida que acabara de desejar-lhes bom dia). Alegrou-se com uma menininha que agarrava as bochechas babadas de um cachorro maior do que ela enquanto sua mãe discutia com alguém no celular. Traçou sonhos para um motoboy que parou ao lado do ônibus em certo semáforo, parecendo muito ansioso para fazer sua próxima entrega.

Ali, entre mochilas e sacolas, Helena entendeu que a humanidade respirava ao seu redor. Percebeu que amava cada pessoa que transitava para além de seu campo de visão por sua simples humanidade. Agradeceu a Deus por tantos corpos pulsantes, tantas mentes vivas. Ali, entre mochilas e sacolas, Helena era liberta, ainda ignorante de que exatamente, mas liberta.

Felicidade de

Dr. Maurício Norberto Friedrich (Pseudônimo – **O Sonhador**)
e-mail: mnfriedrich@globo.com



Quando jovem, tive o prazer de encontrar esta trova de uma autora desconhecida para mim, naquele momento, que assim dizia:

“A maior felicidade,
que se pode ambicionar,
é gozar de liberdade,
para viver e sonhar.”

Copiei-a do Suplemento Feminino do jornal *O Estado de São Paulo*, para reproduzi-la nos cadernos de recordações das meninas colegiais, minhas amigas, com quem, os garotos da época mantinham “flertes”.

Desde então, a felicidade passou a me acompanhar, pois logo me dei conta da importância que tal pensamento trouxe em meu existir: “Gozar de liberdade para de liberdade, para viver e sonhar!”

Muitas e muitas vezes, vi-me envolvido pela felicidade, não de situações grandiosas, mas com as coisas simples da vida e estas são

tão frequentes e vão passando, silenciosa e celeremente despercebidas, por falta de atenção da gente, ou pelos encargos do dia a dia, aos quais somos forçados a nos submeter.

Lembro-me de um momento feliz que passei, especialmente daquele em que, com certo desligamento das coisas corriqueiras, sentei-me no banco do jardim, do edifício onde moro a ouvir, não as grandes e maviosas orquestras, desfilando Bach, Beethoven, Liza, mas o canto suave dos pássaros, o zunido das abelhas a beijar as flores, em busca do seu néctar, ou o farfalhar das folhas verdes nas árvores e as secas a rolar pelo chão. Senti a brisa suave do vento a me acariciar a face, tão suavemente que eu poderia jurar que senti as mãos sedosas de uma fada tentando afastar da minha pele os efeitos nocivos dos raios solares.



Naquele instante, de sublime enlevo, uma sensação de felicidade me saturava o ser e me sentia em êxtase total, por ter tão pouco e... ter tanto.

Olhei para o céu e agradei a Deus por aquele momento de enlevo espiritual.

Outra vez, em outro lugar, tive a mesma e imensa felicidade de possuí-la; foi numa pequena fazenda do interior, nas cercanias de minha Terra Natal.

Era tempo de primavera.

O tempo estava limpo e sobre minha cabeça o céu estrelado de uma noite em Santa Catarina. O silêncio era sepulcral, apenas cortado, de vez em quando, pelo piar, ao longe, de uma coruja cismadora e a sensação era de poder ouvir o canto das estrelas, a bailar no firmamento,

com as valsas de uma lua nova.

Haveria alguma situação melhor para eu me sentir tão feliz?

Aqueles instantes eram meus e somente meus. Ninguém mais poderia roubá-los de mim. Ali, isolado, eu tinha tudo que poderia almejar na vida e, na contemplação daqueles momentos, elevei o meu pensar para o alto para agradecer ao Criador por me sentir tomado pela felicidade.

Na certeza de que a felicidade plena pode ser conquistada com as pequenas e simples coisas da vida, lembrei-me da trova inicial, de autoria da poetisa Carolina Ramos, de cuja amizade, hoje, depois mais de sessenta anos, ainda desfruto:

“A maior felicidade que se pode ambicionar...”



Trovas em cascata

Tenho, por certo, em verdade,
bem vivo e, embora pungente,
que a mais pungente saudade...
é aquela de alguém, presente!

Tão despojada e sincera,

a amizade verdadeira
nada pede...nada espera...
É do amor a companheira.

No adeus de tua partida,
meu coração, infeliz,

ganhou enorme ferida
e não parou por um triz.

Num relógio, vendo a hora,
no outono da minha lida,
vejo que não há demora
no ocaso da minha vida.

De uma única costela,
nosso Deus fez a mulher.
Há criatura mais bela?
Desdiga-me quem puder!.

Segue meu filho na estrada,
os trilhos da retidão;
sê firme em cada pisada,
que as honras te seguirão!

Meu amor da mocidade
foi efêmera ilusão;
dele só resta a saudade,
nas cinzas de uma paixão.

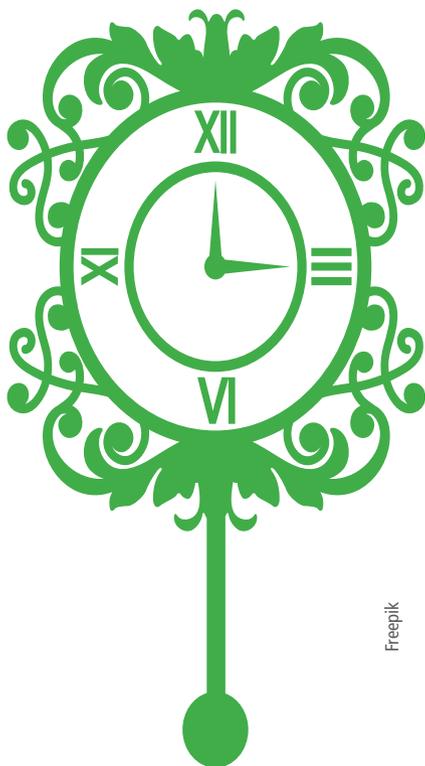
Na parede, nua e fria,
um retrato pendurado
faz-me sempre, noite e dia,
relembrar o filho amado.

Nesta nossa Medicina
há uma coisa diferente

que intriga e nos fascina:
– Ser médico e ser paciente.

Curitiba, doce encanto,
da Terra dos Pinheirais;
é nela que eu vivo e canto:
Meus amores e meus ais!

De meu pai, um grande espelho,
hoje velho, lembro ainda,
refugiado em seu conselho:
– Sê feliz que a vida é finda!



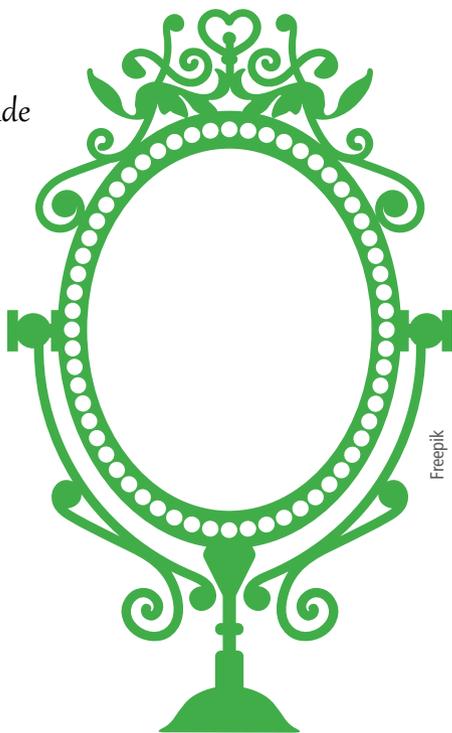
Freepik

Regressaste!...Que alegria!
E a saudade se desfez!
Hoje minha alma irradia
felicidade outra vez!

É verdadeira a amizade,
quando nunca se destrói;
com tempo vira irmandade
e faz do amigo um herói!

Foram refúgios de sonhos
as tuas cartas de amor;
hoje, traços enfadonhos
que só causam muita dor.

Quando quero que a saudade
em meu peito se avolume,
busco, em total ansiedade,
o aroma do teu perfume.
És, Curitiba, a Cidade,
do sorriso encanto e amor,
que me dás felicidade
com teu carinho e calor.



Humilhação



Dr. Fábio Uesu (**Pseudônimo – Anton**)
e-mail: uesu22@hotmail.com

A humilhação veio em rajadas de risadas de todas direções da sala. Nem a professora que deveria protegê-lo, sem ao menos hesitar, deu um bom riso espontâneo. Mais tarde suspeitaria que metade dos que dele zombaram não sabiam do motivo por que o fizeram, porém isso não viria a diminuir sua dor.

Coincidência ou não, fato era que na semana seguinte não foi para aula, febril, dores no corpo, a garganta lhe supurava. O mal-estar que sentia lhe remetia de modo obsessivo, à memória, tão recente, da professora lhe perguntando o nome de um grande escritor russo e ele, como sempre, seguro de si, enfático, respondeu: “Tolstóiévs-ki”. Risos. Não era de estudar, mas na véspera ele tinha, afinal, dado uma olhada na matéria... Como havia se machucado e agora em sua cama lembrar do breve ocorri-

do lhe fazia se revirar de ódio dos outros, ódio de si, uma inquietude desconfortável. Haveria, logo que se sentisse bem, de se tornar o melhor aluno da turma: referência para a professora, razão de admiração e inveja dos demais 41 que, nem unzinho deles, havia se solidarizado ou, pelo menos, não rido. Assim se recordava do momento. Era só se sentir melhor que iria, convicto, heroico, para o depósito de casa, onde não havia janelas, arrastaria a escrivaninha de seu pai, uma luminária embaixo do braço e se afundaria nos livros.

No sábado pela manhã despertara revigorado. A semana anterior de trevas internas, em que sobrara em seu leito, exteriorizara com dias chuvosos, úmidos e frios. Ainda na cama via agora pela janela o Sol, lá fora, intenso e soberano. Era hora de esquecer as últimas semanas e

deixar de ser o que sempre fora: um estudante inconsistente. Mal pusera o pé direito no chão e vozes da turma do bairro — esses sim companheiros — já eram ouvidas se somando no campinho de futebol lá fora. Ele, atento como

sempre, percebera que resultavam em um número ímpar. E ele, sim, era um menino solidário. As dores, todas elas, já haviam sumido e ele tão rápido buscava suas chuteiras: o dia já se iniciara promissor.



Entrevista

Enquanto a produção preparava o convidado estrangeiro — um coloca e testa microfone, retoque na maquiagem - o jornalista revisava as perguntas da entrevista. Sentados cara a cara, o jornalista, compenetrado em seus pensamentos, lia e verbalizava bem baixinho para si o que iria perguntar. Não existia naturalidade sem treino. Para o entrevistado que o examinava, o jornalista parecia se concentrar para dissolver o tédio de mais uma entrevista com alguém, para os outros, importante. O convidado não se mostrava ofendido ou mesmo magoado por não ter nenhuma conversa informal e gentiliza antes das gravações: já havia cruzados trópicos acima e abaixo e sabia como as coisas funcionavam. Era fato que também

se sentia aborrecido. Tinha fama e prestígio ainda que isso se restringisse a bons mas pouco interessados e, como já observara, não era o caso desse jornalista. Por que daqui a poucos minutos tudo mudaria e haveria tanta bajulação recíproca? Por que era sempre assim? De súbito já regurgitava sem trégua:

— Mais para o fim da entrevista você vai me perguntar não só o que acho do seu país como me questionar sobre o que acho das mulheres do seu país. Vai me cobrar uma resposta sobre o que acho da alegria do seu povo e o quanto conheço de sua música, seus artistas e escritores. Enfatizará a diversidade de sua nação. Eu, antes, hesitaria, olharia para o meu assessor que está ali naquele canto, bem escondidinho de

todos mas nunca da minha vista. A mímica dele me transformaria num papagaio que, afinal, com as palavras certas, me salvaria de poucas e boas. Mas hoje sei, bem sei, como devo agir: te direi que as mulheres daqui são incríveis, que vocês transpiram sensualidade e generosidade sem fim. Te direi ainda que o samba e a bossa nova fizeram parte da minha juventude, assim como Caetano Veloso (você achará engraçado o meu sotaque de “Velosso”) e Jorge Amado. Falarei da grandeza do seu país, exaltando praias, montanhas e neve num país só. Me mostrarei ansioso para poder voltar logo. Direi isso, mas conseguirei ser vago ao mesmo tempo, evitando dizer que vocês são únicos ou exclusivos ou, pior, melhores do que sabe lá Deus quem. Isso porque sabes tão bem quanto eu que em menos de 24 horas estarei numa outra entrevista, poucos milhares de quilômetros daqui me embasbacando com a sensualidade do tango, com a passionalidade local por ídolos locais, enfatizando a universalidade de Borges, e dizendo que Quiroga,

Bioy Casares e Sábato tinham uma elegância peculiar. Falarei da diversidade climática e cultural daquela nação. Todos sairemos felizes com minhas respostas indiciando uma intimidade local - que não tenho - já antiga. Teu chefe te parabenizará por me conquistar, meu assessor sairá aliviado por eu não cometer gafe alguma e eu, contente, por manter minha imagem de cidadão do mundo. Será que tem que ser desse jeito? Podemos, pelo menos hoje, contigo, acabar com essa formalidade tonta e pueril?”

Levou um susto quando recebeu um leve toque em sua coxa e esses devaneios se dissiparam. O jornalista, sorriso sincero em face, existia agora somente para ele: “Podemos começar a entrevista?”

Drawnby97/freepik.com



Poesia em dúvida Por quê?! Será?!

Dr. Gilmar Mereb Chueire Calixto (Pseudônimo – **Valdemor Oliveira**)
e-mail: lgbb@milenio.com.br

Por que...

... não alvorecem os gemidos e as carícias noturnas?

... aplaudem nas arenas, o Miúra, que transpassa o corpo e a Alma de Espanha?

... o Lobo Alfa solitário finge pertencer à frígida alcateia?

... navegas de porto em porto, quando cá morro, pouco a pouco?

... quando repouso em teu regaço, me faço em sonho, Pássaro?

... as noites de verão, na ausência tua, serão as mais frias?

... a Roda Gigante de Paris, gira mais do que o mundo?

... a pena que transpassou o coração ardente do Poeta acaricia agora tua reluzente alma?

... em Nice, o rutilante *bordeaux* oriental tingiu o parque?

... o papel em branco ferido

pode espelhar todas as ânsias e esperanças do mundo?

... exibem suásticas e falácias, se cruelmente queimaram as gentes?

... Dalton partiu com a Polaquinha e nos legou seus vampiros?

... uma Coca-Cola em tua boca, borbulha de prazer?

... a música triste e a noite foi navegar no Lago dos Cisnes?

... o Vinho Madeira torna-se ataúde, quando levado pela Rosa dos Ventos?

... a sardônica Gioconda fascina e confunde o enigmático Da Vinci?

... o imortalizado Leminski, num ato de amor profético, inunda de amores e dores a Vida Curitiba-bana?

... não percebes a força e o brilho que desprende do Falo Despidido ao lado?

... o insustentável Kundera nos deixou o peso do Ser?

... a alma de Dante vagueia na distante eterna *Divina Comédia*?
Será...

... que crescem, os oceanos pelas lágrimas das Madres de Mayo?

... que pode o ourives fundir o ouro da aliança na carne para eternizar no sangue o amor partido?

... que o calor da tua paixão cegou minha alma e os meus olhos?

... que o negro dos teus cabelos encobrirá o azul dos meus sonhos?

... que ousas decifrar os sinais do amante, no Corpo Despido?

... que o teu nu, refletido no espelho, desfigurou Narciso?

... que morrerá a Poesia quando se extinguir a rima e o compasso?

... que o Poeta que arrebatou o lápis lazúli eternizará o fogo fátuo nas estrelas e na alma?

... que o sangue e o clamor das Baleias Azuis teceram de vermelho e branco a bandeira japonesa?

... que Pablo virá buscar os amores e as poesias perdidas de Neruda, um dia?

... que do alto da Torre Eiffel se avista o fim do mundo?

... que o Ouro da Refugiada Olímpica pode cobrir sua saudade e dor?

... que as lágrimas de Francisco fizeram do rio portenho um Mar Del Plata?

... que o quixotesco De La Mancha nos trará no roto alforje a esperança e as ilusões perdidas?

... que em Vila Rica, poderia alçar aos céus o Quinto dos Infernos?

... que no fim do etéreo Arco Iris já não há mais pote?

... que o brásio do teu corpo sinuoso e lânguido, tatuará o meu Ser?

... que tua boca encarnada, sugará com paixão desenfreada a alma da Amada?

... que o gozo do Amante será um vislumbre do Átimo Divino?

... que quando a Musa Bela se desnudar, deixará o coração do Poeta em chamas?

Por que será?

Gazeta da Cidade: Gazeta da Cidade: A poetisa partiu A poetisa partiu

Ela chegou em uma ambulância ao serviço de urgência referida pela sua médica.

Pálida, esguia, desidratada, voz sussurrada, mas semblante altivo e murmurava que amava sua irmã.

Não há vaga disponível, foi dito. Acolhida, assistida, tratada e encaminhada a hospital geral.

Quando medicada no pronto atendimento, tinha observado, em seu corpo magro, cicatrizes esparsas de pequenos ferimentos, quais riscados de cinzel.

Segurei sua mão, olhos de mar, porte de rainha, ora frágil, mas destemida, velha Araucária Curitibana, linda, símbolo paranaense.

Na Boca Maldita, dias depois, seguiu o boato de que, já em casa, segurava, mesmo trêmula, a pena que feria bravamente o papel branco, com trovas.

Algun tempo depois, a poetisa partiu. Agora, sem canetas e sem

manchas de tinta nas mãos, alma fugidia, em busca da musa etérea, agora poesia.

Lembro vagamente que, ao caminhar próximo à sua casa, encontrei-a no banco da praça do Ruy, solitária, como só os poetas verdadeiros o são.

Sentei-me ao seu lado e confidenciei que, como filho de poeta que era, arriscava escrever. Ela me deu um sorriso triste. Compreendi a cumplicidade, pois os poetas, no fundo, bem no fundo da alma, são solitários e tristes; não são deste mundo.

Perseguem a rima perfeita, brincando com a simplicidade, música dos sonetos e a singularidade da prosa.

São seres mágicos, etéreos, que conspiram na eternidade dos mundos, entram e saem dos Buracos Negros e Brancos infindos, transportados pelo avatar da pena.

E a Poetisa disse-me que só os Poetas tristes, como nós, podem capturar a alegria e o canto da vida, sua sombra e luz.

Disse-me que somos como palhaços, sorriso rúbio pintado na face, para seduzir a Musa perdida e aplacar a solidão.

Ela viu que meus olhos passeavam inquiridores pelas suas marcas na pele fina, marfim.

Confessou-me que, ao caminhar próximo à sua casa, fora derrubada e roubada por meninos de rua com cracas e crack, perdidos, órfãos.

Seus poetizados “Meninos de rua”, agora, “Meninos do asfalto”, e não mais “capitães da areia”, nem “Meninos da Rua Agostinho” dos seus livros amados.

Filhos de mães Curitibanas, nossos Polaquinhos de rua, injustiçados, agora violentos, sem pierogue, sem Anjos da Guarda.

Sem o Anjo que os guardava, pois a Poetisa partiu, a Musa chorou.

Partiram-lhe as asas, mas não mataram seus sonhos, que agora são os nossos sonhos.

Gazeta da Cidade: A POETISA PARTIU

A poetisa curitibana Helena Kolody foi fragilizada por meninos de rua fazendo Gazeta, os meninos do Povo.

P.S: Crônica inspirada em uma história real.



Dorme, vecchio

Dr. Rogério de Fraga (Pseudônimo – **El Morya**)
e-mail: rogeriodefraga@gmail.com

Me bastou
Ter a certeza de que bem vivi,
Pra chorar o que chorei
E me rir do que me ri.

Me faltou,
Um dia a mais,
Pra prolongar as doces horas,
Em que você, meu pai,
Sentava e nada falava,
Mas tudo dizia.

Me faltou,
Um minuto a mais,
Pra ter certeza de que o minuto seguinte
Me bastaria,

Mas me bastou
Estar sendo quem eu sou,
Nas doces horas do que ventou
Tua fala serena,
Minuto a minuto,
Até compor este poema...



O curador

Inda que eu tivesse outra escolha,
Como acho que tive.
Na busca por algo que acolha,
Todo aquele que vive.
Assim foi meu caminho,
Aprimorando minhas ferramentas,
Às vezes um pouco sozinho
Em meio a tantas tormentas.
A exemplo dos navegadores,
Avançando no desconhecido.
Dominando todos os temores,
Ressignificando o passado esquecido.
Fez-se o Curador,
Antes mesmo da titularidade.
Aquele que cuida da dor,
Antes da especialidade.
Pela verbalização da Cura
Não a adjetivação do Ego,
Pela força que sempre dura
Não o medo que sempre nego.

E se, por um infortúnio,
Não conhecesse a boa Fortuna,

Jamais cometeria perjúrio,
Para preencher-me esta lacuna.
O que deve um curador?
Fazer o que deve ser feito,
Não apenas o que é tentador
Mas aquilo pelo que se tem respeito.
Na edificação da Consciência
De nossa condição humana
No exercício de sua resiliência,
A força daquele que emana.
Assim é a Arquitetura,
Do Médico, Transformador.
Aquele que busca a Cura,
Buscando em si, o infinito Amor.



Freepik

Aguas passadas

Aguas passadas

Dr. César Lopes (Pseudônimo – Cesar C. B. Lopes)
e-mail: cesarcblopes@gmail.com

Jorge possui na pele tempo percorrido. Ele tem idade de museu, mas o pensamento é simples, com mania de criança. Não tinha entendimento de mundo, não conhecia palavras difíceis, nem conjugações ensinadas no ensino médio. Ele aprendeu o mundo pelo que viveu.

Jorge entrara naqueles anos em que a vida percorre seu caminho independente, nos quais a vida assume-se formada e gasta, por engrenagens acostumadas com seu movimento incessante de empurrar o que existe para frente. Tempo de poucas mudanças; de rotina instalada o bastante para gerar inconformismos.

Mas no meio de dias conhecidos, há sempre novidades. A novidade do último ano era, inclusive, difícil de se pronunciar: Nefrologista. Médico dos rins. Médicos

de pensamentos demais de grandes, demais para órgãos tão pequenos.

Descobrira que o rim estava parando de funcionar. Os rins, aliás. São dois, e sempre imaginou que quando um parasse de funcionar, o outro ia logo assumir seu posto. Mas não. Os dois afundavam juntos.

Na sua mente, imaginava se não era o rim que cuidava de filtrar o tempo. O doutor dissera uma vez que, quando o rim teima em funcionar, coisas ruins vão se acumulando no corpo. A gente não consegue jogá-las para fora. O rim funciona para filtrar as coisas que acumulam.

Seu Jorge estava cheio de coisas que deviam ser jogadas fora. Lembrou-se, também, do doutor dizendo que o sangue e tudo que está nele passam muitas vezes pelo rim. O rim deve ser um buraco, pensa consigo. Deve ser um buraco onde

se escoa o tempo e leva com ele coisas velhas. Talvez um ralo.

Agora, sente na pele o acúmulo de velharias, coisas que não agradam à vontade de renovação que mantém vivo o corpo. Desde que o jovem médico do pequeno hospital de seu distrito lhe disse que o rim estava querendo parar de funcionar, seu Jorge sente velhices abatendo-se em seu corpo.

“A água acumula no pulmão”, disse o médico. Por isso lhe falta o ar. Devem ser as tais das “águas passadas” que estão se acumulando, pensa consigo. Os amores também precisam ser filtrados. Se assim não o forem, não há coração que aguente. Amor velho e acumulado deixa o coração inchado.

A doença, também, tornou escassa da vida as novidades. Doença gosta de rotina, refletiu, pensando nas mesmíssimas pílulas que tinha de tomar sempre nos mesmos horários; nos hospitais que eram todos meio parecidos; e nos discursos dos médicos, que de uns tempos para cá eram preenchidos com as mesmas advertências.

A novidade, se é que se pode chamar desgraça de novidade, só

veio mesmo quando o médico fez uma cara mais séria que de habitual e começou toda uma retórica para, no frígido do ovos, dizer-lhe que o rim, agora sim, havia se aposentado de vez.

Como enterrar uma parte do corpo que já morreu dentro de si mesmo? Sentir-se abandonado por uma parte do próprio corpo ataca como a mais inesperada das traições.

Preso à ideia de que aquilo que parou de funcionar joga-se fora, perguntou, tímido por vergonha de sua falta de entendimentos, o que iriam fazer com eles. Iriam ter de retirá-los? O médico sorriu diante da simplicidade do raciocínio. “Ah, não, não tem problema em deixá-los ai, eles vão ficar quietos.” A ideia não lhe soou tão estranha. Aliás, o morto órgão já estava enterrado mesmo.

Por vezes, há que se resignar e carregar dentro de si uma morte de si mesmo.

A rotina agora era diferente de qualquer outra que havia vivido. Já que não havia mais rim que lhe servia, passara a depender de máquinas para o cumprir o

papel dos falecidos órgãos. Para ele, funcionavam como máquinas do tempo. Tiravam de dentro dele o que havia se acumulado. A vida podia fluir em seu corpo sem a barreira do que deve ser escoado.

Imaginou se o tempo também um dia se cansaria de empurrar a vida pra frente. Imaginou grandes relógios reanimando ao tempo sua vocação de passar.

Ele é mal letrado. Carece de entendimento de letras. Desconhece

a ciência dos livros. E se salva com a ajuda da filha mais velha para adivinhar os nomes curiosos dos remédios que lhe passam. Mesmo assim, seu Jorge muito entende da vida. Entende de tempo que teima em passar, e de passado que teima em se acumular. Entende que a vida, que lhe percorre as veias, tem de ser filtrada e esvaecida.

A vida também pede um ralo. Para cumprir sua vocação de escoar e fluir.



Os ventres do amanhã

A dor do parto
É a dor de partir
Ver um filho da casa sair
E seu rumo na vida
seguir.
A dor do parto
É a arte
em criar novos universos
singularidades
oportunidades.

As mulheres carregam no ventre
Os ventos do amanhã.

As mulheres carregam no ventre
Os ventres do amanhã.

E quem há de negar
que filhos
em potencial
infinitos há?

A dor da gestante
é ser múltipla.
Mãe, guardiã, provedora
filha e amante.

Levando um universo a parte na barriga,
A gestante prova
que a alegria pode ser parida.

As mulheres levam na barriga
a tempestade de volta e de ida.
As mulheres levam na barriga
a tempestade de morte e de vida.

A dor do parto é a dor da separação
de uma alma que nasceu de outra
em íntima relação.

A dor da gestação é a dor de carregar outro coração,
Como se já não bastasse um,
A gestante leva dentro de si um outro
tum-tum-tum.



Escolho servir

Escolho servir

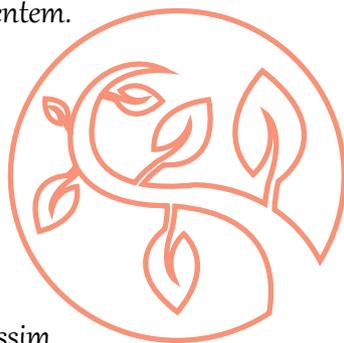
Dra. Laoane Guimarães (Pseudônimo – **Stacy Pucci**)
e-mail: laoane@hotmail.com

Pelo amor que sinto em cada descoberta,
Interação de sistemas tão humanos,
Fascinação pelas leis que regem,
E, em cada alma, o psico ao somático completa.

Buscando a harmonia em cada intervenção,
A proposição de cuidar daquele que se apresenta,
Somei técnica, teoria e compromisso.
Na intenção de ajudar; por esse caminho eu sirvo.

Se há uma lei que rege essa dinâmica humana,
Comparo aos astros; descon fio que se complementem.
Na essência que está em cada um
Permita-me servir com o meu melhor

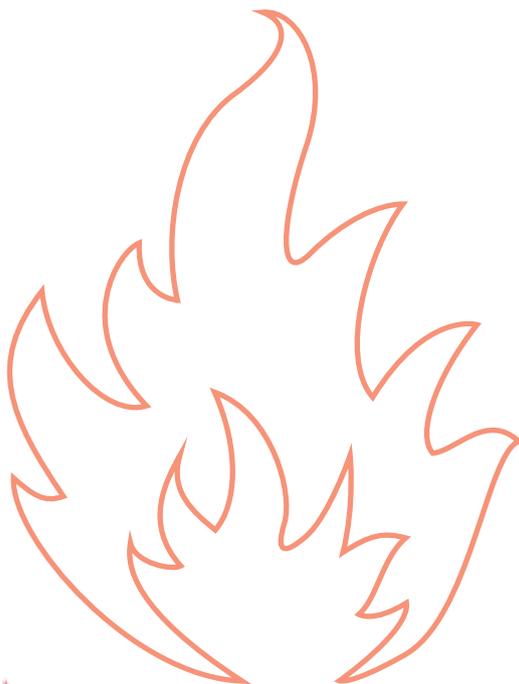
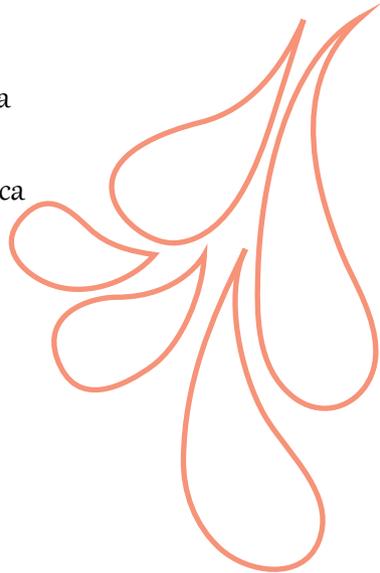
Há quatro direções, mas só uma é norte;
Qual é o norte que leva ao aspecto humano?
Seria o respeito? Ou seria a devoção?
Carrego os dois; pois não saberia servir se não assim.



Freepik

Para transformar, Fogo! Esse modifica a matéria
Para multiplicar, Terra! É a fertilidade em si
Para movimentar, Água! Essencial à tal dinâmica
Para sutilizar, Ar! Carrega o sublime
Ao Servir, que se componham e me lapidem.

Que o Servir seja princípio,
Seja incorporado e expressado,
Na medida harmônica, tão
Proporcional à Medicina.



Maestro99/FreePik.com

Eu odeio pobre

↳ Dra. Eloisa Gabriela Linke (Pseudônimo – **Ariadnis Tuhoj**)
↳ e-mail: elo26linke@gmail.com

Eu odeio o pobre.

Eu odeio o pobre da cabeça:

Não lê, não se informa.

Eu odeio o pobre de opinião:

Fala, fala, fala e acaba por não dizer nada.

Eu odeio o pobre de respeito:

Cochicha ofensivas de inveja,

Porque é pobre e ouve o rico

Jovem que usa caixa preferencial,

Fura fila no banco,

Usa vaga de estacionamento do deficiente

Exclui o outro pela cor, pelo dinheiro.

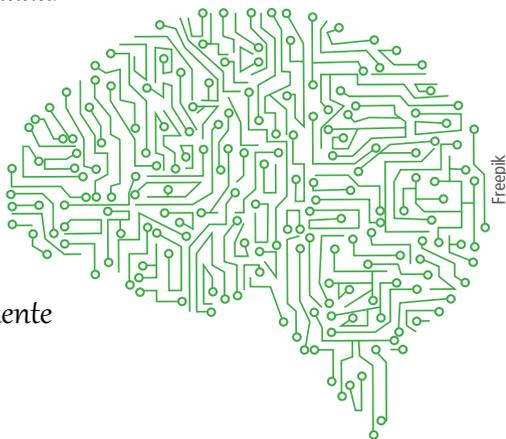
Eu odeio o pobre de conhecimento:

Não explora suas capacidades,

Não experimenta a vida,

Só chacoalha a cabeça quando questionado,

Não critica, não duvida, não pergunta.



Eu odeio o pobre de humildade:
Sai nas ruas exibindo bolsa nova,
Para a família humilde que não consegue comprar comida
Não ajuda os outros,
Finge não ver o sofrimento e, pior, pisa em cima.

Eu odeio o pobre de honestidade:
Quando ganha troco a mais apressa-se a sair de fininho
O corrupto que promete fidelidade à sociedade,
Mas rouba, mente, esconde
O marido que trai a esposa
O amigo duas caras.

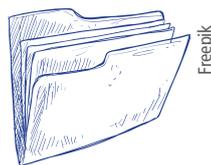
Eu odeio, odeio o pobre de cultura:
Ele não é digno de pertencer a uma sociedade tão rica.
Mas tem um pobre valioso

Um pobre que merece aplauso
O que luta, que corre, que trabalha
O que cai, levanta e, ainda por cima, com a cabeça erguida
O único pobre que eu aplaudo
É o pobre que não vive para não ser pobre.

Ao médico mestre

Ao médico mestre

↳ Dra. Thalita Bento Talizin (Pseudônimo – **Menina**)
↳ e-mail: thalitabt@yahoo.com.br



A complexidade da Medicina — na prática e no ensino — seleciona alguns médicos que excedem em muito o título de professor. Eles são mestres. Eles são médicos mestres...

É médico mestre aquele que tem como mote a busca pela excelência no atendimento a seu paciente. O médico mestre transmite no agir que lugar de médico é ao lado de seu paciente. Ele sabe que sua obrigação, enquanto médico, é assistir integralmente seu paciente. Ele sabe que sua obrigação, enquanto professor, é despertar em seu aprendiz o mesmo sentimento.

Há aprendizes que despertam prontamente com esse chamado... Outros têm despertar serôdio... O mestre não desiste de seu aprendiz. O médico não desiste de seu pa-

ciente. O médico mestre insiste. O médico mestre é tenaz, incansável.

Ele sabe que o aprendizado médico é lapidação e polimento — de ciência, de técnica, de postura, de atitude. Ele sabe que o conhecimento deve ser incitado. Ele tira o estudante do estado inercial. Provoca. Incentiva. Faz o estudante buscar, conhecer. Faz o aprendiz lutar por seu paciente. Faz o aprendiz sentir a todo momento a responsabilidade de ser médico. Instiga o prazer pela assistência. Persuade por sua presença. Inspira por seu exemplo.

Ele é um guia. Permite ao aluno conhecer-se. Ele estará lá quando seu aprendiz experimentar pela primeira vez sentimentos que a profissão médica proporciona — o nascimento, o diagnóstico, a recu-

peração, a estabilização, a morte. E, na humildade da sua experiência, permitirá que seu estudante processe a miríade de emoções que esses momentos trazem...

O médico mestre acredita no potencial de seu aprendiz. O médico mestre sabe que os hábitos praticados diariamente levarão seu estudante à perfeição. Ele está sempre ao lado de seu estudante, mas como um incentivador. Ele sabe que seu aprendiz deve ser criado para a ausência de seu mestre.

Ele sabe de seus limites. Sabe reconhecer que errou. Sabe que também está aprendendo. Sabe que em algum momento não terá resposta para dar a seu aprendiz. Então os dois — mestre e aprendiz — vão juntos em busca do desconhecido... E assim crescem, ambos.

O médico mestre sabe o valor da correção — e a faz veementemente — e a honra, o privilégio de ser corrigido. Incisivo e certo, ele sabe o peso de seu julgamento quando lapida as ações daqueles que estão em formação.

O médico mestre deixa saúde, deixa vontade de voltar.

O médico mestre sabe o tamanho de sua responsabilidade. O mestre está criando discípulos. O mestre sabe que suas ações serão propagadas pela eternidade por seus aprendizes.

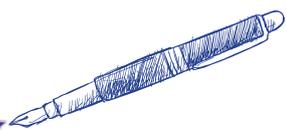
E quando houver a separação desse binômio... Do mestre e do aprendiz... Restará o orgulho do que foi vivido e do que foi aprendido durante o tempo que tanto fez por eles. O tempo que tanto os moldou. O tempo que tanto os formou. E então o aprendiz seguirá os passos de seu mestre e formará novos discípulos para que as próximas gerações saibam o que é ser médico por essência.

Enquanto existirem os médicos mestres, a Medicina será propagada em sua pureza.

Feliz aquele que tem um médico mestre.

Ao médico. Ao mestre. Ao médico mestre.

Uma homenagem pelos dias 15 e 18 de outubro.



Freepik

Companheiro Companheiro

Dr. Matheus Kahakura (Pseudônimo – **Mahler**)
e-mail: matheuskfpedro@hotmail.com

Quem há de ser meu companheiro? Nenhum de vocês,
Ouso dizer!
Pois não vieram ter comigo hoje. Aqui
Apenas os convalescentes ceiam comigo.

Os pálidos corredores do andar ecoam os
Choros do 403 – é o único nome pelo qual o chamo.
Ele anseia ser meu companheiro, para juntos cantarmos
Nossas alegres rimas dispneicas.

Triste lâmpada, teimosa!
Brilha sobre meus olhos cansados! Não te disse
Que já é noite? Não se junte a mim,
Mas brilhe com suas irmãs celestiais.

Quando conseguia ler, umas páginas sobre
Montanhas mágicas me deram esperança.
Agora sei que estou quase no ápice,
De tão rarefeito meu ar.

Sons no rádio, um farfalhar ao fundo.
Me cercam sem em mim tocar.

Como serão meus companheiros? São
Distantes, intangíveis, inalcançáveis.

Mas ouço vir um companheiro? Foi só apertar
Um botão! Mas a companhia dele
Foi só momentânea. Ele só quer meu
Pulso, não quer minha proximidade.

E se ao alvorecer encontrar meu
Companheiro? Quem sabe, talvez
Apenas ao me juntar aos
Imóveis por cima de quem sempre passei.

Sim, apenas outros solitários
Poderão me fazer companhia.



Oração de formatura

(CXXI Turma da Faculdade de Medicina da UFPR)
After Leminski, Nabokov, Blake, Neruda et. al.

Magnífico Reitor da UFPR,
Prof. Dr. Zaki Akel Sobrinho,
Vice-Reitor, Prof. Dr. Rogério
de Andrade Mulinari, autoridades
componentes da mesa, pais,
familiares, caros amigos, senhoras
e senhores.

A mim coube a impossível tarefa
de resumir em palavras o espírito
indescritível da CXXI Turma da
Faculdade de Medicina da UFPR.
Talvez onde me falem palavras eu
possa recorrer ao poeta america-
no Walt Whitman. Adaptá-lo, na

verdade, chegando à conclusão de que NÓS SOMOS INTRADUZÍVEIS; NÓS SOMOS INDOMÁVEIS. Escolhemos um caminho árduo, loucos, intraduzíveis, mas tivemos espírito para completá-lo, resilientes, indomáveis. “*Audaces fortuna juvat*”, ou “a sorte ajuda os audazes”, nas palavras tiradas da *Eneida*, de Virgílio, e tão caras a nosso fundador, Nilo Cairo.

Há 6 anos, no já longínquo 2010, ainda inebriados pela vitória no vestibular, pela realização do primeiro sonho, pelos ritos de passagem, no distante Centro Politécnico estes intraduzíveis iniciaram a busca pelo significado de “ser médico”. Em meio aos frios cadáveres da Anatomia, descobrimos, na inevitabilidade da morte, o quanto teríamos que crescer para podermos nos dedicar à vida, razão de ser de nosso ofício. Tivemos nossa iniciação ao método científico, percebendo o caráter mutável, fluido, do nosso conhecimento, em que a sabedoria de ontem não é suficiente para o paciente de amanhã.

Tivemos então o primeiro contato com um paciente. Percebemos o quão imperscrutável é o Ser Humano; no confronto com

a enfermidade, víamos, nos olhos daqueles que nos entregavam o corpo, a angústia, o medo, a dor; mas também a confiança e, mais importante ainda, a esperança. Conhecimento sobre conhecimento foi agregado a nossas exaustas porém impetuosas mentes.

Durante os estágios, afinal, ficou claro o quão longe estávamos daquele ponto de partida. Noites em claro, de plantão, tornaram-se componentes tão integrais da vida acadêmica quanto uma aula teórica. O estudo que já considerávamos incessante tornou-se ainda mais. À alegria de realizar um parto, trazendo à vida uma criança, somou-se a dor de comunicar à mãe a morte de um filho. Nós nos alegramos junto com os pacientes. Choramos junto com os doentes. “Não vás tão docilmente nessa noite linda/Clama, clama contra o apagar da luz que finda”. O que Dylan Thomas escreveu, profeticamente, para seu pai à beira da morte é o que dizíamos aos nossos irmãos, irmãos em humanidade, enquanto convalesciam.

Ao longo desses seis anos crescemos, amadurecemos, florescemos.

Uma aula não era mais apenas uma rotina acadêmica, mas agora a visão de um paciente futuro, uma vida a ser transformada. Cada leito do hospital, antes uma intangível abstração do que seria o nosso ofício, transformou-se em um nome, a memória de uma pessoa que lá esteve aos nossos cuidados, que confiou em nós. Cada lâmpada sobre nós transformou-se de apenas nossa companheira fiel durante a interminável madrugada a uma metáfora de nossa profissão, do nosso compromisso assumido perante Deus e os homens de se rebelar contra a escuridão que há dentro de cada um e levar luz aos que clamam contra seu apagar. A luz da caridade, a luz da esperança, e, com o máximo de nossa ciência, a luz da cura.

Seis anos. Quão impaciente foi a espera. Entretanto, se até para a flor no vaso chega a primavera, que dirá para nós? Afinal, chegamos aqui. Ao cume tão almejado. À medalha tão merecida. Neste palco entramos como alunos. Daqui sairemos como MÉDICOS. Após seis anos, nosso é o galardão. Após seis anos, compreendemos o que é ser médico.

Em Hamlet, Shakespeare conduz seu protagonista a um questionamento sobre a existência. “Será mais nobre em nosso espírito sofrer pedras e flechas com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja, ou insurgir-nos contra um mar de provações e em luta pôr-lhes fim?”. Diante de vós estão os que, em interminável combate, decidiram se dedicar a pôr fim às lutas do próximo. Diante de vós estão MÉDICOS. Abrindo parênteses, Shakespeare continua com “dormir, não mais”, o que também se harmoniza com os nossos últimos anos de estudo.

Enquanto muitos passam a vida em indagações sobre como fazer o bem, a nós foi dada a honra de fazer o bem por ofício. Nada menos se espera de nós do que aliviar o sofrimento, trazer cura, ser uma mão amiga, ser um MÉDICO. Afinal, ser médico vai muito além da mera definição da palavra, pois a transcende.

Essas seis letras, com as quais tanto sonhamos, três sílabas terminando com um orgulhoso estalo no palato, são apenas uma palavra, um nome. Afinal, o que há em um nome? Uma rosa, por qualquer ou-

tro nome, teria o mesmo perfume. Não, ser médico é ir além do nome. É ser verdadeiro a si mesmo, curar a incerteza tanto quanto doenças, tornar-se parte de tudo quanto conhecemos; é sofrer sem ser visto, enxugar as lágrimas desesperadas que vêm do coração, ver a inocência nos olhos de uma criança assustada e não descansar até que naqueles olhos brilhe a paz; é pulsar a circulação do escuro sangue, ser a engrenagem do amor, viver a transformação da morte; é se levantar contra o silêncio que fere e isola, bradar sobre os telhados de um mundo indiferente, se erguer contra o som e a fúria da insignificância; é testemunhar a luta entre Céu e Inferno, amar a humanidade, celebrar a vida. É assumir um compromisso com o bem.

Dentro de cada um de nós há algo que não tem nome, e isso é o que somos. Para estes vitoriosos formandos, é um multifacetado amor, que se reflete em cada paciente como num espelho. Um amor pela vida só conhecido por aqueles que enfrentam a morte, um amor que não transforma apenas o amado, mas também a si mesmo. Isso é o que faz de

cada um de nós um médico. Nós amamos dessa maneira porque não conhecemos outra forma de amar. Médico é apenas a palavra que o homem criou para tentar descrever esse amor indescritível.

Enquanto a Medicina continua sua revolução técnica e científica, atuando na menor das moléculas para o bem do homem, ela se torna cada vez mais arte, e seus praticantes cada vez mais artistas. O cirurgião empunha seu bisturi como um pincel; a sua incisão é como uma profunda pincelada de um Van Gogh, criando e desfazendo texturas. A ausculta de um pediatra é a audição de um Bach, buscando a nota errada, crepitante, dentre as mil que ouve. A anamnese de um clínico é Hemingway escrevendo sua história: direta, única, o relato em primeira pessoa de um paciente para o seu médico. O médico para quem, naquele momento consagrador, aquele é o único paciente do mundo. Parafraseando Gustav Mahler, a respeito de suas sinfonias, o médico deve abraçar o mundo. Deve abraçar as doenças do mundo, e curá-las quando possível. Deve abraçar a dor do mundo, e aliviá-la quase sempre.

Mas, acima de tudo, deve abraçar a alma do mundo, a alma do paciente, e consolá-lo sempre.

Por ter aceitado todos esses deveres, essa turma torna-se indomável. Aceitando para si o sofrimento do outro, esses médicos se tornam intraduzíveis. Por terem caminhado, como escreveu Robert Frost, a estrada por poucos trilhada, tornaram-se indomáveis. Por terem percebido que isso fez toda a diferença, tornam-se intraduzíveis. Como testemunha desse glorioso espírito da CXXI Turma da Faculdade de Medicina da UFPR, estará uma placa, com os nomes e feições destes 67, eternizando-nos em meio aos imortais graduados na nossa alma-mater, no coração do Hospital de Clínicas. Junto com a de nossos pais e mestres, a memória da grandeza desta turma permanecerá por gerações. Será para nós que nossos filhos, nossos netos, nossos herdeiros olharão com veneração e dirão: aquela foi a nossa hora mais nobre.

A graduação marca nossa entrada em um novo mundo, ainda mais admirável. Mas um mundo também marcado por incessantes lutas, provações com as quais a cruel Fortuna nos alveja. Mas contra elas

nos insurgimos, para em luta pôr-lhes fim. A classe profissional à qual agora pertencemos é continuamente fustigada, culpada, desrespeitada, diminuída. Mas os médicos à vossa frente, esses futuros professores, pesquisadores, consoladores, são indomáveis. Nossas cabeças poderão estar ensanguentadas, mas nunca serão curvadas. À luta pela nossa profissão não fugiremos, apesar de todas as adversidades. Esta é a nossa carta para um mundo que nunca escreveu para nós. Este é o nosso legado. Afinal, a luta pelo nosso ofício é a luta pela saúde do homem, a suprema lei. Não apenas uma luta contra a morte, mas contra uma vida sem esperança e amor.

Tendo em vista o conflito em que estamos inseridos bem como nosso espírito de superação, encerro com versos de Alfred Tennyson: “não somos agora aquela potência que outrora movia terra e céus; aquilo que somos somos. Uma raça única de corações heróicos, abatidos pelo tempo e pelo destino, mas fortes em determinação, para lutar, para buscar, para alcançar e para nunca desistir.” Obrigado.

Fantasma

Fantasma

§ Dra. Luciana Ballardin (Pseudônimo – **Caixinha de Música**).
e-mail: lucianaballardin@hotmail.com

Temo portas
Temo janelas
Temo que as portas sejam
Trancadas
Temo que eles apareçam
Nas janelas
E me assustem.
Temo amores
Promessas incertas
Escadas escuras
Sombras de perto
Loucuras.
Temo escadas
Temo armários
Fechados
Calados
Que escondem nas roupas
Momentos amados.

Temo que saiam
Sedentos
Penados
E me assustem
E me levem
Para um lugar
Sem
Portas
Janelas
Escadas
Armários
Amores.



Freepik

Crônica do sacrifício

Crônica do sacrifício

Dr. Aurélio Ribeiro (Pseudônimo – Sean Feign)
e-mail: aureliuseriano@hotmail.com

Caim (Qayin) lavrador, Abel (Hevel) pastor. O primeiro sacrifício. O sacrifício de Caim, produtos da terra, cereais e grãos, é rejeitado; o de Abel, o melhor de seu rebanho, carne e sangue, é aceito graciosamente. A Divindade é onisciente e sabe que, ao recusar o sacrifício de Caim, uma sucessão de eventos seria desencadeada... É a Divindade carnívora porque recusa sementes e aceita a carne? Tradição apócrifa (Midrash e Corão) diz que Caim, era gêmeo de uma irmã, Aqlima, e Abel de sua irmã, Luluwa. Para que não houvesse incesto, Adão determinou que Caim ficasse com a gêmea de Abel, Luluwa; e Abel se casasse com Aqlima. Caim não aceitou e então Adão propôs o sacrifício para que a Divindade decidisse. No Egito, dois irmãos, Osíris (agricultura) e Seth (guerra e conflito), também lutaram pela irmã... Na Suméria,

Dumuzi (pastor) e Enkidu (lavrador) lutam pela irmã, Inana, cuneiforme 3000 anos antes de a Bíblia ser escrita. Egito e Suméria, ecos remotíssimos dos conflitos surgidos com o início da Agricultura e da Pecuária, início do fim dos caçadores-coletores. O sacrifício e o primeiro assassinato, um fratricídio (porque irmão matou irmão). Indecifrável. Enigmática, a Divindade questiona Caim: “Os sangues (plural!) do teu irmão clamam da Terra por mim.” Responde Caim: “Acaso sou o guardião do meu irmão?” Mas Caim tem medo de que o matem no deserto...?! Quem? Os únicos humanos eram Adão, Eva, seus filhos...Então Deus lhe põe o sinal de Caim... Mistério. Depois de Caim e Abel, Adão teve Seth e Seth teve Enosh, “o ser humano” e a partir daí a Divindade passou a ser adorada... por isso *expertises* atribuem a Caim e seus descendentes

tes a linhagem Neanderthal e, a Enosh, o primeiro *Homo sapiens sapiens*. Segundo o Gênesis, a linhagem de Caim foi extinta no Dilúvio (para reparar o dano causado à linhagem de Abel); o último dos Neandertais foi encontrado numa caverna no rochedo de Gibraltar (Colunas de Hércules) e sua datação foi de 30.000-38.000 anos atrás. Subindo a montanha, com um provável feixe de lenha nas costas, o menino (Isaac) pergunta ao pai (Abraão):

— Pai, onde está o cordeiro para o sacrifício?

— Deus proverá o cordeiro, filho.

Descendo a montanha, o menino, silencioso, poderia pensar:

“Não fosse o anjo, meu pai teria penetrado a faca no meu peito e eu estaria lá, ardendo, no lugar do cordeiro.”

Isaac nunca seria um grande líder na sua futura vida, nunca saiu de sua terra; de fato, aparece raramente, a última, abençoando o filho “errado”, enganado pela esposa. Do latim: *sacrificius* - (*sacer-sagrado* + *facere-ofício*) = tornar sagrado um ato. É transacional, uma troca. Quem sacrifica pede

algo em troca, ou agradece por algo recebido. Quem impõe o sacrifício é superior e está em vantagem... quem faz o sacrifício é inferior e está em desvantagem... Não há garantias de que a troca seja concluída nem justa. Unilateral, parcial, imprevisível. A pergunta se impõe: por quê?

- A DIVINDADE QUERIA TESTAR A FÉ DE ABRAÃO!
Mas, sendo a Divindade onisciente, já não saberia!?

- A DIVINDADE QUERIA MARCAR UM RITO DE PASSAGEM, PARA QUE NUNCA MAIS O HOMEM SACRIFICASSE CRIANÇAS. Naqueles tempos era costume sacrificar crianças, pela chuva, pela colheita, pelo hábito, por peste, por pragas, pandemias, ou simplesmente porque era o pedido da Divindade.

- A DIVINDADE QUERIA TESTAR A CAPACIDADE DE LIDERANÇA DE ABRAÃO!
Quem sabe um Abraão mais assertivo que respondesse: “Adonay! Sabeis que vos temo, mas não derramarei o sangue de meu filho, é errado e não farei isso!”

Jefté precisa vencer uma batalha e roga à Divindade que o ajude e

promete sacrificar a primeira pessoa que vier ao seu encontro. A sua filhinha corre ao seu encontro e é sacrificada ao serviço da Divindade até o fim de sua vida. Agamenon sacrifica sua filha Iphigenia para aplacar os deuses e ir para a guerra de Troia... alguns afirmam que um gamo foi colocado no lugar da menina no último instante e a jovem foi arrebatada para o Olimpo por Ártemis. Outros dizem que o sacrifício de fato ocorreu. Provável, porque a esposa de Agamenon, Clytemnestra, o assassina na noite em que retornou da guerra.

Há 6.000 anos, em Fazael-Canaã-Israel, jarro de sepultamento, sacrifício? O primogênito era muito valioso e por isso eles o sacrificavam?!

Há 3000 anos, Sicília, Sardenha, África do Norte (Carthago, 20.000 bebês, todas culturas fenícias). Milhares de esqueletos de crianças, cananeus, sumerianos, cretenses, israelitas: ânforas ou jarros gigantes com ovelhas e crianças de 3-4 meses de idade.

Há 2700 anos, Vale de Rhinon, sacrifícios de crianças, altares flamejantes, mais tarde Vale da Morte.

Após o Dilúvio, Utah Napshitin (o Noé sumeriano) fez um sacrifício de carne tenra e succulenta, os deuses desceram dos céus feito moscas... escrita cuneiforme em placa de argila no British Museum.

O equivalente no Gênesis 8-20: *Then Noah built an altar to the Lord, and took of every clean animal and of every clean bird, and offered burnt offerings on the altar. 21 And the Lord smelled a soothing aroma.* Essa expressão de atribuir à Divindade a capacidade de cheirar e apreciar o aroma doce do sacrifício é usada à exaustão na Bíblia e também em relação ao sacrifício do nazareno; o que nos remete aos aspectos sensoriais intensos da fumaça subindo, valor importante para a memória.

Num funeral em Ur-Suméria, um sepultamento é encontrado. Todos tomam a “cicutá” e morrem no túmulo coletivo com seu Rei. O maior e primevo mausoléu coletivo. O sacrifício e o sagrado juntos! Por quê? Índia, o Vedic Purushamedha literalmente “sacrifício humano”; há etnias com sacrifício humano até hoje! Seitas exigem o sacrifício de seus seguidores.

As jovens e os jovens atenienses foram condenados ao sacrifício ao Minotauro, salvos por Teseu. Andrômeda é sacrificada ao Kraken mas é salva por Perseu. Maias, Incas, Astecas: medonho banho de sangue... Achavam que os Deuses necessitavam sangue humano para manter o Universo. Palenque — o próprio rei maia — oferecia sangue de sua língua ou de sua genitália. Enterravam pessoas vivas às vezes para “santificar” a pirâmide. Os códices relatam que arrancavam o coração “ao vivo” e lançavam o corpo lá de cima. Segundo os códices, era para agradar aos deuses. Os maias desciam até as profundas cavernas para deixar os escolhidos para o sacrifício humano; jovens fortes, adolescentes virgens, bebezinhos recém nascidos - frequentemente sem as cabeças. Por quê? América Central, milhares de sacrifícios humanos nas cavidades com água (Cenótilos). A explicação dos arqueólogos é ingênua e insatisfatória: seca e falta de chuva, fome! Agora que o Sacrifício passou pelas eras primordiais, eras bíblicas, eras mitológicas, eras pagãs... quando

as Divindades saem de cena, o homem finalmente retira o sacrifício dos subterrâneos da ignorância, do exercer o poder, da superstição e prepara O MAIOR DE TODOS OS SACRIFÍCIOS. Racionaliza-o, intelectualiza-o, apodera-se do rito pagão, dá início à nova era do sacrifício do homem pelo homem, o coroamento e o ápice daquilo que as Divindades primevas ensinaram. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; na *Summa Theológica*, “Em todas as épocas e em todas as nações sempre houve a oferta de sacrifícios.... a oferta de sacrifício é de direito natural...” Por quê? “A razão natural prescreve ao homem que ele se submeta a um ser superior devido as deficiências que percebe em si mesmo e que o coloca na necessidade de receber ajuda e direção de um ser superior.” “A criatura reverencia e agradece ao seu criador.” Logo, segundo Tomás de Aquino, expressão máxima da doutrina: para a consumação do sacrifício, direito natural, o homem precisa realizar que é cheio de defeitos, que precisa de uma Divindade que o guie, deve acreditar que

a Divindade o criou e, portanto, como criatura, reverencia e agradece a Divindade fazendo o sacrifício. Será que essa sequência de raciocínio, dialético e sofismático, resiste ao *knowledge* do homem atual? Acaso sua formulação não expõe a fragilidade de sua retórica e de seus 750 anos? Para fazer o sacrifício, o homem precisa ser estúpido, crente e grato, mas é seu direito natural! Ainda, de acordo com o dogma de Tomás de Aquino, o único, maior e verdadeiro sacrifício, redimiu todos os anteriores! Passados mais 13000 anos, o sacrifício adentrou a era contemporânea: inicia-se a era da desumanidade. Agora o sacrifício é des-humano, 11 de setembro, suicídios e morte nas ruas e praças do mundo, com ritual íntimo e antecipado nas seitas, grupos, ou anônimos... *Homo lupus hominis*. Estariam a elucidação e a justificativa para atos tão primevos encravados num recôndito do cérebro humano, um grupo de neurônios

que cresceram lentamente induzidos pela evolução (*Sacrificius spot*), provavelmente ao lado da Área da Divindade (*God's spot*), mapeada recentemente pelas Universidades Canadenses e Norte-americanas... O sacrifício bíblico, o sacrifício mitológico, o sacrifício pagão, o sacrifício ignorante das Américas, o sacrifício irracional, moderno, 11 de setembro, autoexplosões, homens-bomba e, finalmente, o sacrifício último, autodestrutivo, armamentista, descontrole do clima, efeito estufa, lixo plástico, paradoxal, irreal, inominável, a destruição da vida no Planeta. O primata translúcido com seus 200.000 anos no planeta (foram 300.000 dos Neanderthais) deverá usar o *knowledge* para se afastar dos miasmas da superstição, das credices e amparo supernatural; apenas encontrar uma solução racional, ética e feliz.

SATIS ALIENOS ET SACRIFICIA

Embragado de poesia Embragado de poesia

Dr. Milton Bocato (Pseudônimo – **Bocato**)
e-mail: bocato2005@hotmail.com

Hoje resolvi me encher de poesia
Peguei na estante uns livros
Que há muito eu não lia
Li Carlos Drumond e Vinicius de Moraes
Ouvi Chico Buarque
Caetano e muito mais
Peguei uma garrafa de vinho português
Li Lima Barreto num belo javanês
Resolvi então escrever, procurei o belo, enfim
Só encontrei meias palavras
No meu português ruim
Se todas as palavras se renovam na poesia
Minha música quem sabe
Não chega a ser tão vazia
É a vital expressão
Do que pulsa em minhas veias
Poesia e poemas, castelos de areia.
Por isso esta noite resolvi me embriagar
De prosa e poesia, até me saciar.
Até mesmo me empanturrar
Até o som chegar
E a palavra falada musicar



Freeptik

O que sou eu?

O que sou eu?

Um nada

Uma árdua jornada, fugaz história

O que sou eu?

Arrogância, ignorância

Ilusão notória

Um cristal lindo e perfeito

Numa divina complexidade

Pura fragilidade

Eu, um ente ultrananônico

Num cosmo infinito

Atômico, eterno, magnífico

Contemplação

Sou parte dessa natureza

Quanta beleza e sutileza

Mesmo num existir em vão

Incontáveis sóis

Incomensurável espaço/tempo

Quem sou eu, quem somos nós?

Jogados no mundo, até o último alento

Enfim, o que sou eu?

Um acaso, o caso, atraso

Que grato até agora viveu



Os chatos

Dr. Ribamar Leonildo Maroneze (Pseudônimo –
Alfredo Mascarenhas)
e-mail:

Ganhei a rua, e muitos dos fatos vividos até então incomodavam minha mente atribulada, minha vida até então desregrada, o fracasso profissional em uma carreira no início tida como brilhante, meus passos lentos, sapatos velhos apertados mal acomodando os pés surrados pelo trabalho do dia, passos que não acompanham a ansiedade de chegar ao destino. A meia idade, a aparência de velho, meu corpo não suportava mais o trabalho braçal, o ambiente insalubre, as ordens que assediavam meu físico esquelético, tudo bem diferente da carreira de médico interrompida há dez anos. O álcool que temperava minhas noites com os amigos, os jantares, os aniversários, os eventos sociais, nunca me

abandonou. Quando passou a ser o adorno obrigatório durante as consultas e cirurgias, os vinhos, os uísques, as vodcas cassaram meu registro médico. O Conselho estava certo. Depois foram-se os bens, os amigos, a família, a dignidade. Antes um bom clínico, exímio cirurgião; com o vício, um médico relapso, imprudente, negligente. Agora descarregava e empilhava sacos e tijolos.

A rua está deserta e as poucas lâmpadas que resistiram à mira certa de depredadores boêmios iluminam a calçada estreita e suja, vítima da vizinhança, centro miserável, pseudointelectual, aproveitadores e políticos banidos da vida pública pela corrupção. Tropeço em um entulho qualquer que não

consegui discernir na escuridão, digo qualquer meia dúzia de palavras impróprias propícias à ocasião, em intensidade similar à dor sentida no hálux, abscedado pelo encravamento ungueal, atingido no pequeno acidente. Equilíbrio a garrafa, que quase caiu pondo em risco meu último gole.

Mais adiante uma janela do andar superior do antigo sobrado se abre e uma senhora mais antiga ainda, cabelos raleados grisalhos despenteados e esvoaçantes, por certo despertada pelos palavrões há pouco proferidos, ralha, chama-me de vagabundo, bêbado, outras duas ou três palavras que não consegui distinguir, mas sem muita curiosidade pra isso. Sua esclerose e mediocridade a fazem desferir um cuspe volumoso que me acerta o ombro. De imediato vejo o catarro amarelado (onde, em meio às raiais de sangue, consigo ver as micobactérias em proliferação), escorrendo pelo terno velho e empoeirado — o próprio bolso impede que ele atinja o chão. Minha piedade pela sociedade corrompida se estende àquela

velha medonha tuberculosa. Perdi a vontade de beber.

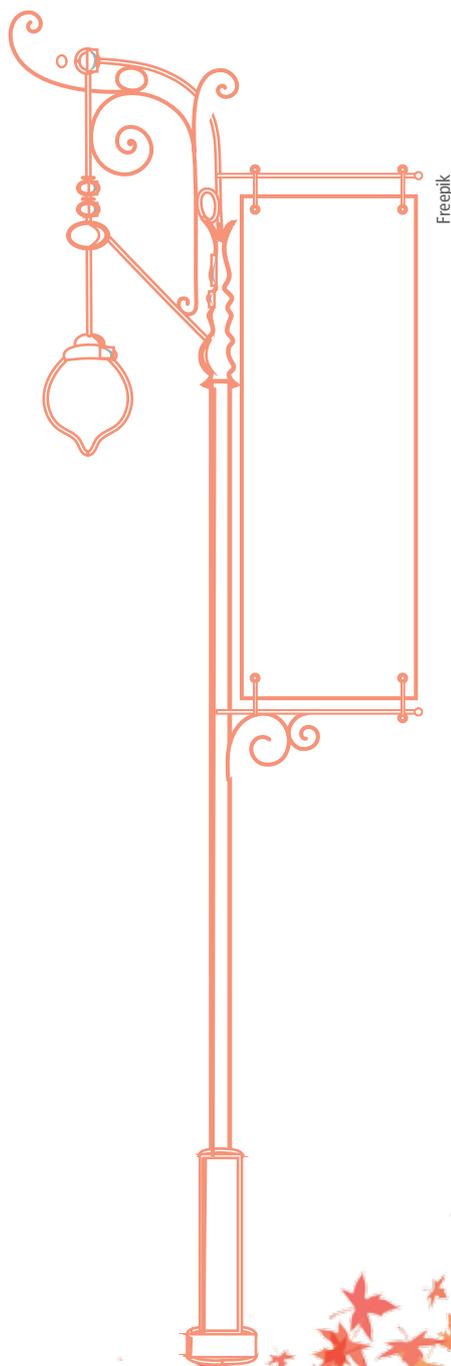
A rua aos poucos fica mais íngreme e o vento gelado ainda esfria o meu corpo febril, minha garganta dói e meus olhos lacrimejam, o nariz escorre, pouco mais claro que o adorno que levo ao ombro. Minhas costas aos poucos sentem o peso do velho corpo, os passos cada vez mais curtos, o pescoço encurvado e a face enrugada. Os chatos, tratados no mês passado, voltam a infestar meus genitais, e o prurido intenso escarifica minha bolsa escrotal, as áreas sangrentas provocadas pela infestação atual contrastam com as cornificadas pelo prurido crônico.

Apresso os passos e contorno pelo outro lado a entrada do bar onde devo modesta soma. Um cachorro denuncia minha presença com latidos agudos e, percebendo minha fragilidade, ameaça-me; a corrida, apesar das juntas artrósicas, é inevitável. Três quadras adiante, duas pedradas afastam minhas canelas secas daqueles caninos afiados, mais brilhantes

que os meus. O suor escorre frio, minhas pernas latejam e meu peito dói, queima, as coronárias enrijecidas, pareço sentir o frêmito do meu sangue acidótico passando pelos estreitamentos das placas ateromatosas com dificuldade; a falta de ar me sufoca.

Continuo nos meus costumeiros passos quando a chuva fina começa a cair. Finalmente chego ao ponto do ônibus, minha mão busca a diária do dia de trabalho e humilhação no bolso da calça, mas só encontra um rasgo enorme até então nunca percebido. Meu entusiasmo é maior, resolvo seguir a pé, caminhando com mais cuidado, pois a sola do imprestável sapato se descolou na intempestiva arrancada.

Dobro a esquina, outra ladeira, a chuva agora é mais forte.



Medicina é Medicina é...

↳ Dra. Nicole Alessi (Pseudônimo – **Col Stone**)
↳ e-mail: alessinicole@hotmail.com

O ser humano é movido pela busca de satisfações. Alguns a encontram nas realizações pessoais e bens materiais, outros vivem buscando-as sem nunca achar, enquanto a Medicina faz com que a realização do próximo seja a sua própria satisfação.

Ao adentrarmos na escola de Medicina, deparamo-nos com livros intermináveis, noites sem dormir, com a pressão de ter um conhecimento aparentemente inatingível. Precisamos aprender a lidar com a cobrança social, que nos questiona sobre patologias de que nunca sequer ouvimos falar. Começamos a refletir sobre nossas escolhas, sobre o futuro, e principalmente sobre o nosso tempo. Esse pensamento nos atormenta, e muitas vezes queremos desistir de

tudo e refazer nossas escolhas, para buscar algo que nos satisfaça de imediato.

Tudo isso porque, no início, acreditamos que seremos heróis capazes de revolucionar o mundo, quando, na verdade, percebemos que os heróis da Medicina bemos que os heróis da medicina não somos nós, mas sim todos aqueles que necessitarão dela, e de nós.

A Medicina é uma escola, onde nos são dadas lentes que permitem enxergar o próximo com os olhos do coração. Com elas, aprendemos que a satisfação da vida de algumas pessoas pode estar pautada na cura. Percebemos que a maior insatisfação não é a dor física, mas sim a dor espiritual. Conhecemos pessoas pobres... Pobres de atenção, de carinho, de satisfações

em sua vida. Muitas vezes temos a oportunidade de ser curadores da alma, mas incapazes de curar o corpo. Temos a oportunidade de ver pessoas aproveitando seu último tempo, perdendo e sendo perdoadas, aproveitando suas famílias e sua vida como se fosse a última vez, renascendo... E não poderemos fazer nada para prolongar este tempo.

Sentimo-nos fracos, incapazes, impotentes. Mas se tudo isso nos arrancar uma lágrima, seja de alegria ou de tristeza, estaremos satisfeitos. Satisfeitos pelas oportunidades de participar de mo-

mentos, de mudá-los, de vivenciar a cura. Satisfeitos por ver vidas começarem e terminarem, mesmo sem entender por que este ciclo não permite interferências. Satisfeitos por usufruir da Medicina em prol do ser humano. Satisfeitos por ter dado a nossa própria satisfação, para arrancar lágrimas e, principalmente, por construir sorrisos.

Só então perceberemos que o essencial da Medicina não é o conhecimento. Ela é feita de erros, de tristezas, de decepções, mas é marcada principalmente pelo renascimento de almas, e delas, a satisfação!



Freepik

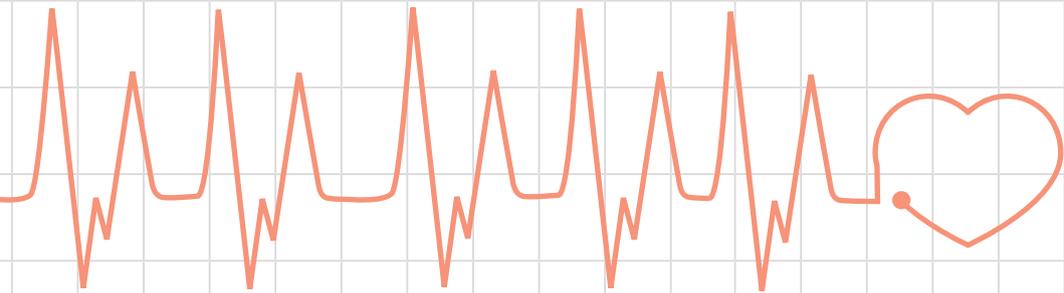
Infarto

Dr. Ivan José Cardoso Frey (Pseudônimo - **Poema Veloz**)
e-mail:ivanfrey@hotmail.com

A morte espreita

- sorrateira -

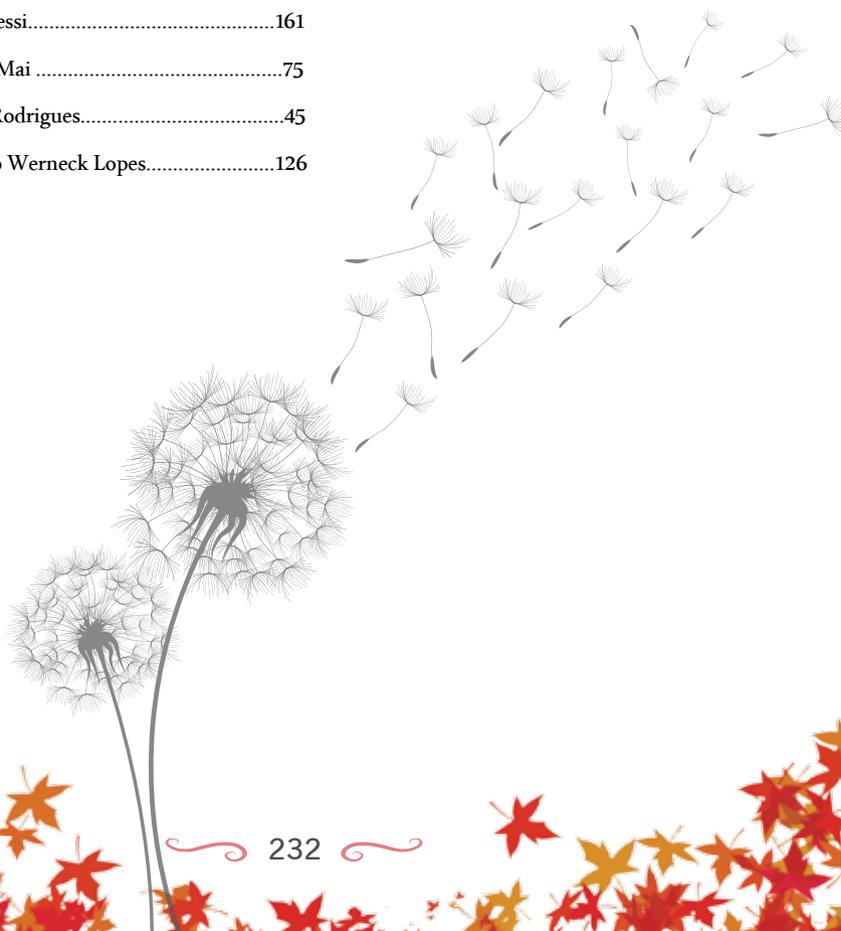
a coronária estreita.



Índice Remissivo

Adriana Utida.....	122	Edival Perrini.....	121
Agostinho Bertoldi.....	144	Edu Giacomini.....	107
Alanna Camargo.....	70	Eloiza Gabriela Linke.....	207
Aline Dranka.....	124	Elvio Tuoto.....	51
Aline von Bathen.....	134	Emily Moraes.....	164
Ana Beatriz Damiani Ferreira.....	184	Fábio Uesu.....	191
Ana Flávia Fillus Tinos.....	47	Gilmar Mereb Chueire Calixto.....	194
André Guimarães.....	130	Helena Lúcia Zidan Sória.....	147
Aristides Schier da Cruz.....	157	Isadora Cavenago Fillus.....	60
Aurélio Ribeiro.....	218	Ivan José Cardoso Frey.....	231
Aysla Rinaldo.....	141	Jaber Farah.....	131
Bruna Fernanda de Castro.....	95	Jacemar Cristina da Costa.....	67
Caio Cesar Silva de Castro.....	90	Jaqueline Doring Rodrigues.....	116
Carlos Eduardo Merss.....	64	Jeanine Berbel.....	113
Carlos Frederico Almeida Rodrigues.....	24	João Batista Marchesini.....	49
Carlos Homero Giacomini.....	54	Jorge Timi.....	158
Carlos Magno Guimarães.....	40	Juliana Santos.....	111
César Lopes.....	201	Laoane Guimarães.....	205
Cesar Machado.....	79	Leotil José Zardo.....	93
Cláudio Franck.....	35	Lorivaldo Minelli.....	151
Clovis do Valle.....	177	Lourimar de Moura Moreira.....	231
Daniel Alves de Mello.....	138	Luciana Ballardin.....	41
Deisy Brigid de Zorzi Dalke.....	69	Luiz Antonio Sá.....	217
Deraldo Mancini.....	57	Luiz Garcia.....	42

Mailin Bragato.....	104	Renata Pullig Lucio.....	181
Manuel Maria Ramirez y Anguita.....	92	Ribamar Leonildo Maroneze.....	225
Marcelo Gonzada de Santana.....	170	Rogério de Fraga.....	198
Mariana Monclaro Puppi Cardoso.....	163	Ruy Macedo.....	101
Marta Ribeiro.....	82	Tania Hegler.....	99
Matheus Kahakura.....	211	Thalita Bento Talizin.....	209
Maurício Norberto Friedrich.....	187	Valdir Furtado.....	26
Meiri Janz.....	183	Victor Silva.....	139
Milena Santana.....	43	Victória Ampessan Damas.....	86
Milton Bocato.....	223	Wesley Ricardo da Silva.....	119
Neide Calixto.....	161	William Feres.....	72
Nicole Alessi.....	161		
Paulo H. Mai.....	75		
Raphael Rodrigues.....	45		
Reginaldo Werneck Lopes.....	126		



Desde o início apoiamos a ideia do desenvolvimento deste concurso e principalmente a possibilidade de edição desta obra. Afinal de contas, da mesma forma que o médico não pode viver somente do seu cotidiano técnico, uma universidade também não deve ser tão sisuda.

Por isso, dar voz a voz ao pensamento daqueles que ousaram brincar com as palavras para trazer a público coisas que brotaram no seu íntimo é imensamente gratificante, pois percebemos que, uma vez provocados, muitos de nossos colegas se revelaram verdadeiros artistas e responderam de forma primorosa ao desafio que lhes foi lançado.

Contem sempre com a Universidade Corporativa da Associação Médica do Paraná. E tenham em mente que educação e cultura são a nossa razão de existir.

Dr. Jose Fernando Macedo –
Presidente da UCAMP

Realização



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

Apoio



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-92804-02-2



9 788592 804022